

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO - PPPGI
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - CCSO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DO ENSINO DA EDUCAÇÃO
BÁSICA (PPGEEB)

CORPO E DIVERSIDADE:
POSSIBILIDADES ATRAVÉS DA DANÇA NA
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

ÉRICA DA SILVA PINTO



SÃO LUÍS
2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO - PPPGI
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - CCSO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DO ENSINO DA EDUCAÇÃO
BÁSICA (PPGEEB)

ÉRICA DA SILVA PINTO

CORPO E DIVERSIDADE: possibilidades através da dança na Educação Física
escolar

São Luís
2020

ÉRICA DA SILVA PINTO

CORPO E DIVERSIDADE: possibilidades através da dança na Educação Física escolar

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB) como requisito para o Título de Mestra em Educação - Gestão de Ensino da Educação Básica.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Assunção Viana.

São Luís
2020

Pinto, Érica da Silva.

Corpo e diversidade: possibilidades através da dança na Educação Física escolar / Érica da Silva Pinto. - 2020.

157 f. il.

Orientador(a): Raimundo Nonato Assunção Viana.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica/CCSO, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2020.

1. Corpo. 2. Dança. 3. Diversidade. 4. Escola. I. Viana, Raimundo Nonato Assunção. II. Título.

CDU

ÉRICA DA SILVA PINTO

CORPO E DIVERSIDADE: possibilidades através da dança na Educação Física escolar

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB) como requisito para o Título de Mestra em Educação Gestão de Ensino da Educação Básica.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Assunção Viana.

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Raimundo Nonato Assunção Viana. (Orientador)
Dr. em Educação (PPGEEB/UFMA)

Elisa Maria dos Anjos (1ª Examinadora)
Drª em Memória Social (PPGEEB/UFMA)

Rosie Marie Nascimento de Medeiros (Examinadora externa)
Drª em Educação (PPGEF/UFRN)

A meu filho Bento Mina, para que, quando possível, entenda que a educação salva vidas. A meu marido Alisson Mina, por me dar forças e contribuir para que tudo isso fosse possível. A meus pais e irmãos, por serem minha primeira família e por cuidarem de mim e da minha família, enquanto cuidava deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradecer: mostrar ou manifestar gratidão, render graças, reconhecer. É importante reconhecer e agradecer por tudo, e agora não poderia ser diferente. “A gratidão é a memória do coração” (Autor desconhecido).

A Deus por tudo e por todos (as) que tem colocado em meu caminho. Sem a presença de Deus seria impossível dar seguimento a esta pesquisa depois de todo o turbilhão de acontecimentos nos últimos dois anos. ELE sabe de todas as coisas, e independente de risos ou choro, sempre serei grata.

Gratidão ao orientador Raimundo Nonato Viana, a quem tenho um imenso carinho e apreço. Obrigada por ser mais que um orientador, por ser um grande amigo e por ser fonte de inspiração e força constantes. Muito obrigada por tua existência e por compartilhar o mundo da cultura corporal comigo e com todos que fazem parte do nosso lindo grupo, especialmente a linha de corpo e cultura.

Alisson e Bento, a vocês dois, meu muito obrigada. Os amo incondicionalmente.

Gratidão a minha primeira família, meus pais, Sônia e Wilson, a quem devo grande parte do suporte para que eu conseguisse produzir. Aos meus irmãos (Fábio, Marcos e Guto), muito obrigada por compreenderem a presença diária de nossos pais em minha casa, por torcerem por mim, por me amarem, por serem exatamente quem vocês são, tenho muito orgulho de tê-los. Que possamos estar mais próximos uns dos outros.

Agradeço, de forma especial, minhas amigas e comadres, Camila Pereira e Débora Campos, por se fazerem presentes, mesmo na distância, pela força e amizade sincera.

Agradeço de forma especial, meus amigos do Grupo de Estudos e Pesquisas Pedagógicas em Educação Física – GEPPEF – UFMA, por serem inspiradores, resistentes e grandiosos. Vocês fortalecem e engrandecem o universo da pesquisa. Obrigada por me permitirem fazer parte desta linda família, a quem devo também, parte de minhas conquistas. Em especial, agradeço Nonato Viana, Silvana Martins, Camila Fernanda, Rafaelle, Aline Andrade, Pablo, Higor, Paulo Vitor, Ana Tereza, Rarú, Anamarília, John, Ana Paula, Efraim, Laina, Chica linda e Marileide.

Não poderia deixar de citar e agradecer a esse pequeno grupo, que conheci no mestrado e que me fortaleceu todos os dias. A vocês, Rosy, Otainan, Thaliana e Yuri, meu muito obrigada, por serem o abraço, o sorriso, a mão amiga, a palavra de encorajamento. Vocês me fazem acreditar todo dia em um mundo melhor, meus “potinhos de igualdade”.

Preciso agradecer também, a toda equipe do SESI – Escola Anna Adelaide Bello, por me permitirem ficar um ano longe da escola para conquistar meu sonho do mestrado. Em especial meu grupinho de sempre e para sempre, Leide, Márcia Raquel, Helena Márcia, Simone, Eliana e Leonice. Vocês me inspiram amor, amizade e força.

Gratidão também a equipe do curso de Educação Física da Faculdade Pitágoras. Obrigada pela oportunidade de poder ensinar e aprender, compartilhar e receber conhecimento todos os dias. Lecionar no ensino superior é um grande desafio, obrigada por me desafiarem.

Por fim, e não menos importante, agradeço a todo corpo docente do PPGEED, pela oportunidade em fazer parte do programa, pelas trocas nas aulas, pela oportunidade de ampliação de conhecimento e por todos os momentos de aprendizado. Em especial, aos professores que participaram do momento de qualificação, professora Sirlene Mota e professor Samuel Velásquez, por contribuírem de maneira tão significativa para a construção desta escrita. Nunca sabemos tudo. Sempre tem algo novo a ser aprendido, a ser compartilhado.

“O mundo é isso – revelou. –
Um montão de gente, um mar de fogueirinhas.
Cada pessoa brilha com luz própria entre todas as outras.
Não existe duas fogueiras iguais.
Existem fogueiras grandes
E fogueiras pequenas
E fogueiras de todas as cores.”
(GALEANO, 2002, p. 11).

RESUMO

Esta escrita, trata sobre a dança na escola, destacando a pluralidade como temática, pautados principalmente na diversidade, pensando uma articulação entre valores, como respeito com o que é diferente do “eu”, com alunos/as do primeiro ano do ensino médio, na escola de aplicação da UFMA, o Colégio Universitário. O objetivo desse estudo foi compreender o contexto da diversidade dos corpos no ambiente escolar, tendo em vista a elaboração de uma proposta metodológica, por meio da dança nas aulas de Educação Física, que atenda à diversidade corporal na escola, bem como, a temas emergentes desse corpo em movimento na sociedade. Na primeira sessão, nos reportamos às reflexões sobre os conceitos de corpo. Fazemos uma relação desse corpo com a dança na escola e apresentamos o resultado de uma busca, caracterizada como “Estado da Arte”, que foi de extrema relevância para compreendermos onde estávamos querendo ir, podemos dizer que foi a nossa “luz no caminho”. Na segunda sessão, Falamos sobre a dança do corpo/o corpo da dança. Nos permitindo questionar sobre os aspectos que determinam qual é o corpo que dança na escola. Quem ou o que determina quem pode ou não dançar? Apresentamos, ainda nesta sessão o resultado do nosso primeiro contato com os alunos do nosso campo de pesquisa. Que foi importante para que pudéssemos compreender os sujeitos e traçar nossas metas. Em seguida, apresentamos por onde andamos (nossa metodologia) e para onde esses caminhos nos levaram, expondo as falas dos sujeitos da pesquisa e nossas reflexões. Finalizamos esta escrita nos permitindo (in) concluir nossas percepções e falar sobre o que foi gerado de todas essas experimentações, além de apresentar nosso produto (Caderno de Orientações Pedagógicas), resultado de nossas oficinas. Ancoramos nossas ideias no conceito de corpo baseado nos estudos fenomenológicos de Maurice Merleau-Ponty e Terezinha Petrúcia da Nóbrega. Por compreender que seus estudos, nos permitem visualizar o corpo para além de suas estruturas anatômicas e fisiológicas, muito valorizadas e discutidas na Educação Física. Os olhares de Irla Diniz, Suraya Darido e Livia Tenório Brasileiro, na escola e na Educação Física alimentam nossas ideias para uma proposta onde a dança. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, caracterizada como pesquisa-participante. Como sujeitos da pesquisa, tivemos a participação de três professores de Educação Física e vinte e três alunos do primeiro ano do ensino médio. Nossos instrumentos de coleta de dados foram questionários abertos, oficinas metodológicas e observação. A interpretação dos dados aconteceu de forma empírica, através de quadros onde expomos as respostas de professores e alunos, além de textos produzidos ao final das oficinas e produção do Caderno de Orientações. O estudo concluiu que a abordagem do conteúdo dança nas aulas de Educação Física, permitiu uma ampliação e (re) construção dos conceitos de corpo e diversidade, contribuindo para a compreensão de que todo corpo dança.

Palavras-chave: Corpo. Diversidade. Escola. Dança.

ABSTRACT

This present study copes with the dance at school, by highlighting the plurality as its theme, based mainly on diversity, thinking of an articulation between values, such as respect for what is different from the "me" with students belonged to the first year of high school, in the school of application at UFMA, which is the University College. This work aims at understanding the context of bodies diversity within the school environment, with a view to the elaboration of a methodological proposal, through the dance in physical education classes, which meets body diversity at school, as well as to themes emerging from this body in motion within the society. In the first session, it was reported to reflections on body concepts. It was made a relationship of this body with dance at school and present the result of a search, characterized as "State of Art", which was extremely relevant to understand where we were supposed to go to, it can be inferred that it was our "light on the way". In the second session, it was discussed about the dance of the body/body of the dance. Allowing us to question the aspects that determine which body dances at school. Who determines who can or can't dance? It was presented, still in this session the result of our first contact with the students of our research field. Which was important so that we could understand the subjects and set our goals. Next, it was presented where we walk (our methodology) and where these paths led us, exposing the statements of the research subjects and our reflections. We conclude this writing has allowed us to conclude our perceptions and talk about what was generated from all these experiments, in addition to presenting our product (Pedagogical Guidance Notebook), the result of our workshops. We anchor our ideas in the concept of body based on the phenomenological studies of Maurice Merleau-Ponty and Terezinha Petrúcia da Nóbrega. Understanding that his studies allow us to visualize the body beyond its anatomical and physiological structures, highly valued and discussed in Physical Education. The eye s of Irla Diniz, Suraya Darido and Lívia Tenório Brasileiro, at school and in Physical Education feed our ideas to a proposal where dance. This study is composed of a qualitative research, characterized as a participant research. As subjects of the research, we had the participation of three physical education teachers and twenty-three students from the first year of high school. Our data collection instruments were open questionnaires, methodological workshops and observation. The interpretation of the data took place empirically, through tables where we expose the responses of teachers and students, as well as texts produced at the end of the workshops and production of the Guidance Notebook. The study concluded that the approach of dance content in physical education classes allowed an expansion and (re) construction of the concepts of body and diversity, contributing to the understanding that the whole body dances.

Keywords: Body. Diversity. School. Dance.

LISTA DE FOTOS

Foto 1 - Oficina “A arte do corpo inspirador”	13
Foto 2 - Ensaio: Sobre corpos que dançam	22
Foto 3 - Ensaio para Semana Maranhense de Dança 2019	34
Foto 4 - Ensaio: Sobre corpos que dançam	47
Foto 5 - Ensaio: Sobre corpos que dançam	51
Foto 6 - Ensaio: Sobre corpos que dançam	80

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Tabela com os resultados da busca no portal da CAPES	32
Quadro 2 - Apêndice A - Matriz nomotética dos alunos que responderam NÃO para a pergunta “Você já dançou na escola?”	43
Quadro 3 - Como você classifica seu conhecimento sobre corpo, diversidade e dança?	53
Quadro 4 - Você considera importante trabalhar o conhecimento sobre o corpo, diversidade e dança na escola?	54
Quadro 5 - O que considera importante que os alunos aprendam sobre corpo, diversidade e dança na escola?	55
Quadro 6 - Quais experiências teve com dança na escola?	56
Quadro 7 - Como vê a facilidade ou dificuldade do trabalho com dança na escola.....	57
Quadro 8 - Você já observou ou vivenciou alguma situação de dificuldade ou mesmo preconceito na escola, que envolvesse a temática corpo e diversidade?	58
Quadro 9 - Qual o conceito de corpo para você?	60
Quadro 10 - Qual o conceito de diversidade para você?	61
Quadro 11 - Já desenvolveu atividades de dança na escola ou em outro espaço?	62
Quadro 12 - Já vivenciou ou presenciou alguma situação negativa em relação ao (s) corpo (s) na escola? Comente.....	63
Quadro 13 - Você considera importante abordar conhecimentos sobre corpo, diversidade e dança na escola? Porquê?	64
Quadro 14 - O que considera importante aprender sobre corpo, diversidade e dança na escola?	65
Quadro 15 - Você tem alguma dificuldade ou até mesmo algum preconceito em lidar com o tema corpo e diversidade? Comente.....	66
Quadro 16 - Você tem alguma dificuldade ou até mesmo algum preconceito em relação a atividade com dança na escola? Comente.....	68

LISTA DE SIGLAS

CAPES	– Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
COLUN	– Colégio Universitário
DRP	– Diagnóstico Rápido Participativo
SESI	– Serviço Social da Indústria
UFMA	– Universidade Federal do Maranhão

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	SOBRE CORPO.....	23
2.1	O corpo, a dança e a escola.....	26
2.1.1	Sobre corpo e diversidade através da dança na escola.....	31
2.1.2	Impressões após as buscas	32
3	O CORPO DA DANÇA / A DANÇA DO CORPO	35
3.1	Aprisionamento de corpos na escola	36
3.2	Os corpos que não dançam na escola.....	39
3.2.1	O que esses corpos nos falam	41
3.3	Dançar para se libertar na escola.....	44
4	METODOLOGIA DA PESQUISA	48
4.1	Vivências e Escrevências	51
4.1.1	DRP aplicado aos educadores (Apêndice B)	52
4.1.2	DRP aplicado aos alunos/as (Apêndice C)	59
4.2	Relatório das oficinas	69
4.2.1	A escrita dos corpos que não falam.....	75
5	CONSIDERAÇÕES SEM FINAL	81
	REFERÊNCIAS.....	84
	APÊNDICES	88



Foto 1 - Oficina "A arte do corpo inspirador" Fonte: Arquivo Pessoal

LUZ NO CAMINHO?

***"Quando tudo está perdido
Sempre existe um caminho
Quando tudo está perdido
Sempre existe uma luz..."
Renato Russo***

1 INTRODUÇÃO

O corpo é um território de incertezas, geradas no tempo e no espaço, onde habitamos e onde o mundo nos habita. Estamos o tempo todo, desde o início de nossa existência, influenciando e sendo influenciados pelo nosso ambiente e por todos que também estão nele. Quem são ou o que são nossos corpos?

No atual momento, as discussões sobre diversidade e diferença tem sido mais frequentes em nossa sociedade. Situações ligadas a diversidade são noticiadas todos os dias através da televisão ou de redes sociais. Infelizmente, na maioria dos casos, são situações relacionadas ao preconceito e que de alguma forma, diminuem alguém ou um grupo, simplesmente por serem “diferentes” ou não estarem dentro do que é chamado de um “corpo padrão”, ou “corpo padronizado” por determinadas normas sociais. O entendimento sobre o termo “Padrão” encontramos no dicionário Michaelis: “Aquilo que serve como regra para medidas de peso, valor, comprimento ou quantidade, oficialmente estabelecida por autoridade”; “Aquilo que tem forma, tamanho, dimensões mais comuns em sua categoria ou em seu gênero, modelo, tipo”; “Qualquer objeto ou formato a ser usado ou imitado como modelo, protótipo”. E no Campo da Educação Física, por vezes, o modelo padrão de corpo se configura como uma superfície que pode ser transformada, geralmente em um modelo que já existe. Indivíduos estão cada vez mais em busca da “sua melhor versão”, que na verdade é similar a versão de outras pessoas. Corpos musculosos para os garotos, ou cheio de curvas para as meninas.

Negro, branco, pobre, rico, gordo, magro, cristão, ateu, bonito, feio, homem, mulher... categorias da diversidade, que nos classificam, dizem muito e também pouco. Estamos inseridos em várias categorias, alguns se identificam, outros não. Mas isso não quer dizer/não deveria dizer a forma como deveríamos ser tratados. A lógica da igualdade humana cai por terra.

Independente de todas essas categorias. Quem define o quê ou quem é diferente? O diferente sou eu? É você? Somos nós? Como? Porque? Quais são as normas que determinam que eu ou o meu grupo somos os diferentes? A lógica não seria sermos todos tratados como iguais, mesmo diante de nossas diferenças?

Ao pensar a dança dentro da escola, de acordo com nossa experiência, o que desenhamos em nossa mente são os corpos considerados belos em movimento. Isso tudo nos momentos festivos. Na escola, nem todos os corpos

dançam. O diferente do que é dito como belo ou perfeito nos parece não ter essa permissão. Isso tudo nos incomoda, nos inquieta.

Essas primeiras inquietações em autores que discutem sobre a dança na escola (em especial na Educação Física, a citar entre estes Livia Tenório Brasileiro, Irlla Diniz e Suraya Darido) reforçam o que observamos, vimos e ouvimos.

Brasileiro (2002-2003), em uma pesquisa sobre o conteúdo dança na escola constata que ao consultar os professores de Educação Física da rede estadual de ensino, puderam reconhecer elementos já apresentados na literatura específica sobre a dança, que já conta com um pequeno acervo bibliográfico no espaço escolar, especialmente na Educação Física. As respostas obtidas nos questionários aplicados nesta pesquisa, mostraram que nenhum dos que responderam trata o conteúdo “dança” nas aulas de Educação Física e apenas um indica recorrer à dança em festividades e datas comemorativas. Esse resultado nos remete a reflexões acerca da prática de dança nas escolas, principalmente por constatar que nesses eventos festivos na escola, nem todos os corpos são contemplados. Assim, esses momentos com a dança não podem ser chamados de inclusivos, e assim, constatamos a dificuldade em lidar e compreender os corpos diversos, seja na perspectiva de gênero, da estética, das questões sociais ou étnicas.

Ao refletirmos sobre corpo em qualquer espaço, mas aqui, especialmente o corpo na escola, nos deparamos com grupos, que são diferentes de variadas formas. Sobre, Diniz e Darido (2012), destacam a heterogeneidade como uma característica dos seres humanos exaltada pelo multiculturalismo. Porém, de forma histórica, o diferente sempre foi alvo de discriminação e preconceito. E o que é diferente do que se destaca como “padrão” acaba sendo marginalizado e tratado de maneira preconceituosa. Diniz e Darido (2012) ainda destacam a importância de refletirmos sobre o assunto no interior das instituições escolares, afirmam ainda que esta necessidade se trata de uma urgência social.

Em nossa realidade, vivida na escola, as afirmações das autoras citadas são reforçadas. A dança estava lá nos momentos festivos apenas e não era para todos os corpos. Os/as bonito/as na frente. Os demais, pareciam estar presentes para completar a fileira. Nesse sentido, o presente trabalho busca a elaboração/construção de uma proposta metodológica no ensino da dança na escola com vistas a atender a diversidade de corpos.

Este corpo aqui sempre quis ser muitos, desde bem cedo, nas conversas com o avô debaixo da mangueira no quintal. Falávamos de muitas coisas, ouvia histórias dele e em meio as conversas sempre vinha a pergunta: o que ser quando crescer?

A resposta? Policial, médica, dentista, professora, bombeira... sempre quis ser muitas. Porém, nunca me identifiquei dentro das questões de diversidade ou multiplicidade corporal. Na verdade, nem sabia o que era tudo isso. Quis dançar, ser bailarina. E fui! No corredor, na sala, na cozinha da casa de meus pais, dançava enquanto ninguém via. O corpo que fui criança e adolescente só dançava escondido. Porque dançar “não era para garotas como eu”, era o que este corpo pensava ou, o que a sociedade o fazia pensar.

Aos poucos fui me descobrindo diferente da pior forma. “Seu cabelo é feio.” Opa! “Você é preta.” Vai ter desfile na escola na festa junina, mas quem vai desfilar? “Eu não vou.” Por diversos motivos que hoje me vem à mente, com uma sensação infinita de que tudo isso poderia ter sido bem diferente. Mas não foi.

Festa do dia das mães. Todos os alunos organizados para cantar. Maiores atrás e menores na frente? Parecia mais “feios atrás e bonitos na frente”. Eu não estava no pacote do padrão de beleza para ficar na frente nas apresentações.

Dançar na escola? Tirando os eventos comemorativos onde os alunos apresentavam algo que a professora passava dias ensinando, não recordo de mais nada. Só lembro de ter visto nas aulas de Educação Física quatro esportes coletivos de quadra. Na aula de artes? Tinta... muita tinta.

Na Escola de Ensino médio, tudo se repete. Mas houveram mudanças, eu precisava me adaptar. Então... cabelo alisado! “Que linda!” Olhares mudaram (mas não muito). Dança na escola? As festas juninas estavam ali pra isso. Mas dançar? Na escola? “Nem pensar!”, “Nem pagando!”

Medo, vergonha. “Eu não sei dançar. Vão sorrir de mim. Eu vou errar tudo. Não tenho cabelo comprido. Mostrar as pernas finas, nem em sonhos!”

Graduação... Licenciatura Plena em Educação Física, disciplina: Ritmo e Expressão... dançamos! disciplina: Dança... dançamos! Não doeu, foi divertido. Mas foi a portas fechadas. A turma toda dançou, claro, valia nota. Mas foi divertido.

Primeiro emprego. Escola. Plano anual. Inclui dança. Não pode! A religião não permite, a escola era da igreja. Não pode! Próximo emprego. Escola. Plano

anual. Inclui dança. Pode! Vamos aproveitar para ensaiar os alunos para o São João. Sério? Sim. Próximo... Escola... Plano anual... dança... Pode. Vamos fazer um festival? Vamos! Primeiro festival de dança na escola. Alguns alunos dançaram porque valia nota. Outros deram um jeito para não dançar, por diversos motivos, vergonha, religião, medo do julgamento dos colegas, ou diziam simplesmente não saber dançar, mesmo depois das aulas teóricas e conversas sobre a afirmação de que dança é movimento, então todo mundo sabe dançar.

Abordar esse conteúdo na escola não foi (é) uma tarefa fácil. Precisamos superar as compreensões vigentes sobre o corpo e sobre a dança. Compreendendo que todo corpo é capaz de dançar e que não precisamos ser bailarinas/os para abordar o conteúdo dança na escola. Mesmo diante de todas as dificuldades a dança sempre esteve presente em nosso planejamento. Porém, ao recordar dos anos na escola, em nenhum momento houve lembrança da abordagem do conteúdo dança enquanto eu era aluna.

Depois do primeiro festival de dança na escola (realizado na Escola SESI em São Luís, até então, nosso local de trabalho) vieram outros. Chegamos no nível superior (tendo a oportunidade de trabalhar com a disciplina Dança, no curso de Licenciatura em Educação Física, na Faculdade Pitágoras São Luís) e lá também construímos os festivais, tentando fazer com que os alunos da graduação em Educação Física também comessem a enxergar a dança a partir de outros olhares.

Ainda na graduação nasceu o interesse pela linha temática de corpo e cultura. As leituras fizeram com que fosse tomado um direcionamento para estudar o corpo para além de sua estrutura física, para além da anatomia, fisiologia e todas as outras áreas que estudam o corpo estruturalmente. A linguagem corporal começou a ganhar um espaço maior.

Todas as barreiras da vida estudantil e até mesmo acadêmica causaram um desconforto que precisava ser resolvido. Porque percebi que o tempo passou, mas as problemáticas da vida estudantil continuavam a existir. Situações que manifestam o preconceito em suas mais variadas formas continuavam acontecendo. E agora isso era presenciado pelo olhar de professora. Daí nasce a necessidade de possibilitar um enfrentamento dessas situações problema dentro da escola, na intenção de abrir os olhos da comunidade escolar sobre o respeito às diferenças, sobre o entendimento de que o corpo (qualquer corpo) pode tudo, inclusive dançar.

Nos festivais de dança na escola sempre ouvia falas dos alunos que remetiam a ideia de que o outro não servia para dançar. A postura foi sempre a de que todas eram importantes, de que todos podiam participar independente de suas características, quaisquer que fossem elas.

Aquele corpo franzino e amedrontado que fui outrora, cresceu e entendeu que não havia problemas em ser diferente da maioria. Que não havia problemas em ser um corpo negro, magrelo, de cabelo crespo. São essas e todas as outras características que me fazem ser eu. Igual a todo mundo e ao mesmo tempo totalmente diferente.

Aquele corpo franzino e amedrontado que veio da periferia ganhou poder de fala. Foi para a sala de aula, ganhou espaço para falar e começou a mediar discussões para que a compreensão de corpo construída pelos alunos ultrapassasse as ideias que levavam a uma padronização de corpos. Começou a ver que os alunos/ as alunas começaram a se identificar, a se inspirar e entender que também podiam. Este corpo sou eu, que hoje planeja usar a dança para combater diversas formas de preconceito, com o outro e consigo mesmo (a). Que planeja e sonha ver corpos livres, que se respeitam e respeitam o outro. Que sabem que podem tudo e que esse tudo não precisa ser alcançado da mesma forma das outras pessoas.

Esse corpo sou eu, Érica Pinto, mulher, mãe, filha, professora, aluna, fotógrafa amadora e apaixonada pela dança. Tudo isto me permiti dançar e ensinar dança na escola.

Esta temática aflorou em decorrência de diversas situações-problemáticas observadas no ambiente escolar, e que envolvem o contexto da diversidade, da compreensão do próprio corpo e do corpo do outro, dos conceitos pré-definidos e que são motivos de ações desrespeitosas e disseminadoras de preconceito em suas mais variadas nuances (gênero, étnico-racial, estético, social), externando a dificuldade em lidar com o corpo diferente.

As experiências supracitadas encontram ressonância em Salles e Silva (2008) quando esses autores afirmam que a forma como o outro é percebido define as nuances das relações interpessoais. Dizem ainda que a sociedade categoriza as pessoas de acordo com o que considera comum e natural para um grupo social, um status social, uma faixa etária. E que nossas concepções pré-concebidas sobre

esses grupos são transformadas em expectativas e normas e que nós esperamos que as pessoas se comportem de acordo.

Neste sentido, questionamos: Existe dança na escola? Se existe, qual é o corpo que dança na escola? Todos os corpos são contemplados nessas danças?

A presente reflexão, busca abordar a dança na escola, destacando a pluralidade como temática, pautados principalmente na diversidade, pensando uma articulação entre valores, como respeito com o que é diferente do “eu” e a apreciação das mais variadas manifestações culturais. Assim, nosso objetivo geral neste estudo é compreender o contexto da diversidade dos corpos no ambiente escolar e propor uma metodologia, por meio da dança nas aulas de Educação Física, que atenda à diversidade corporal na escola, bem como, a temas emergentes desse corpo em movimento na sociedade.

Para tanto, nos reportamos ainda; investigar como os professores de Educação Física abordam o estudo através da dança na escola e qual sua compreensão acerca da proposta de abordagem da diversidade de corpos por meio da dança. Nesta etapa consideramos ser importante, inicialmente, conhecer os professores e alunos e saber que experiência eles têm ou não com o nosso objeto. Identificar a compreensão que os alunos têm acerca da temática “corpo e diversidade”, propor experimentações através de oficinas para avaliar continuamente todo o processo, para então construir o produto da pesquisa. Elaborar como produto um Caderno de Orientações, direcionado a professores, baseado nas experiências desenvolvidas no local da pesquisa.

Todos os questionamentos citados anteriormente nos levam a pensar que dançar na escola pode ser algo que leve os alunos muito mais além do que, simplesmente, movimentar seus corpos ao som de uma música. Que os/nos leve a uma reflexão a respeito de seus corpos e, nas diferenças e possibilidades do outro, criando valores importantes para um ambiente mais saudável na vida em sociedade.

O mundo em permanente transformação nos exige novos olhares, posicionamentos e direcionamentos, para que assim possamos acompanhar o movimento da sociedade sem deixar de cumprir com nossas responsabilidades enquanto educadores. Inclusive, combater o preconceito, atualmente ainda presente de forma latente em nossa sociedade, mesmo que velado, mascarado, reprimido.

Pensar o corpo na dança e despertar reflexões acerca da multiplicidade de corpos que compõem o ambiente escolar e a sociedade de forma geral não é

uma tarefa fácil ou simples. Há a concorrência dos modismos, dos conceitos pré-concebidos, dos estereótipos ditados pela sociedade e que são baseados na biologia humana, se permitindo dizer quem são e o que podem ou não fazer (“dança é coisa de menina”, “samba é coisa de preto”, “quem usa cadeira de rodas não dança”). Foucault(1987) diz que o corpo está preso em qualquer sociedade, lhes são impostas limitações, proibições ou obrigações. O autor afirma que não se trata de cuidar do corpo, mas exercer sobre ele uma coerção, mecanizando seus gestos e atitudes, por exemplo.

Porém, a ideia central parte do pressuposto que os conceitos concebidos de maneira prévia podem ser desmistificados a partir da vivência em determinadas situações. Através da dança, nas aulas de Educação Física na escola, propomos despertar o corpo dançante para a compreensão do eu e do outro para além de suas características físicas, conhecer suas histórias, seus modos de perceber seu corpo, o outro e o mundo.

Assim, a relevância deste estudo firma-se num contexto social e educativo, ancorada na ideia central de que a dança na escola pode ser utilizada para falar da diversidade dos corpos e quebrar barreiras e *pré-conceitos* relacionados a pluralidade corporal na sociedade. Colaborando para a construção de um ambiente mais justo, rico em valores e atitudes de respeito, proporcionando uma melhor convivência no ambiente escolar e, também, fora dele.

Para tanto, ancoramos nossas ideias no conceito de corpo baseado nos estudos fenomenológicos de Maurice Merleau-Ponty e Terezinha Petrúcia da Nóbrega. Por compreender que seus estudos, nos permitem visualizar o corpo para além de suas estruturas anatômicas e fisiológicas, muito valorizadas e discutidas na Educação Física. Os olhares de Irla Diniz, Suraya Darido e Lívia Tenório Brasileiro, na escola e na Educação Física alimentam nossas ideias para uma proposta onde a dança esteja no interior das escolas de uma forma mais significativa e diária até, necessária. Além disso, nos apoiamos na metodologia de Laban¹, na intenção de compartilhar nas escolas, uma dança que contemple todos os corpos e que valorize pessoas, não suas características.

¹ Rudolf Von Laban (1879-1959), coreógrafo e dançarino, apresentou um programa em forma de livro, em 1948, na Inglaterra, intitulado Dança Educativa Moderna. O autor usou este termo em contraposição à técnica rígida e mecânica que tomava forma no ensino do balé na época. Para Laban, a criança e o adolescente deveriam ter a possibilidade de conhecer, explorar, sentir e expressar sua subjetividade enquanto dançavam, o que caracterizaria uma aula “educativa” (MARQUES, 2011, p. 88).

Assim, na primeira sessão, nos reportamos às reflexões sobre os conceitos de corpo. Fazemos uma relação desse corpo com a dança na escola e apresentamos o resultado de uma busca, caracterizada como “Estado da Arte”, que foi de extrema relevância para compreendermos onde estávamos querendo ir, podemos dizer que foi a nossa “luz no caminho”. Na segunda sessão, falamos sobre a dança do corpo/o corpo da dança. Nos permitindo questionar sobre os aspectos que determinam qual é o corpo que dança na escola. Quem o que determina quem ou pode ou não dançar? Apresentamos, ainda nesta sessão o resultado do nosso primeiro contato com os alunos do nosso campo de pesquisa. Que foi importante para que pudéssemos compreender os sujeitos e traçar nossas metas. Em seguida, apresentamos por onde andamos (nossa metodologia) e para onde esses caminhos nos levaram, expondo as falas dos sujeitos da pesquisa e nossas reflexões. Finalizamos esta escrita nos permitindo (in)concluir nossas percepções e falar sobre o que foi gerado de todas essas experimentações, além de apresentar nosso produto (Caderno de Orientações Pedagógicas), resultado de nossas oficinas.



Foto 2 - Ensaio: Sobre Corpos que Dançam. Fonte: Arquivo Pessoal.
Rodrigo Pestana – Professor de Educação Física e bailarino.

CORPO? O QUE É CORPO?

***“Ao quebrar o silêncio
a linguagem realiza o que o silêncio pretendia
e não conseguiu obter.”
Maurice Merleau-Ponty***

2 SOBRE CORPO

O que é um corpo? Quem são os corpos? Com base em nossas investigações, observações e experiências, arriscamos dizer que corpo, para alguns é local de fala, meio de comunicação, para outros esconderijos.

Sendo assim, decidimos, se nossos corpos falam ou calam. Quando nos mostramos e quando nos escondemos. Porque os nossos corpos, são o nosso lugar no mundo. Porém, dizer isso, não define de fato o que é corpo. Principalmente por acreditarmos que esse conceito é construído ao longo do tempo por diversos olhares e diferentes áreas de conhecimento.

Mas corpo também é lugar, e sendo assim, podemos dizer que “no corpo estão inscritas todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contacto primário do indivíduo com o ambiente que o cerca” (DAÓLIO, 1995, p. 105).

Assim, afirmamos ser o corpo, nosso meio de comunicação com o mundo, que influencia o ambiente e que também é influenciado por ele.

Braunstein e Pépin (1999), também nos dão uma percepção de corpo, partindo de fatores que assim como defende Daólio, estão relacionados ao ambiente. Eles afirmam que o corpo não se mostra somente enquanto componente de elementos orgânicos, mas revela-se também enquanto construção social, psicológica, cultural e religiosa. Assim, está dentro da vida cotidiana, em nossas relações, é um meio de comunicação, porque permite nossa comunicação com o outro, através dos signos ligados à linguagem, gestos, roupas e instituições as quais pertencemos.

Corpo gesto, ação, emoção. O corpo que se mostra, que sente e que vive através do e pelo movimento. Corpo que independente de suas características pode tudo, inclusive dançar.

O corpo é também lugar de dúvidas, medos e inseguranças. Podemos afirmar que essa construção negativa é resultado do que absorvemos dos ambientes que frequentamos. Como afirmam Barbosa, Matos e Costa (2011), aprendemos a avaliar nossos corpos através da interação com o ambiente e com os outros. Assim, nossa imagem corporal é desenvolvida e reavaliada continuamente durante toda a vida.

Desta forma, pensamos nas impressões corporais resultantes daquilo que nossos sentidos podem captar do meio, sendo sensações boas ou ruins, nosso corpo é lugar onde imprimimos o que somos, desde a forma como somos construídos, desconstruídos e até mesmo transformados, positiva ou negativamente.

[...] hoje vive-se a revolução do corpo, valores relativos à beleza, saúde, higiene, lazer, alimentação, exercício físico, têm reorientado um conjunto de comportamentos na sociedade, imprimindo um novo estilo de vida, mais aberto à diversidade por um lado, mas mais narcísico e hedonista no que diz respeito à experiência do corpo. (BARBOSA, MATOS; COSTA, 2011, p. 32).

Assim, pensamos nesse contexto de mudança de comportamento e revolução de corpos de uma forma até contraditória. Muitos discursos de aceitação do outro e de suas diferenças, porém, os comportamentos da vida real não demonstram o mesmo, ainda vivenciamos e testemunhamos cenas de desrespeito e diminuição do outro, pelo simples fato de ser diferente do que é colocado/imposto como padrão.

Essas reflexões nos instigam a questionamentos sobre que corpos estão hoje na escola. Se esses corpos se conhecem e respeitam suas diferenças, se conhecem seus limites e se propõem desafios a si mesmos.

Hooks² (1999), usa a expressão “espíritos descorporificados” quando lembra da dicotomia corpo e mente, afirmando que nós, professoras e professores entramos em sala de aula como se apenas a mente estivesse presente, e por isso, lidávamos apenas com espíritos desprovidos de corpo. Em razão desta assertiva, nos perguntamos se os alunos também se enxergam apenas mente, se na escola seus corpos também são levados em consideração.

Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) filósofo fenomenologista francês, traz ideias valiosas sobre o corpo para nós, enquanto educadores. O filósofo defende a ideia de que somos uma totalidade, foge da dicotomia corpo e mente/alma. O autor diz que não somos fragmentos, não somos partes justapostas e que o corpo nos possibilita perceber o mundo e tudo que há nele. Para Merleau-Ponty, nosso corpo é pleno de subjetividade, podemos chegar ao conhecimento e tomar decisões na vida. “[...] não estou no espaço e no tempo, não penso o espaço e o tempo; eu sou no

²Bell Hooks é o pseudônimo da escritora, educadora, feminista e ativista social estadunidense Gloria Jean Watkins. A autora, por uma perspectiva pós-moderna, investiga questões relativas a raça, classe e gênero na pedagogia, na história da sexualidade e do feminismo e na cultura em geral. (AUTORES..., 2020).

espaço e no tempo, meu corpo aplica-se a eles e os abarca” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 95).

Assim, nos perguntamos que visão nossos alunos têm de corpo. Se seus corpos são encarados como uma totalidade, como afirma Merleau-Ponty, ou se percebem e enxergam apenas fragmentos de si. Partes que atuam de forma independente.

Nóbrega (2005) afirma que de modo geral, a compreensão do corpo como elemento acessório no processo educativo ainda é predominante. Porém, suas reflexões buscam apontar outros caminhos de compreensão do corpo na educação, tentando superar o instrumentalismo e ampliar as referências educativas. Assim, destacamos a necessidade de compreender o corpo para além da anatomia e fisiologia humana, na escola e fora dela, como sujeito e não objeto, que traz e absorve conhecimento.

Para Merleau-Ponty (apud NEVES, 2010, p. 47) “o corpo não é coisa, nem uma ideia, o corpo é movimento, gesto, linguagem, sensibilidade, desejo, historicidade e expressão criadora”. Assim, o pensamento dos dois autores nos levam a concepção de corpo totalidade, onde tudo o que é corpo para Merleau-Ponty é usado para mediar suas ações com o mundo, fazendo-o ser esse mais importante meio de comunicação, defendido por Nóbrega.

O corpo é possuidor de uma riqueza comunicativa impressionante. Suas expressões, gestos, cheiros, olhares, toques e maneiras de agir criam uma trama de significados inserida em um ambiente natural, social e cultural. Dessa maneira, essa trama desvela um corpo visualizado como um pergaminho, que precisa ser lido e interpretado pelos outros sujeitos para ser socialmente e culturalmente reconhecido dentro do mundo que o circunda (NEVES, 2010, p. 14).

Para Merleau-Ponty (1999) nós não temos um corpo, nós somos corpos. Assim sendo, somos tudo o que esse corpo vive. Todas as nossas vivências são refletidas através de nossos corpos. O autor diz ainda que o corpo é condição e base para existência.

Assim, teremos a oportunidade de formar pessoas que sejam capazes de compreender que “no movimento dos corpos, podemos fazer a leitura, com lentes sensíveis, dos aspectos visíveis e invisíveis do Ser, do conhecimento e da cultura” (NOBREGA, 2005, p. 609). Porque nem tudo que o corpo é, já está dito, mas está escrito em seus gestos, no modo de falar, olhar, sorrir e até no modo de calar. Para Merleau-Ponty (2004), meu corpo é “ao mesmo tempo, vidente e visível”, assim, com

a capacidade de olhar (o outro e o mundo) e se olhar. Para o autor o meu próximo não é simplesmente alguém. Para além de sua personalidade, ele é uma presença impessoal e participa de meu mundo, sem que eu possa dizer que ele seja meu.

2.1 O corpo, a dança e a escola

O corpo, enquanto objeto de estudo da Educação Física, é tema de um debate constante. Isso por questões até mesmo históricas, por influências de instituições como a escola, o estado e a igreja. Como disse Daólio (2004), o corpo era visto somente como um conjunto de ossos e músculos e não expressão de cultura e a Educação Física era vista como área exclusivamente biológica e não como uma área que pode ser explicada pelas ciências humanas.

O corpo é nossa via de comunicação com o mundo, através dele passamos mensagens relacionadas a quem somos, o que sentimos e até mesmo o que pensamos. Independente de nossas condições corporais (tamanho, cor, raça, credo) o nosso corpo se comunica, com nós mesmos e com o outro, o tempo todo.

Para Nogueira (2008, p. 15): “o corpo é o primeiro e mais importante meio de comunicação que o homem possui e toda troca de informações e ações entre o ser humano e o mundo devem ser mediadas por seus sentidos e por seus movimentos”.

Em relação a aprendizagem, Merleau-Ponty (1999), diz que ela está intimamente ligada ao movimento. Ele diz que o aprendizado ocorre através de um corpo com propósitos, aptidões intelectuais, afetivas e físicas, de um corpo inserido num meio social que lhe estimule e proporcione conteúdos com os quais este corpo irá interagir. Assim, o sujeito aprenderá, transformará a realidade e irá adquirir qualidades para lidar consigo mesmo e com o mundo.

Quando pensamos em corpo, não nos referimos apenas ao corpo físico, anatômica e fisiologicamente falando. Estes corpos diversos, dos quais queremos tratar neste estudo, são corpos que abrangem todas essas dimensões, que são diferentes e estão por toda parte, inclusive na escola.

A dança é compreendida como uma das formas mais antigas de manifestação da expressão corporal humana, é um meio de manifestação de um povo, sua emoção e comunicação. A Dança faz parte da construção cultural da humanidade e por assim ser, constitui o acervo das práticas corporais que hoje são

entendidas como os conteúdos da Educação Física escolar. Neste sentido, integra os elementos pertencentes à cultura corporal, no entanto, ainda possui pouco espaço no ambiente escolar (GASPARI, 2004). A dança como uma linguagem expressiva, deveria possibilitar outros conhecimentos sobre o mundo, sobre nós mesmos e sobre os outros.

Assim, inserimos o pensamento de Daólio (1995, p. 25), quando diz que:

O corpo é uma síntese da cultura, porque expressa elementos específicos da sociedade da qual faz parte. O homem, através do seu corpo, vai assimilando e se apropriando dos valores, normas, costumes sociais, num processo de incorporação (a palavra é significativa). Mais do que um aprendizado intelectual, o indivíduo adquire um conteúdo cultural, que se instala no seu corpo, no conjunto de suas expressões.

Desta forma, nos faz interpretar que a dança, como elemento da cultura corporal do movimento, é um conteúdo a ser vivenciado no e pelo corpo, em qualquer corpo, nesse processo que ele chama de incorporação. É o corpo, sendo preenchido com o que é vivido. Neves (2010) infere, afirmando que mesmo diante de uma certa tradição negativa relacionada ao corpo, o ser humano foi construindo saberes sobre o mesmo na ciência, na arte, e nas mais variadas formas de práticas corporais, na cultura e na educação de modo geral.

Rengel (2008, p. 73) disse que “o movimento e a dança não são só o que vemos de “fora”. Eles têm sensações, atitudes, impulsos, pensamentos, inferências que aparecem em movimentos visíveis”. Falar na dança é fazer aparecer as mensagens através do movimento.

A dança na escola tem sido motivo de inúmeras discussões, que nos levam a questionar e pensar nas possibilidades e o papel deste conteúdo na escola. Pensamos haver uma confusão acerca do que pode ser alcançado com a dança na escola. Temos visto, anualmente, em muitas escolas o conteúdo dança sendo manifestado na época das festas juninas, onde professores montam coreografias, estas serão repassadas aos alunos que, certamente, irão apresentar no arraial da escola.

Outro período em que presenciamos a dança na escola costuma ser nas festividades de fim de ano. Coreografias montadas pelos (as) professores (as) para que os pais possam ver. Geralmente os alunos não têm participação na montagem do espetáculo, apenas reproduzem os movimentos passados anteriormente. Onde os considerados melhores estão sempre posicionados à frente, os demais em outras

posições atrás e aqueles que são ditos não saber dançar ficam junto, mesmo não se movimentando.

Para desmistificar o papel que a dança deve/deveria ocupar na escola, nos inspiramos na dança moderna educativa, denominada por Rudolf Laban de Dança/Educação, dentro de uma perspectiva de inclusão, onde todos os corpos pudessem ser contemplados, independentemente de suas características ou possibilidades.

A dança que considera a diversidade e deixa os corpos falarem para além de suas linhas. A obra do autor é usada como base em nossa proposta de ensino de dança na escola. Partindo da ideia de Dança/Educação, que se encaixa perfeitamente em nossos objetivos. O autor acreditava que crianças e adolescentes devem ter a possibilidade de conhecer, explorar, sentir e expressar sua subjetividade enquanto dançam (MARQUES, 2011), levando em consideração a educação, não o espetáculo.

Rengel (2008, p. 52) infere nos dizendo que,

[...] por muitas vezes uma aula de movimento e dança é encarada como um passatempo ou como uma forma de fugir ou de nos salvar, e a nossos alunos, de problemas. É ótimo se expressar, sentir, suar, correr, “liberar”, mas a aula de dança, não é só isso. Ficamos mais “sensíveis” e também mais inteligentes dançando.

Desta forma, pensamos a dança na escola não apenas como uma forma de fazer corpos se movimentarem, mas perceberem suas mais íntimas características, se descobrirem, perceberem as diferenças e importância do outro, criando laços de respeito mútuo e incorporando a ideia de que o que é diferente do meu “eu”, também é bom e importante. Pensamos dança como movimento num sentido mais amplo. Laban era um homem do movimento no sentido amplo, o movimento da vida. Se somos corponectivos (mente e corpo trazidos juntos), a experiência e domínio destas ações servem para a nossa vida! (RENGEL, 2008, p. 74). Assim, pensamos a dança como uma possibilidade intensa de linguagem corporal, como um importante agente transformador de práticas corporais a serem refletidas na escola e na vida cotidiana.

“A dança faz sentido e cria nossos sentidos, tanto para aquele que dança quanto para aquele que aprecia” (PORPINO, 2018, p. 28). As mensagens transmitidas pelos movimentos dos corpos dançantes têm a capacidade de transbordar e atingir aqueles que assistem. E a perspectiva no ambiente escolar é

exatamente essa: atingir o maior número de pessoas, dentro e fora da escola, com contribuição dos alunos, trabalhar uma dança que tenha características e ideias, também, dos alunos, que vivem, sentem e são tudo o que acontece diariamente dentro das escolas. A dança, o movimento, também são capazes de educar quem dança e quem, de alguma forma, observa os movimentos corporais.

Porpino (2006) comenta que “dançar é poder acreditar incessantemente no corpóreo, em sua capacidade infinita de transcender o dito”. De acordo com a autora, a dança é educação, pois possui saberes próprios (culturais, estéticos, técnicos, simbólicos). “As produções artísticas do dançar inquietam, desconstroem, transgridem o construído, mas também podem fazer surgir novas formas de pensar, novas atitudes e novas formas de ver” (PORPINO, 2018, p. 95).

Assim, o corpo que dança ultrapassa o que apenas a aparência física diz. Porém, o que o corpo diz ultrapassa a linha de palavras que ele pode externar. E é este um dos pontos cruciais para a dança na escola, encarar o movimento dos corpos como um meio de comunicação, de dizer o que por muitas vezes é silenciado.

Laban (1990) disse que a dança na educação objetiva ajudar o ser humano a encontrar uma relação corporal com a totalidade da existência. Por esse motivo, quando pensamos em dança na escola, não devemos buscar a perfeição, mas as possibilidades de conhecimento disponibilizadas aos alunos. Sobre tudo na Educação Física Escolar, onde o objetivo é conhecer, reconhecer e vivenciar, não buscar bailarinos para construir espetáculos.

Laban, coreógrafo e dançarino desenvolveu seu trabalho educacional na Inglaterra na primeira metade do século XXI, o qual foi divulgado praticamente em todo mundo ocidental. O trabalho de análise do movimento de Laban e a criação desta nova técnica causaram grandes mudanças tanto no mundo da dança quanto no mundo da educação. Até hoje podemos observar grande influência do seu método nos diferentes meios, por exemplo, na busca da autonomia do ser humano, na sua experiência interior em conjunto com a imaginação e a valorização dos processos de criação. Ou seja, o ensino da dança, no qual o ser humano pode explorar de maneira livre suas capacidades “espontâneas e inatas” de movimento corporal foram ideias propostas por Laban e que influenciam a arte da dança até os dias de hoje (FERREIRA, 2009, p. 21).

Ainda segundo Ferreira (2009), em 1950 Laban já alertava para o ensino da dança como uma necessidade na educação escolar. Segundo Marques (2011), desenvolveu uma técnica que chamou de dança livre. O desenvolvimento dessa técnica baseou-se em seus estudos e experiências sobre o entendimento do

movimento humano, que ele acreditava ser também uma forma de entender as pessoas.

Assim, acreditamos na dança, no movimento, como prática educacional, capaz de incorporar todo e qualquer corpo, sem nenhuma distinção. Mais que isso, uma possibilidade de abrir os olhos, as mentes e os corpos das pessoas para o que julgam ser diferente. Esse corpo, singular e plural de todos os lugares e da escola, através do movimento é capaz de transformar pessoas e lugares.

É um desafio, mas não uma impossibilidade. A dança é para todos, magros, gordinhos, cegos, surdos, cadeirantes, amputados, brancos, negros, índios, altos, baixos. Na dança somos somente corpos, que falam e gritam quem são, o que sentem, o que querem combater, apenas corpos dançantes (re) educados para falar, sentir, expressar.

[...] o corpo que dança não é somente o dos maneirismos da bailarina clássica, o do expressionismo da dançarina moderna, nem o da descontração e do despojamento das danças populares, mas também toda essa multiplicidade de corpos em um único corpo multireferencial (PORPINO, 2006, p. 108).

Compreender a existência estética do corpo que dança e vive-la plenamente é, portanto, poder abrir novos caminhos para a compreensão não-fragmentada da existência humana, levando à Educação uma concepção de ser humano que possa transcender a visão dicotomizada ainda predominante (PORPINO, 2006, p. 93).

A educação faz parte de nossas vidas, onde quer que estejamos, está em nossas experiências humanas, assim como, o movimento. Na dança, estes dois fatores (educação e movimento) são um só. O movimento na dança também educa. “[...] pensemos na dança como um educar que possa incluir a diversidade, o diálogo entre múltiplos aspectos da existência, a plasticidade do corpóreo e a beleza como dimensões necessárias e inerentes ao viver” (PORPINO, 2006, p. 119).

Muitos pensamentos nos instigam a aprofundar este estudo, permitindo-nos pensar que,

[...] a educação, como evidenciamos até o momento, constitui-se num fenômeno inerente à vida do ser humano, é multifacetada e faz parte das experiências humanas onde quer que o homem se encontre. Porém, dentre os múltiplos espaços sociais nos quais a educação se manifesta, percebemos que a escola ainda detém uma função significativa, na medida em que se destina a esse papel social. Por vezes, é percebida, equivocadamente, como único espaço realmente responsável pelo educar (PORPINO, 2006, p. 124).

Neste sentido, reafirmamos o pensamento de que a escola é um lugar de transformações, importante espaço onde importantes mudanças podem ser motivadas a acontecer.

A dança nas aulas de Educação Física pode tornar-se para o aluno, um terreno onde ele pode vivenciar muitas experiências do movimento humano, independente de que corpo esse aluno seja. Essas experiências vão além de reproduzir movimentos vistos diariamente nas vias midiáticas, é vivência, expressão e criação. A visão unilateral de corpo não existe, o que existe são corpos múltiplos, diversos e capazes de dialogar consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

Assim,

[...] acreditamos que cabe a escola estar aberta para uma educação que rompa com o tecnicismo exacerbado e com o espontaneísmo ingênuo para que seja possível criar um ambiente em que a condição complexa do ser humano possa ser vivida pela via da experiência estética do dançar (PORPINO, 2006, p. 131).

A prática dançante flui de uma ação do corpo e de suas implicações sobre o mundo e sobre nós mesmos, sendo assim, uma experiência sensorial, na qual vida e arte se misturam.

2.1.1 Sobre corpo e diversidade através da dança na escola

Aqui trazemos impressões sobre a relação da dança com a abordagem do tema corpo e diversidade na escola. A pesquisa foi feita através de um estudo do tipo “Estado da arte ou do conhecimento”, que nos permitiu mapear e discutir produções acadêmicas em diversas áreas do conhecimento. Esta pesquisa foi feita no primeiro ano do mestrado, na disciplina de Metodologia da pesquisa e nos possibilitou ampliar nosso olhar para o que já havia sido produzido, acerca da nossa temática proposta. O que consideramos ter relevância para esta escrita, por, principalmente, nos permitir identificar a escassez de produções sobre a temática, especificamente, na Educação Física.

Utilizamos como fonte o Banco de Teses e Dissertações da CAPES, que demonstrou ser mais eficiente na busca dos pontos temáticos para a composição desta pesquisa. Através dos descritores Corpo, Diversidade, Dança e Escola, encontramos um número significativo nos resultados. Então a pesquisa foi refinada

para mestrados profissionais, entre os anos de 2013 a 2018, onde foram selecionados treze trabalhos que possuíam relação com nossos descritores.

Selecionamos os trabalhos dando ênfase nos títulos e resumos lidos previamente. Após a leitura e seleção, catalogamos e mapeamos de acordo com o ano de produção. Observamos que algumas produções encontradas têm mais proximidade com dois ou mais descritores e que nenhum dos trabalhos encontrados se iguala a temática aqui proposta.

A busca inicial no portal da CAPES, utilizando os descritores Corpo, Diversidade, Dança e Escola nos apresentou 1.619.34 trabalhos. Detalhamos a busca para o período de 2013 a 2018, optando apenas pelo mestrado profissional, o que nos deu um resultado de 9.750 trabalhos. Após refinada a busca, selecionamos treze estudos, listados logo abaixo.

2.1.2 Impressões após as buscas

Quadro 1 - Tabela com os resultados da busca no portal da CAPES

Nº	AUTORIA/ANO	TÍTULO	ALGUNS TEÓRICOS/AUTORES CITADOS
1	Estefania Ferreira Costa Machado/2014	Corpo máquina ou corpos vivos? O corpo que a escola afirma por meio dos livros didáticos.	Fraga; Freire; Le Breton; Zuben
2	Marlyson Junio Alvarenga Pereira/2014	Quando eu pulei o muro: Travestilidades em corpos-existências apesar dos silêncios da escola.	Benedetti; Butler; Gallo; Louro
3	Lana Costa Faria/ 2016	Imagem em cena e corpo que dança: Poéticas pedagógicas.	Ramos; Pellegrin; Miller, Marques
4	Aline Dutra Fialho/2016	Ensino-aprendizagem de dança na escola: Construindo significados e espaços.	Marques; Strazzacappa; Leite; Mundim
5	Tatiana de Oliveira Almeida/2016	Dança narrativa: Experiências de processos criativos na educação básica.	Katz E Greiner; Rengel
6	Juliana Maria Greca/2016	O ensino da dança em “jogo” – Por uma metodologia contemporânea.	Mattelart; Marques; Primo; Greiner; Gil
7	Gustavo Henrique De Faria Fernandes/2016	Experiências do corpo em comum: Ensino, arte, encontro e palavra.	Paulo Freire, Jorge Larrosa E Jacques Rancière
8	Vivian Cunha/2016 Cafaro	Currículo mínimo: Clausura ou legitimação do ensino da dança na rede estadual de educação do Rio De Janeiro.	Gimeno Sacritán
9	Liubliana da Silva Moreira/2016	Corpo-Brinca: Corpo como experiência estética no processo criativo do grupo de banda percussiva Meninos do São João, em Palmas-TO.	Paulo Freire, J. Dewey, Jorge Larrosa, Rudolf Laban, Merleau-Ponty

10	Pedro Henrique Vieira/2017	Identidade de gênero na escola: Estigma e diversidade.	Santos; Louro; Conceição; Candau
11	Sandra Maria Da Silva Oliveira/2017	Dança na escola: Uma experiência sob a perspectiva da arte na inclusão e desenvolvimento de alunos surdos.	Almeida; Barreto; Brikman; Faro; Ferreira
12	Gisele Bizerra Da Cunha/2017	Dança inclusiva e deficiência intelectual: Um estudo com educandos da rede municipal de ensino de Aparecida de Goiânia.	Laban; Cintra; Tolocka E Verlengia
13	Janaina Perez Reis/2017	Liberdade do corpo que dança: resgate da cidadania das encarceradas no conjunto penal Teixeira de Freitas/Ba.	Arendt, Vygostky, Foucault E Goffman

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Dentre os trabalhos encontrados, muitos se distanciavam bastante da nossa proposta de busca, conseguimos selecionar treze que apresentavam uma aproximação. Eles possuem fragmentos de extrema relevância para nossa construção, como, por exemplo: o ensino da dança na escola e suas dificuldades, o ensino da dança de forma inclusiva na escola, gênero e diversidade na escola, discussões sobre o corpo na escola.

Assim, percebemos que nenhum dos trabalhos aborda nossa temática de uma forma geral, mas possuem de alguma forma uma importante relação com a proposta. Outra observação importante, é que nenhum dos trabalhos selecionados pertence a área da Educação Física, deixamos este item em aberto na busca, por compreender que o conteúdo dança, utilizado para abordar a temática corpo e diversidade em nossa proposta, não é ministrado em escolas exclusivamente por professores de educação física. Porém, achamos ser, no mínimo curioso, não encontrarmos discussões abordadas por professores desta área.

Percebemos haver uma preocupação com as questões sobre corpo, sobre diversidade, porém ainda de forma fragmentada, quando acreditamos que no atual cenário de nosso país, essas discussões poderiam/deveriam ser desenvolvidas também de forma global. O corpo continua sendo estudado, pesquisado, abordado por partes. No que diz respeito, especificamente, a área da educação física ainda encontramos muitas pesquisas voltadas ao corpo orgânico, para as questões anatomo-fisiológicas, biológicas. Tratando o corpo como uma máquina reprodutora de movimento, capaz de produzir força e outras habilidades construídas com repetições.

QUAL É O CORPO QUE DANÇA?



Foto 3 - Ensaio para Semana Maranhense de Dança 2019. Fonte: Arquivo Pessoal Grupo MOB.

QUE DANÇA? QUE CORPO? DANÇA?

*“Nada me determina pelo exterior,
Não porque nada age sobre mim,
Mas, pelo contrário,
Porque sou desde o início o fora de mim mesmo
E aberto ao mundo.”
Maurice Merleau-Ponty*

3 O CORPO DA DANÇA / A DANÇA DO CORPO

A presença do conteúdo dança na escola é motivo de inúmeros questionamentos e inquietações, que vão desde a sua prática até a forma como este conteúdo deve/pode ser desenvolvido.

Neste mar de possibilidades, característico da época em que vivemos, talvez seja este o momento mais propício para também refletirmos criticamente sobre a função e o papel da dança na escola formal, sabendo que este não é – e talvez não deva ser – o único lugar para se aprender dança com qualidade, profundidade, compromisso, amplitude e responsabilidade.

No entanto, a escola é hoje, sem dúvida, um lugar privilegiado para que isto aconteça e, enquanto ela existir, a dança não poderá continuar mais sendo sinônimo de festinhas de fim de ano, sendo encarada, portanto, como um importante meio para, também, educar.

“Tanto o corpo quanto a dança ainda são cobertos por um mistério, um buraco negro que a grande maioria da população escolar ainda não conseguiu investigar, explorar, perceber, sentir, entender, criticar!” (MARQUES, 2012, p. 23). Todo mundo dança na escola? Ou a dança é somente coisa de menina? Mas as meninas dançam na escola? Ou ninguém dança porque a escola não é lugar para esse tipo de prática?

Dentre uma infinidade de questionamentos, elencamos algumas afirmações baseadas em experiências anteriores no âmbito escolar: A dança é elemento da cultura corporal a ser ministrado nas aulas de Educação Física e não deve ser baseada apenas na reprodução de movimentos. A dança na escola deve ser educação, expressão corporal, uma forma de educar pelo movimento. Não se trata apenas de corpos em movimento. É possível despertar os alunos para uma outra compreensão de corpo através da dança. Uma compreensão que foge das ideias anatomo-fisiológicas na educação física e os levam a uma idealização mais ampla de corpo, movimento e diversidade.

Mas como direcionar as aulas de dança como essa possibilidade de comunicação e linguagem? Como sair da reprodução mecanizada de movimentos e despertar os alunos para as infinitas possibilidades dos corpos dentro de suas possibilidades e independente de suas igualdades e diferenças?

Marques (2011, p. 32) infere com o seguinte questionamento: “Aos professores de dança cabe uma escolha: educar “pessoas lesmas, corpos conchas” que eventualmente sabem dançar ou educar cidadãos que se apropriam da dança para fazer alguma diferença no corpo/mundo em que vivemos?”

Nossa inquietação, diz respeito a forma como temos observado a presença do conteúdo dança nas escolas. Não pode ser apenas isso, montar coreografias, ensaiar os alunos e fazê-los reproduzir movimentos mecanizados nas festas juninas ou na festa de fim de ano. A dança como conteúdo nas aulas de educação física na escola não deve prender-se apenas a reprodução mecanizada de movimentos, sem qualquer reflexão sobre esta prática.

[...] a dança enquanto linguagem artística tem o potencial de fornecer lentes diferentes e diferenciadas para conhecermos, desconstruirmos, refletirmos e agirmos sobre os cotidianos multifacetados do mundo em que vivemos. A dança enquanto arte do/com/pelo corpo, quer seja em situação educacional, educativa ou pedagógica carrega em si mesma o potencial de transformação dos cenários cotidianos sociais (MARQUES, 1999; 2007).

Seguimos dizendo que a dança transforma, corpos e ambientes. Porém, como afirma Marques (1999), o modo como ela é ensinada pode fazer com que esse potencial seja ou não transformador.

Para Barreto (1998, p. 87), o ensino de dança na escola precisa acolher também “as angústias, o desconforto, a dor, o medo e todos os outros sentimentos humanos, porque frente a eles o indivíduo pode se conhecer, expressar o que sente e encontrar suas formas de fazê-lo”.

[...] a dança além de figurar como expressão humana, representa também uma forma de conhecimento estético. E é a partir desta proposição da dança como forma de conhecimento estético, entrando em cena na escola palco, que se justifica a sua importância na Educação Formal. Dançar é essencial à formação humana e seu ensino na escola tem o potencial de contribuir para a construção de um processo educacional mais harmonioso e equilibrado. (BARRETO, 1998, p. 125).

3.1 Aprisionamento de corpos na escola

Estudar sobre o corpo é um grande desafio, pois podemos lançar sobre ele vários olhares que vão das questões físicas/estéticas/anatômicas, a questões culturais e/ou sociais. Desta forma, sob os diversos olhares e comandos da sociedade, estes corpos (nossos corpos), vão sendo moldados, construídos, desconstruídos e diria até controlados.

Na clássica obra de Foucault (1987), *Vigiar e Punir*, é possível perceber diversas técnicas e estratégias desenvolvidas para manipular os corpos, para produzir posturas, gestos e movimentos educados, civilizados, cristãos, dóceis; para construir hábitos saudáveis, adequados, higiênicos e dignos. Essas técnicas e estratégias são explicadas também por outros autores. Bourdieu (2002), por exemplo, diz que a docilização dos corpos nas escolas não está mais ligada a cenas de violência física, como os castigos, palmatória, as palmadas ou ficar de castigo no milho. O autor diz que essa docilização se estabelece por outro tipo de violência sobre o corpo, o que chama de “violência simbólica”. Assim, este tipo de violência está representada pelos olhares de reprovação, proibição da expressão do pensamento e exigência da boa conduta, por exemplo.

Historicamente, o corpo sempre foi alvo de diversos tipos de punições, por diversos motivos: por ser mulher, por ser criança, por ter alguma deficiência, por ser negro, por ser corpo. Se pensarmos na atualidade, os corpos continuam sendo punidos, docilizados, manipulados, controlados, disciplinados. Sim, controle. Através de regras, olhares, palavras de ordens. Mas como? Onde? Em casa, nas ruas, nos grupos dos quais fazemos parte na escola.

O poder está por toda parte, ele é invisível e muitas vezes somos controlados sem ao menos perceber que nossos atos estão de acordo com o que foi ordenado. O que vestir, o que comer, como sentar, como falar. Para Foucault (2009b) o objetivo do poder disciplinar é adestrar as “multidões confusas e inúteis de corpos”, através deste adestramento, fabricar indivíduos obedientes.

Segundo Nóbrega (2005), as atitudes exteriores não são gestos inúteis ou desnecessários, elas revelam o homem interior e por isso a educação deve ocupar-se também com esses aspectos. Em sua obra *“Qual o lugar do corpo na educação?”* A autora ainda afirma que o corpo e o movimento ainda são considerados elementos acessórios na formação do ser humano. E nos leva a pensar o movimento na Educação Física, através da influência de várias escolas (alemã, sueca e francesa), onde a educação do corpo passa por várias etapas, inclusive, a mecanização dos movimentos e gestos. O que ainda hoje, é muito presente nas práticas de jogos, esportes, danças e lutas. Nossa experiência na escola e fora dela, ao observar essas práticas, nos remete a uma reprodução do movimento correto, do gesto que leva ao acerto. E para que o corpo consiga executá-los obtendo o êxito, trabalhamos a repetição, que leva a mecanização desses movimentos.

Na escola, já em nossas vivências como professores/as de Educação Física, percebemos que a mente está sempre à frente do corpo, como se fossem separados. Fixar conteúdos, manter boas notas, passar de ano. “Professora, não posso ir pro treino hoje, porque amanhã tem prova”. Essa frase foi repetida inúmeras vezes, por vários/as alunos/as que se ausentavam da Educação Física. Nóbrega (2005, p. 607) aponta que:

A mente não é uma entidade “des-situada”, desencarnada ou um computador, também a mente não está em alguma parte do corpo, ela é o próprio corpo. Essa unidade implica que as tradicionais concepções representacionistas se enganam ao colocar a mente como uma entidade interior, haja vista que a estrutura mental é inseparável da estrutura do corpo.

Desta forma, esse controle faz com que não haja uma reflexão sobre nosso espaço no mundo. Sendo assim, vivemos uma falsa liberdade, pois a disciplina não nos permite contestar, seguimos as regras que são ditadas, na escola e também fora dela.

Assim, é preciso refletir sobre qual é o lugar do corpo na escola. Partimos de um pensamento que afirma que:

Pensar o lugar do corpo na educação em geral e na escola em particular é inicialmente compreender que o corpo não é um instrumento das práticas educativas, portanto as produções humanas são possíveis pelo fato de sermos corpo. Ler, escrever, contar, narrar, dançar, jogar são produções do sujeito humano que é corpo. Desse modo, precisamos avançar para além do aspecto da instrumentalidade. O desafio está em considerar que o corpo não é instrumento para as aulas de educação física ou de artes, ou ainda um conjunto de órgãos, sistemas ou o objeto de programas de promoção de saúde ou lazer. Certamente, áreas como educação física ou artes tematizam práticas humanas cuja expressão, em termos de linguagem, tem no corpo sua referência específica, como é o caso da dança ou do esporte. (NÓBREGA, 2005, p. 610).

Os cuidados com o corpo e os gestos podem e devem ser discutidos pelo olhar de diferentes disciplinas, o desafio está em superar a visão de corpo como apenas um instrumento. Este aspecto caracteriza grande parte das abordagens do corpo na educação, principalmente as que se relacionam estreitamente com a cultura de corpo divulgada nos métodos ginásticos ou no movimento de esportivização da Escola Nova (NÓBREGA, 1999), primando por movimentos retos, corpos robustos e saudáveis.

É inviável tornar os corpos homogêneos, mesmo diante de regras e normas que demandam igualdade nas ações. Somos plurais e diversos. “Não se

trata de incluir o corpo na educação. O corpo já está incluído na educação. Pensar o lugar do corpo na educação significa evidenciar o desafio de nos percebermos como seres corporais” (NÓBREGA, 2005, p. 610).

Assim, após interpretar o pensamento dos autores aqui citados, compreendemos que esse corpo que não dança é um corpo aprisionado às regras sociais. É um corpo que foi adestrado nas ideias de que não é um corpo perfeito para a dança, que não sabe dançar porque algo ou alguém o fez pensar que não sabe ou que não pode. O fato de estarmos numa sociedade que nos padroniza, nos impõe certos “limites” no que diz respeito à dança, é imprescindível não discutir a relevância dos corpos que se tornam aprisionados por regras que se tornaram ideologias. Dessa forma, é importante percebermos a partir dos autores supracitados que, por mais que tenhamos nossas diferenças, que tenhamos nossos vigias punitivos, todos os corpos podem dançar.

3.2 Os corpos que não dançam na escola

Não dançar na escola é uma prática que perpassa por diversos motivos, se estes são válidos ou não, não cabe a nós julgar. Porém, nos é permitido refletir sobre. Marques (2011) fala sobre a educação através da dança para educar “corpos conchas” ou cidadãos, que se apropriam da dança para transformar a si mesmos e o mundo.

Corpos que dançam são potenciais fontes vivas de criação e de construção, de reconfiguração e de transformação dos cotidianos. Os corpos dos alunos que dançam e se presentificam em nossas salas de aula são pensamentos, percepções, sensações, atitudes, ideias, comportamentos e posicionamentos em constante diálogo com a arte e com o mundo. Podemos ignorar esse potencial e anestesiá-lo visando a que se amolde na concha que propomos. Ou podemos nos posicionar, também, como professores, em relação ao que/como fazer com essas potencialidades. (MARQUES, 2011, p. 32).

Mesmo diante desta afirmativa, presenciamos resistência para não dançar na escola. Por diversos motivos, medo, timidez ou simplesmente o não conhecimento do próprio corpo.

A motivação é um processo que nos leva a uma ação ou a inércia em diversas situações (TRESKA; ROSE JUNIOR, 2000). A motivação nos faz escolher algo e nos manter em determinadas atividades por um longo período ou não.

Movimentar-se ou manter-se parado vai depender de como somos motivados, de como nossos corpos reagem ao que o ambiente e os outros nos direcionam.

Dançar na escola é uma ação que, como bem sabemos, a partir de nossa experiência, é uma atividade que necessita de uma dose extra de motivação. Nem todos os alunos se motiva a participar quando a atividade nas aulas envolve dança. Todos esses anos na escola nos fez ouvir os mais diversos motivos para não dançar, que vão desde o “não sei dançar” ao “não tenho corpo pra isso”.

Pensamos que o segundo motivo é o que mais nos inquieta. Existe um corpo perfeito para a dança? Como é esse corpo? Nossa experiência nos permite afirmar de antemão que o corpo perfeito para a dança na escola é qualquer corpo. Porém não é assim que pensam a maior parte de nossos alunos. É exatamente esse conceito pré concebido que precisa ser quebrado. O que é desafiador, porque mesmo diante de nossas falas e exemplos, ainda encontramos resistência para dançar.

Corpos que dançam são potenciais fontes vivas de criação e de construção, de reconfiguração e de transformação dos cotidianos. Os corpos dos alunos que dançam e se presentificam em nossas salas de aula são pensamentos, percepções, sensações, atitudes, ideias, comportamentos e posicionamentos em constante diálogo com a arte e com o mundo. (MARQUES, 2011, p. 32).

Os alunos, em suas falas e atitudes, parecem ver apenas corpos desajustados, fora do que consideram padrão, corpos “imperfeitos”. Corpos fragmentados, incapazes de ir além do conjunto de ossos e músculos que conseguem enxergar.

Para firmar nossas percepções acerca de situações já vividas na escola com e por meio da dança nas aulas de Educação Física, aplicamos um questionário com quarenta e oito alunos do ensino médio do colégio de aplicação da Universidade Federal do Maranhão, o COLUN, na cidade de São Luís. Trata-se do nosso primeiro contato com o público-alvo deste estudo, agora mergulhando no mundo vivido dos alunos.

A partir deste novo contato, propomos a compreensão dos motivos que levam os (as) alunos (as) a nunca terem dançado na escola, e mesmo os que já dançaram, porque dançaram, o que os motivou. A interpretação das respostas nos permitirá uma primeira visão do público que encontraremos em nosso campo de pesquisa.

3.2.1 O que esses corpos nos falam

Quando questionados sobre o fato de já terem dançado na escola, dos quarenta e oito entrevistados, vinte e seis disseram já ter dançado na escola e vinte e dois responderam que não. Como o que nos interessa aqui são os que nunca dançaram na escola, neste primeiro momento discutiremos suas falas.

O grupo de alunos que nunca dançaram na escola, em sua maioria disseram não dançar por timidez ou medo. Vergonha dos colegas e dos outros membros da escola. Medo de se expor.

Essas respostas nos remetem as atitudes de nossos alunos na escola. Quando diziam que não iriam pagar esse “mico”, que não queriam ser motivos de piadas depois, que não sabiam dançar e por isso não participariam. E tudo isso mesmo sem saber o que aconteceria nas aulas. Pensamos haver uma confusão quanto a isso. A ideia de aula de dança na escola é distorcida, por muitas vezes acaba sendo confundida. Quando falamos que vamos ter aulas de/sobre dança, entre alguns alunos há um alvoroço, entre outros o desespero mostrado através dos olhos e reações faciais. Alvoroço porque começam a falar das músicas que gostam de dançar e acham que transformaremos o espaço da aula em uma academia, utilizando as músicas do momento, as que estão “bombando” na mídia.

Ainda no grupo dos alunos que nunca haviam dançado na escola, encontramos os que eram impedidos por motivos religiosos. O que já havia acontecido também com nossos alunos na escola. Que justificavam sua não participação nas aulas em que trabalhávamos o conteúdo dança por que “a religião não permitia”. Isso nos recorda os tempos de estudante, onde alguns de nossos colegas também não participavam, por exemplo, da festa junina porque suas religiões não permitiam.

Outras falas nos remetem a questões estéticas, a um padrão corporal para a dança. Uma das respostas dizia: “porque eu pareço uma tábua dançando.” Chegando ao estado de comparação com um objeto, algo inerte e sem curvas, sem movimento, sem vida. O que nos leva a uma interpretação de que se tratava de um corpo que acreditava não servir para a dança. Assim como quando uma das respostas nos diz que: “tenho vergonha de dançar na frente da escola toda”, nos permite dizer que é um corpo que talvez dance, só não faz isso na frente das outras pessoas. Quais os motivos além da vergonha e timidez? O corpo é um obstáculo?

Em relação a segunda pergunta, somente um dos que responderam nunca ter dançado na escola foi direto ao ponto e disse que existe um corpo perfeito para a dança e esse corpo tem que estar “em forma, ser malhado e bonito.” Os demais, apesar de afirmarem não dançar por medo, timidez ou vergonha, disseram não haver corpo perfeito para a dança. O que nos leva a pensar que chega a ser bastante contraditório se compararmos às atitudes de nossos alunos na escola, sempre preocupados com o que os outros vão pensar ou dizer.

Já no grupo dos que disseram já ter dançado na escola, alguns disseram ter dançado por que era uma atividade obrigatória que valia nota. O que nos leva a pensar que mesmo entre os que já dançaram na escola, há os que não o fizeram motivados pelo ato de dançar, por prazer e diversão, mas por uma certa obrigação com a disciplina ministrada.

Ainda no grupo dos que já haviam dançado na escola, em relação a ter ou não um corpo perfeito para a dança, obtivemos a maioria das respostas demonstrando compreender que não existe um corpo perfeito para esta prática na escola. Ainda assim, mesmo neste grupo, encontramos respostas como: “Sou muito dura”, o que nos faz interpretar que um corpo “duro” não serve para a dança. Encontramos ainda respostas que diziam que o corpo, para dançar precisava ser flexível, que cada corpo serve para um padrão de música e que o corpo precisa ser saudável para aproveitar mais a dança.

Diante da interpretação dos questionários, chegamos a percepção de que dançar na escola ainda é um tabu, permeado por (des) motivações relacionadas ao próprio corpo e ao corpo do outro. Fazendo com que muitos não se permitam participar de tal atividade. Por diversos motivos, medo do que os outros vão falar, insegurança com o próprio corpo são alguns destes. Assim, pensamos mais ainda na validade em discutir a diversidade corporal e sua importância dentro da escola.

A dança deve/pode ser desmistificada dentro da escola, mas isso acontecerá somente se nós, professores, nos desafiarmos a (re) pensar o conteúdo e suas possibilidades. Encarar a dança como conteúdo, não como um momento de distração, lazer ou festividades dentro da escola. E que é possível ser um corpo que dança, independentemente de suas características físicas, intelectuais, culturais. É possível fazer qualquer corpo dançar na Educação Física.

Quadro 2 - Apêndice A - Matriz nomotética dos alunos que responderam NÃO para a pergunta “Você já dançou na escola?”

Aluno (a)	Porque você nunca dançou na escola?	Existem dificuldades para dançar na escola?	Existe um corpo perfeito para a dança? Como ele é para você?
A1	“Sem interesse na dança.”	“Sim, vergonha, confiança.”	“Sim, em forma, malhado, bonito.”
A2	“Porque eu sou tímida e as poucas aulas que tivemos de dança foi para toda a escola.”	“Sim, poucos momentos autorizados para dançar.”	“Não, todos podem dançar, de acordo com o seu querer.”
A3	“Nunca houve aula de dança na escola.”	“Sim, não há professor de dança, e nem investimento na escola para tal.”	“Não acho que exista corpo perfeito para a dança.”
A4	“Porque não tive oportunidade para apresentar uma dança.”	“Sim, não tem muitas oportunidades.”	“Não.”
A5	“Porque acredito que não houve oportunidades para que acontecesse.”	“Existe, pois não existe estímulo para dançarmos e nem oportunidade.”	“Não, basta ter vontade própria.”
A6	“Faltou oportunidade e mesmo que houvesse, teria vergonha.”	“Talvez a questão da autoceitação.”	“Não, creio que cada corpo possui uma particularidade a perfeição é algo ilusório baseado em padrões impostos pela sociedade.”
A7	“Porque eu não acho legal, mas respeito quem dança.”	“Não.”	“Para mim todo corpo serve.”
A8	“Não gosto de dançar.”	“Não.”	“Não”
A9	“Porque eu pareço uma tábua dançando.”	“Não.”	“Não acho.”
A10	“Nunca participei de um programa de dança, as vezes por falta de tempo.”	“Para mim sim, tenho vergonha.”	“Creio que não. Se você se sente bem, vá e faça, nada ou ninguém pode lhe impedir.”
A11	“Simplesmente não me interessa.”	“Acho que os gostos musicais, normalmente são aqueles apelativos.”	“Não qualquer pessoa pode dançar.”
A12	“A escola não oferece essa disciplina.”	“Sim, ainda não teve um projeto que prioriza-se a dança.”	“Não, pois qualquer pessoa pode dançar.”
A13	“Tenho vergonha. Não gosto muito.”	“Sim. As músicas geralmente são funk ou coisas do tipo. Fica complicado abranger todos os alunos (por exemplo, pessoas evangélicas como eu). Além disso, os olhares e risos costumam ser constantes.”	“Não. Todos que gostam de dançar devem fazer isso.”
A14	“Sem coragem e sem eventos que faça com que eu pratique.”	“Sim, sem professores com projetos de dança.”	“Não. Na minha opinião cada corpo se encaixa em certas danças.”
A15	“Eu tenho vergonha de dançar na frente da escola toda.”	“Sim, pois a escola não trabalha com essa área. Não tem incentivo por parte dos professores de	“Não, qualquer pessoa independente de como seu corpo é pode dançar.”

		educação física.”	
A16	“Porque não tenho muita afinidade e minha escola falou algumas vezes de dança, já dancei só 1 vez na escola, no trabalho de E.D.F.”	“Sim, falta de professores específicos.”	“Não, toda pessoa pode, acho que não existe corpo perfeito.”
A17	“Não, gosto muito de dançar e além do mais tem a questão religiosa.”	“Não, pois existem materiais que trabalha um pouco. Mas no todo não existem profissionais nessa área.”	“Não, pois a dança pode ser executado por qualquer pessoa, além do mais ajuda também na saúde.”
A18	“Por timidez.”	“Sim. Falta de aulas práticas diariamente em determinada aula.”	“Não. Qualquer pessoa pode dançar, até aqueles que são cadeirantes, pois os mesmo, podem movimentar os braços.”
A19	“Não houve muitas oportunidades.”	“Apenas as poucas oportunidades.”	“Não, não acho.”
A20	“Pois não tinha muitos estilos e minha religião não permite.”	“Sim e não, depende.”	“Não, dança quem que.”
A21	“Vergonha e timidez.”	“Não.”	“Não, pois a pessoa basta querer dançar.”
A22	“Porque ei simplesmente não sei dançar. Mas gostaria de saber.”	“Talvez sim. Os julgamentos das pessoas em torno disso pode dificultar pessoas que querem dançar mais não tem coragem.”	“Não. Todo corpo é perfeito pra dança, não existe restrições.”

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

3.3 Dançar para se libertar na escola

Dançar na escola, ou em qualquer outro lugar pode ser libertador. Acreditamos que um corpo livre se expressa melhor, consegue dizer para o que veio sem precisar de uma palavra. Acreditamos no poder libertador da dança. Na capacidade que ela tem de fazer os corpos falarem sem precisar dizer nada. E através da dança, essa fala corporal através dos movimentos pode ser doce, pode ser mais severa, leve, pesada. Pode ter a forma que quisermos desenhar no tempo e no espaço através de nossos corpos.

Marques (2012) infere, nos dizendo que a escola possui o papel de instrumentalizar e de construir conhecimento em/ por meio da dança com seus alunos, pois ela é uma forma de conhecimento e um elemento essencial para a educação do ser social.

Deste modo, assim como Marques (2011, p. 32), nos questionamos:” com que concepção de corpo trabalhamos em nossas salas de aula? Buscamos ensinar e educar “corpos conchas” ou “corpos sociais”?

Assim, pensamos a dança educacional, o que nos tira do cenário da espetacularização da dança. Laban (1990) já dizia que nas escolas o que se procura não é a perfeição ou a criação e execução de danças sensacionais. Procuramos o efeito benéfico que a atividade criativa da dança pode proporcionar ao aluno. Segundo Laban (1990, p. 28), “a aprendizagem da dança, desde suas primeiras etapas, tem como principal interesse ensiná-la a viver, mover-se e expressar-se no ambiente que rege sua vida, e nisso, o mais importante é o seu próprio fluxo de movimento”.

Desta forma, compreendemos que o indivíduo deverá ser respeitado dentro de sua individualidade. Pensamos ainda que a dança é para todos, partindo do princípio de que dança é movimento e que todos, de alguma forma, podem movimentar-se. Mesmo sabendo que na escola, em outros cenários em que a dança se faz presente nem todo corpo pode dançar, devido às exigências técnicas que são valorizadas e perpetuadas.

Como afirmam Gaio e Góis (2006), acreditamos na dança como uma possibilidade de movimentos para além de corpos, uma dança que faça com que as pessoas se desliguem da ideia de formas e técnicas perfeitas. Da dança como uma forma de se comunicar e de transmitir ideias, de fala e de expressão dos diferentes e sobre diferenças. Acreditamos nos corpos que podem se expressar com prazer, sem amarras, que valorizam sua essência, que quebram paradigmas e despadronizam movimentos, que criam novas realidades corpóreas.

Esse tipo de dança, que traz a possibilidade de movimentos livres, nos permite o encontro com o outro, com os outros. Nos possibilita criar mais que coreografias. Essa dança constrói a realidade e a transforma em uma linguagem capaz de transformar em benefício da existência humana (GAIO; GÓIS, 2006). Nos permitindo falar e ouvir o que o outro tem a dizer.

Partindo desse pensamento, complementamos com a fala de Santos (1999), afirmando que é nesse universo complexo que envolve corpo e/em movimento, que ora nos permite falar e ora nos coloca na posição de ouvintes, que apresentamos a dança como uma linguagem, como um conteúdo também da Educação Física. Uma linguagem que pode e deve ser desenvolvida para promover

a inclusão por meio do discurso de corpo singular e plural. Sem limites para nos expressar através da dança, pois é preciso que abracemos o direito de sermos diferentes quando a igualdade nos descaracteriza e o direito de sermos iguais quando as diferenças nos diminuem.

Para Porto e Moreira (2006, p. 26):

O corpo de que falamos não é mais aquele corpo visto como máquina, apenas reprodutor e repetidor de ações motoras que aspiram a perfeição do gesto técnico, como era visto e tratado até o início dos anos 80 do século passado. É um corpo que se movimenta intencionalmente, ou seja, que realiza algo que tenha sentido e significado para a sua existência. É um corpo que almeja auto superação, de modo indivisível e uno, acreditando que sua individualidade é e está consigo, em todo tempo e lugar, sem dividir-se em biológico, social, afetivo ou motor.

Assim, entendemos que na dança (e não somente na dança), todo corpo é livre para arriscar-se nessa linha tênue que é a comunicação consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Permitindo-se ao mesmo tempo transformar-se e transformar o outro e o seu ambiente.



Foto 4 - Ensaio: Sobre corpos que dançam. Fonte: Arquivo Pessoal

POR ONDE ANDAMOS?

***“Caminhando e cantando e seguindo a canção
Somos todos iguais braços dados ou não
Nas escolas, nas ruas, campos, construções
Caminhando e cantando e seguindo a canção...”***
Geraldo Pedrosa de A. Dias

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Pesquisar é também caminhar, em outros momentos correr. Ir de encontro ao outro, buscar respostas para o que nos inquieta. Assim, andamos. Percorremos caminhos com sol, outrora com chuva. E aqui chegamos.

Este estudo caracteriza-se como uma investigação qualitativa, tendo o ambiente como fonte direta dos dados. “A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 31). Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos. Assim, nos propomos a estar imersos no ambiente da pesquisa, buscando respostas para nossas inquietações, a fim de compreender os fenômenos e significados na relação corpos e dança na escola.

Quanto aos procedimentos, é nomeada como pesquisa- participante, que segundo Silva e Grigolo (2002) caracteriza-se pela interação entre os pesquisadores e os membros da situação investigada. Dizem ainda que é importante mergulhar profundamente na cultura e no mundo dos sujeitos da pesquisa. Nesta perspectiva, adentramos o interior da escola, fazendo um primeiro contato com os/as professores/as e logo em seguida com os/as alunos/as. Conhecendo todos os espaços, mantendo conversas relacionadas a pesquisa e sobre as vivências no universo escolar deles/as.

Fizemos um estudo do tipo “Estado da arte”, que nos permitiu mapear e discutir produções acadêmicas em diversas áreas do conhecimento, encontradas no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, através dos descritores Corpo, Diversidade, Dança e Escola.

A construção dos conceitos privilegiou as reflexões fenomenológicas de corpo em Merleau-Ponty e Terezinha Petrúcia da Nóbrega. Discutimos dança na escola e na Educação Física a partir Rudolf Laban, Livia T. Brasileiro e Irla Diniz e Suraya Darido. As leituras acerca de algumas obras destes/as autores/as nos deram embasamento para pensar as possibilidades da dança na escola para um alcance além do movimento de corpos.

O lócus da pesquisa é o colégio de aplicação da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Colégio Universitário (COLUN), situado na Av. dos Portugueses, no Campus da Universidade Federal do Maranhão, na área Itaqui-Bacanga em São Luís. O COLUN foi nossa escola no período de 2000 até o ano de 2003, quando ainda funcionava no bairro Vila Palmeira. Hoje a escola localiza-se no Campus Dom Delgado, dentro das dependências da Universidade, com outra estrutura.

A estrutura da escola conta com uma quadra poliesportiva, recepção, salas de aula arejadas e bem iluminadas, mini auditório, sala dos professores ampla e organizada, salas da direção e coordenação da escola, sala dos professores de educação física, laboratórios, sala de artes, biblioteca, pátio amplo, lanchonete e cozinha, além outras áreas que não tivemos acesso por estarmos mais direcionados a pesquisa.

A escolha do espaço se deu em função das experiências corporais que tivemos na escola durante todo o ensino médio. Agora com um outro olhar sobre a cultura corporal, almejamos investigar e colaborar com este espaço escolar que um dia nos acolheu.

O Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Maranhão, denominado Colégio Universitário (COLUN), foi criado através da Resolução nº 42, de 20 de maio de 1968 pelo Conselho Diretor da Fundação Universidade do Maranhão. Funciona como uma Instituição de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, que oferece Ensino Fundamental (Anos Finais), Ensino Médio Regular (1º a 3º Ano), Ensino Médio Técnico Integrado (Cursos de Administração e Meio Ambiente) e Curso Técnico Subsequente (Enfermagem) (PORTAL DO COLUN, 2020).

Os sujeitos da pesquisa foram alunos (vinte e três) do ensino médio, uma turma de 1º ano e três professores do mesmo segmento. Todos tiveram suas identidades preservadas no anonimato. Assim, os professores foram nomeados com as siglas P1, P2 e P3. Já os alunos, com as siglas de A1, A2, A3, A4... A23. A pesquisa foi realizada no turno vespertino, mesmo horário em que acontecem as aulas do ensino médio.

A instrumentalização da pesquisa foi feita através de entrevistas com professores e alunos, que tiveram suas identidades preservadas. Utilizamos questionários abertos antes das oficinas e ao final, os alunos construíram textos, resumindo o que foi absorvido, enquanto conhecimento. Ofereceremos as oficinas,

com momentos teóricos (rodas de conversa) e práticas, onde serão feitas vivências corporais inspiradas na obra de Laban.

Quanto à análise e interpretação de dados, no que diz respeito às vivências, utilizamos quadros, conectando-os aos nossos eixos teóricos para representar graficamente as análises.

Para a análise desses dados, utilizamos a técnica de análise de conteúdo, que tem como objetivo apresentar o que foi emitido pelos participantes, independente do instrumento utilizado para a coleta de dados (BARDIN, 2010). A análise de conteúdo, para Minayo (2001), é a expressão mais usada para representar o tratamento dos dados em uma pesquisa qualitativa.

Para as vivências corporais, adotamos a identificação de oficinas de imersão, por compreendermos ser um momento onde os alunos poderão mergulhar no universo corporal, considerando sua diversidade e podendo conhecer e compreender o seu próprio corpo e o corpo do outro. A proposta era que todos os alunos pudessem participar das oficinas, independentemente de suas características relacionadas a gênero, questões étnico-raciais, estéticas, motoras ou sociais. Para Anastasiou e Alves (2004, p. 95):

A oficina se caracteriza como uma estratégia do fazer pedagógico onde o espaço de construção e reconstrução do conhecimento são as principais ênfases. É lugar de pensar, descobrir, reinventar, criar e recriar, favorecido pela forma horizontal na qual a relação humana se dá. Pode-se lançar mão de músicas, textos, observações diretas, vídeos, pesquisas de campo, experiências práticas, enfim vivenciar ideias, sentimentos, experiências, num movimento de reconstrução individual e coletiva.

Assim, lançamos as oficinas, com as perspectivas de construir e contribuir para que os alunos e as alunas também pudessem fazer suas (re) construções em relação as temáticas abordadas durante nossos encontros.



Foto 5 - Ensaio: Sobre corpos que dançam. Fonte: Arquivo Pessoal

***“Porque eu só preciso de pés livres,
De mãos dadas
E de olhos bem abertos.”
Guimarães Rosa***

4.1 Vivências e Escrevências

Pisar o chão da escola e se permitir usar a educação como um instrumento de mudança nunca foi, acreditamos que nunca será uma tarefa fácil. Ainda mais em nosso atual momento, onde situações disseminadoras de preconceito e outros fatores negativos continuam surgindo de forma corriqueira. Todos os dias é possível ver através das mais diversas mídias, seres humanos, homens e mulheres, jovens e adultos, disseminando o preconceito nas mais diversas formas.

Porém, é possível também ver e presenciar, situações que nos mostram e nos ensinam o contrário. Nos permitindo ter certeza de que estamos trilhando o caminho certo. Certo para o bem, para a construção e desenvolvimento de pessoas

que acreditam num amanhã onde todos podem ser livres e felizes, mesmo diante de todas as nossas diferenças, que na verdade deveriam ser encaradas como solução. São nossas diferenças que nos completam, nos permitem ser no mundo.

Assim, acreditando na diversidade como solução e não como um problema, mergulhamos no universo do Colégio Universitário (COLUN). Nossa experiência na escola, teve como público alvo, uma turma de primeiro ano do ensino médio, composta por vinte e três alunos/as. Altos, baixos, magros, gordinhos, com e sem deficiência, brancos, negros, com cabelos lisos, cacheados, loiros, castanhos, pretos. Todos totalmente diferentes uns dos outros, em todos os aspectos.

Antes de iniciar as atividades com os/as vinte e três alunos/as, tivemos contato com três professores de Educação Física da escola, um homem e duas mulheres. O professor e as professoras responderam um questionário de diagnóstico rápido participativo (DRP) com seis perguntas abertas e os/as alunos/as outro questionário DRP com oito perguntas.

Esses questionários foram respondidos antes de começarmos as oficinas, para que pudéssemos descobrir um pouco sobre quem era nosso público e o que eles já traziam de conhecimento sobre a temática corpo e diversidade, além da dança como conteúdo na Educação Física. Assim, nesta sessão, além de apresentar os questionários, faremos um relatório sobre o que aconteceu em seguida, nas oficinas e ainda apresentaremos textos produzidos pelos/as alunos/as para finalizar nossas atividades, com base nesses textos, faremos nossas reflexões acerca de todo o trabalho desenvolvido.

4.1.1 DRP aplicado aos educadores (Apêndice B)

O questionário foi desmembrado em seis quadros, cada um com as respostas dos três professores.

Iniciamos, questionando como eles/as classificavam seu conhecimento sobre corpo, diversidade e dança. Eles poderiam marcar “Não conheço nada”, “conheço muito pouco”, “conheço muito”. Pedimos que, se pudessem, colocassem exemplos.

Quadro 3 - Como você classifica seu conhecimento sobre corpo, diversidade e dança?

P1 35 anos atuando na educação. Gênero: masculino	Não marcou	“Através da dança, você conhece os movimentos, ritmos que contribuem para também na sua formação corporal”.
P2 09 anos atuando na educação Gênero: feminino	Não marcou	Não respondeu
P3	Não marcou	“São três temáticas bastante amplas. Relação do corpo, não só o corpo como, dentro do aspecto biológico, mas o corpo social e filosófico.”

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Nenhum/a professor/a optou por classificar seus conhecimentos sobre corpo, diversidade e dança. Porém dois deles teceram alguns comentários. Pensamos não ser fácil fazer esta relação. Isso porque não fomos habituados a fazer esta relação. Nossos pais não falavam (e ainda não falam) sobre corpo e diversidade em casa, não discutíamos corpo e diversidade na escola, com exceção das aulas de biologia, quando estudamos genética. Mas não passou disso. Em decorrência destes aspectos, pensamos serem estes, fatores que contribuam para que, na atualidade, muitos professores discutam o corpo, apenas a partir do aspecto biológico.

Entendemos que não há uma maneira de apresentação do corpo, mas há diversos caminhos e podemos optar por alguns. Porque já sabemos que nossos corpos não se limitam a dimensão biológica e é preciso falar sobre isso. Pensamos que o primeiro passo é entendermos e aceitarmos nossos corpos como nossas identidades. Acreditamos que não é possível falar abertamente sobre corpo se não nos compreendemos enquanto corpo. Relacionar esse corpo as questões de diversidade também não é uma tarefa fácil, assim como pensar no corpo, que porém se torna necessária.

Mas como garantir falar de corpo no espaço escolar? O currículo escolar permite essa discussão?

O primeiro espaço a ser considerado num mapeamento sobre o corpo na escola é o espaço do currículo que, conjugado ao projeto pedagógico da escola constitui a “medula” pela qual as concepções filosóficas de homem conectar-se-ão ao sentido todo da educação. Entende-se currículo como um projeto de educação o qual se constitui da seleção de experiências da

cultura nacional, regional e educacional de cada unidade escolar e que se constrói juntamente com a seleção das habilidades, das atitudes e dos valores considerados necessários para viver em sociedade. A produção do currículo é realizada por pessoas que selecionam experiências e decidem as formas de aquisição de conhecimento, caracterizando este como um conjunto de saberes e discursos selecionados para responder como, o quê, por que e para quem se dirige tal proposta. Pessoas que falam de um determinado lugar (grupo social e econômico, gênero, cor, nacionalidade) e cujos discursos indicam sobre qual ideia de sujeito e sociedade se pretende formar no aluno (FARAH, 2005, p. 403).

Retornamos a nossa vida escolar. Onde ou quando ouvimos falar sobre corpo na escola? Nas aulas de educação física?

Hoje, enquanto professores, há espaço para falar de corpo na escola para além do corpo biológico? Pensamos que sim, pois as práticas corporais são construções culturais. Todos nós o fazemos?

No quadro quatro, expomos as respostas para o questionamento: Você considera importante trabalhar o conhecimento sobre o corpo, diversidade e dança na escola? Por quê?

Quadro 4 - Você considera importante trabalhar o conhecimento sobre o corpo, diversidade e dança na escola?

P1	Sim	"Porque é importante o conhecimento e o desenvolvimento sobre o corpo e através da dança conhecer a natureza de seus movimentos."
P2	Sim	"Por ser um conteúdo integrado a dança e de fundamental importância para a construção das identidades na escola e fora dela. Assim como possibilidade de valorização da diversidade do nosso povo."
P3	Sim	"É extremamente importante trabalhar esse conhecimento e a cultura. A cultura corporal, a linguagem corporal, todos os aspectos que envolvem o entendimento do corpo. É preciso quebrar com o viés biológico e esportivizado que está muito arraigado nos alunos."

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Percebemos que todos, de alguma forma, consideram importante falar sobre corpo e diversidade na escola. E para além disso, percebem a dança como uma forma de abordagem desta temática. No entanto, saber e afirmar isso, não garante que a dança será/estará incluída nos planejamentos e que temáticas sobre o corpo, para além da anatomia humana sejam colocadas em sala de aula.

E assim como na fala de um/a dos/as entrevistados/as, também compreendemos que a cultura esportiva está enraizada na vivência de movimento nas escolas e este fator é motivo de resistência para muitos alunos na prática da dança. Principalmente pelo fato de não ter o grande atrativo, que é a bola (que, inclusive, pode fazer parte dos processos coreográficos).

Essas afirmações nos levam ao nosso momento na escola enquanto alunos. Íamos para a quadra e nos perguntavam o que queríamos jogar. Ou então, as bolas já estavam separadas. Os meninos jogavam futsal, as meninas jogavam voleibol ou queimado (jogo com características de competição e cooperação, onde duas equipes se atacam com o auxílio de uma bola). Algumas meninas eram “aceitas” para jogar futsal com os meninos, de forma bem rara, mas acontecia.

Para estas afirmações, Saraiva Kunz et al. (1998), afirmam que, tradicionalmente, a Educação Física encontrou uma separação de práticas para os sexos opostos, que foi estabelecida com base nas ideias de desigualdade e na inferioridade feminina. Isto significa dizer que, quando uma diferença entre sexos justifica a não participação de um ou outro sexo nas vivências sugeridas, a discriminação é estabelecida e não atendemos a individualidade de nossos alunos.

Assim, trabalhar com essas temáticas em sala de aula, nos permite dizer que, para além dos estudos sobre corpo, é uma forma de trabalhar em cima das individualidades e potencialidades de nossos alunos, nos permitindo usar as diferenças a favor de uma construção que ultrapasse os limites de nossas salas.

No quadro cinco, elencamos várias opções sobre o que seria importante que os alunos aprendam sobre corpo, diversidade e dança na escola.

Quadro 5 - O que considera importante que os alunos aprendam sobre corpo, diversidade e dança na escola?

P1	Marcou todas as opções	
P2	Marcou todas as opções	
P3	Marcou todas as opções	Cultura popular maranhense.
☐ Contribuições sobre o que é corpo. ☐ Contribuições sobre o que é diversidade. ☐ Conhecer os elementos da dança. ☐ Conhecer mais seus corpos através da dança. ☐ Compreender mais o corpo do outro através da dança. ☐ Conhecer diversos tipos de dança. ☐ Conhecer possibilidades de inclusão através da dança.		

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Todos/as consideraram importante contribuir sobre o que é corpo e diversidade, conhecer os elementos da dança, os diversos tipos e as possibilidades de inclusão através da dança. Além de conhecer mais seus corpos e compreender o corpo do outro através da dança.

Para além destas contribuições, um/as dos/as entrevistados/as, deu ênfase para o ensino da cultura popular maranhense. Onde destacou que “em se tratando do Maranhão, um estado rico na cultura, um dos primeiros conteúdos que deveríamos trabalhar seria a cultura popular maranhense. Com todas as manifestações de dança, da nossa cultura especificamente”. O que nos remete a afirmação de Brasileiro (2002-2003), quando afirma que a dança é tratada como componente folclórico no interior das escolas e que raramente é valorizada por ter um conhecimento próprio de linguagem expressiva específica.

Não descartamos a cultura popular. Compreendemos sua importância e valor, o que nos inquieta, é recordar nossa vida escolar e perceber que as danças populares estavam lá, porém, se limitavam ao período de festas juninas. Para Brasileiro (2002-2003) a dança precisa ser compreendida como conhecimento significativo para nossas ações corporais. E que essas ações podem ser exploradas pelo universo de repertório popular, clássico, folclórico, contemporâneo.

E que também podem ser exploradas pela improvisação e pela composição coreográfica. A vivência da dança, nas escolas, não deve ser reduzida as danças da tradição, mas estas, são muito importantes e também devem estar presentes na escola, porém de maneira contextualizada, não apenas em momentos festivos.

No quadro seis, questionamos os/as professores/as quanto a suas experiências com dança na escola.

Quadro 6 - Quais experiências teve com dança na escola?

P1	Na escola e/ou sala de aula.	“Trabalhando o conteúdo com os alunos e esclarecendo a importância da dança como movimento social.”
P2	Na formação inicial e na formação continuada.	“Na formação inicial através de disciplinas. Na formação continuada através de vivências ministrando disciplinas e em cursos/oficinas.”
P3		Enquanto aluna danças folclóricas e maranhenses. E é uma das possibilidades com as quais eu gosto de trabalhar. Eu sei que é um amplo conhecimento, nem sempre a gente sabe tudo, mas a gente tenta especificar alguns conteúdos para serem trabalhados. Eu particularmente, tenho mais habilidade em trabalhar com dança popular maranhense.”

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Alguns/as colocam suas experiências enquanto professores/as e outros/as, enquanto aluno/a e professor/a.

Quando falamos em ensino da dança nas escolas, a formação dos professores é sempre colocada em pauta. Enquanto professores, hoje, compreendemos que nossas experiências que antecedem a formação profissional são muito significativas. Nossas vivências e ações durante a formação e depois dela, são de extrema importância para a forma como vamos desenvolver nosso trabalho depois. Mas ninguém nos diz isso quando adentramos o ensino superior. Às vezes, descobrimos da pior forma, diante a prática dentro das escolas.

Porém, acreditamos que o fato de não “dominar” determinado conteúdo, não nos impede de abordá-lo em nossas aulas. Não o faremos como outros professores/as, nenhuma aula é igual a outra (tanto em relação aos/as professores/as quanto aos/as alunos/as).

No quadro sete, abordamos o ensino da dança e suas dificuldades ou facilidades da sua abordagem na escola.

Quadro 7 - Como vê a facilidade ou dificuldade do trabalho com dança na escola.

P1	“Muitas das vezes há dificuldade em relação ao material didático.”
P2	“Quanto à formação a dificuldade vem com a limitação de se colocar a frente. Acredito que os materiais não são de difícil acesso. Considero que trabalhar com a dança quando organizado e planejado não apresenta dificuldade.”
P3	“Bom, o trabalho com dança, na verdade dos conteúdos clássicos da educação física, esporte, jogos, lutas, dança e ginástica é um dos mais desafiadores. Primeiro pela relação com os alunos percebem o corpo ou não se percebem também. Que a gente tem em fazer um descaminho na análise dos conteúdos da educação física escolar. A dificuldade da relação do corpo masculino com o corpo feminino, que entra a relação da diversidade e da dança. Então, assim, de qualquer maneira eu tenho esse desafio de trabalhar e dificuldade metodológica por essa razão. Enfrentar os desafios com que o outro se percebe enquanto corpo é algo desafiador pro professor.”

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Quando buscamos as respostas para esse questionamento, nos deparamos com falas já ditas em diversas pesquisas por outros/as professores/as. Não é uma realidade apenas nossa.

Problemáticas que vão desde capacitação à disponibilização de material didático e aceitação por parte dos alunos.

Porém, como já foi dito antes, acreditamos não ser necessário ser bailarino/a para desenvolver o conteúdo dança na escola. Em relação ao material didático, de fato, a algum tempo atrás era bem mais difícil encontrar materiais que nos ajudassem no planejamento das aulas. Hoje, temos a internet que nos leva a qualquer lugar do mundo e nos disponibiliza materiais de inúmeros autores, que inclusive, ajudam muito na elaboração das aulas.

Já em relação a aceitação dos alunos, a problemática envolve, principalmente, os alunos do sexo masculino. No entanto, a dança pode contribuir para que a gente desfaça concepções fechadas sobre masculino e feminino. Contextualizando e ressignificando, por exemplo, manifestações onde só homens dançam ou que só mulheres dançam.

No quadro oito, questionamos a ocorrência de situações disseminadoras de preconceito, em relação aos corpos e as diferenças.

Quadro 8 - Você já observou ou vivenciou alguma situação de dificuldade ou mesmo preconceito na escola, que envolvesse a temática corpo e diversidade?

P1	Não.	"A escola trabalha as questões da inclusão em todos os seus aspectos nunca foi observado dificuldade sobre essa temática."
P2	Sim.	"Em diversos momentos vivenciei situações de preconceito pela ausência de entendimento acerca da temática. Crianças criticando colegas sobre o seu peso, forma de correr..."
P3	Sim.	"No Colun a gente tem melhorado consideravelmente a relação metodológica com o conteúdo dança, com a relação dos entendimentos e compreensões sobre o corpo, mas ainda assim a gente ainda se depara com uma relações de gênero. De o menino não se sentir à vontade para tocar na mão de outro garoto ou de algumas atividades que tem que haver o toque corporal. São atividades desafiadoras e existe uma grande resistência ainda sobre essa relação. "

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

As situações disseminadoras de preconceito no ambiente escolar não são coisas da atualidade, enquanto alunos/as vivenciamos e presenciamos várias. Enquanto professores/as não foi diferente. Ainda hoje, alunos/as julgam e tratam seus colegas com base em suas características físicas (principalmente).

Tais atitudes, acabam fazendo com que muitos se escondam atrás de seus livros, atrás de seus comportamentos mais retraídos. É como se quisessem ser invisíveis dentro da escola. Isso acaba fazendo com que não se permitam experimentar e participar de algumas atividades.

Família, amigos, escolas, igrejas, grupos de dança (etc.) são comunidades que constroem em nossos corpos modelos de gênero, idade, etnia, religião, orientação sexual, classe social, entre outros. As múltiplas comunidades entrelaçadas que corpo, reificamos não somente projetam modelos (vislumbram construções futuras), mas, sobretudo, imprimem em nossos corpos formas de comportamento, atitudes, pensamentos, sensações e afetos – imprimem modos de ser e de estar em sociedade. Nessa linha de raciocínio, são os "projetos comunitários" que imprimem e constroem, também, formas de dançar, formas dos corpos existirem nos tempos e espaços das dinâmicas sociais ao dançarmos. Face da mesma moeda, podemos pensar as aulas e espaços de dança como lugares em que esses projetos sejam reconcebidos, reformatados, reconfigurados. Assim, em vez de "criarmos caramujos", poderíamos estar contribuindo para educar

cidadãos. A dança deixaria de ser uma concha/modelo e poderia se tornar um convite à crítica e transformação de corpos/pessoas (MARQUES, 2011, p. 33).

Precisamos reconhecer e aceitar que nossa sala de aula é composta por muitas versões corporais e trabalhar para que todos esses corpos sejam contemplados, valorizados, compreendidos, respeitados. Ao apostarmos na dança como um meio de transformar, estaremos também apostando na “educação de corpos cidadãos em salas de aula e estaremos também apostando na capacidade dialógica dos corpos que dançam e, assim, na capacidade humana de “sair da concha” e de estar no mundo com seus corpos” (MARQUES, 2011, p. 35).

Para tanto, Merleau-Ponty (2006), diz que ser corpo é estar ligado a um mundo que não possuímos por completo e mesmo assim, não paramos a busca. Somos corpos no mundo. Assim, a perspectiva de corpo deve ser repensada, também, na escola.

O que podem os corpos na escola? Podem também dançar? Todos eles? Dançar e refletir acerca de suas ações, sentimentos, relações e vários outros aspectos inerentes ao movimento corporal?

4.1.2 DRP aplicado aos alunos/as (Apêndice C)

O questionário aplicado aos alunos também foi desmembrado em quadros. Cada um deles representa uma pergunta com as respostas dos vinte e três alunos/as.

Entregamos o questionário e cada aluno ficou à vontade para responder ou não as perguntas, cada um no seu espaço. Não fizemos qualquer intervenção, apenas pedimos que respondessem de acordo com seus conhecimentos, sem achar que existe uma resposta certa para isso, o qual não se configurou como uma prova.

O quadro abaixo mostra o conceito de corpo para nossos/as vinte e três alunos/as.

Quadro 9 - Qual o conceito de corpo para você?

A1	É mais sobre aparência.
A2	Estrutura física usada para fazer atividades (????)
A3	O corpo pra mim seria uma espécie de máquina que usamos para tudo.
A4	Corpo pra mim é um conjunto de órgãos que estão em constante trabalho, fazendo com que exista um ser que pode realizar diversas funções.
A5	Para mim, corpo é considerado um instrumento que utilizamos para fazer muitas coisas, e que devemos descobrir mais sobre ele, pois conhecemos somente o básico.
A6	(Humano) é um conjunto de sistema e órgãos que tem energia.
A7	Um conjunto de tecidos e órgãos.
A8	Um conjunto de órgãos, com diversas funções. Ou qualquer coisa que ocupa espaço.
A9	Conjunto de órgãos, e sistemas.
A10	Elemento fundamental para a identidade de uma pessoa.
A11	Corpo é aquilo que usamos para interagir com o mundo.
A12	Uma estrutura física que usamos para se movimentar e realizar atividades do dia a dia.
A13	Não sei conceituar.
A14	É o conjunto de membros, compostos por órgãos e etc...
A15	Aquilo que ocupa lugar no espaço.
A16	Aquilo que ocupa um lugar no espaço.
A17	Função de várias partes que compõem uma estrutura.
A18	O corpo é uma ferramenta na qual podemos usufruir vontades do cérebro.
A19	É o meu primeiro patrimônio, algo como se fosse meu próprio templo.
A20	Um sistema cuja função é realizar atividade de acordo com a consciência.
A21	É um conjunto de um todo, formando um único ser, seja ele material ou não.
A22	Corpo é uma grande quantidade de massa que ocupa espaço.
A23	Conjunto de órgãos e tecidos.

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

O quadro nove nos mostra que a maioria dos alunos possui um conceito mais biológico sobre o corpo, fazendo relação com órgãos, tecidos e sistemas. Alguns instrumentalizam o corpo, dizendo que é uma “ferramenta para fazer as vontades do cérebro”, uma “máquina que usamos pra tudo”, “uma estrutura física que usamos para se movimentar e realizar atividades do dia a dia”. Um/a aluno/a disse não saber conceituar, um/a afirmou ser sobre aparência e outro/a relacionou a identidade.

As respostas estão erradas? Não! Esta é a consciência de corpo que eles, até então, construíram. Retornando a nossas vivências na escola enquanto alunos/as, recordamos que nossa consciência de corpo era, também, muito biológica. Se a alguns anos atrás nos fizessem o mesmo questionamento (qual o conceito de corpo para você?), responderíamos sem pestanejar: um conjunto de músculos e ossos que fazem com que a gente se movimente e faça nossas vontades.

Pensar o lugar do corpo na educação em geral e na escola em particular é inicialmente compreender que o corpo não é um instrumento das práticas educativas, portanto as produções humanas são possíveis pelo fato de sermos corpo. Ler, escrever, contar, narrar, dançar, jogar são produções do sujeito humano que é corpo. Desse modo, precisamos avançar para além do aspecto da instrumentalidade. O desafio está em considerar que o corpo não é instrumento para as aulas de educação física ou de artes, ou ainda um conjunto de órgãos, sistemas ou o objeto de programas de promoção de saúde ou lazer. Certamente, áreas como educação física ou artes tematizam práticas humanas cuja expressão, em termos de linguagem, tem no corpo sua referência específica, como é o caso da dança ou do esporte. (NÓBREGA, 2005, p. 610).

Sendo assim, indagamos: qual o lugar dos corpos na escola? Como podemos discutir esta temática na escola? Essa discussão é possível? Não só possível, como necessária.

Logo em seguida, os alunos puderam revelar o que pensam sobre diversidade. No quadro abaixo, podemos identificar as vinte e três respostas.

Quadro 10 - Qual o conceito de diversidade para você?

A1	É diferentes abordagens sobre um assunto.
A2	É uma coisa diferente.
A3	Diversidade seriam coisas diferente entre si, mas que ainda consigam conviver.
A4	Diversidade pra mim são “diferentes” e esses diferentes estão em constante contato assim de convivência.
A5	Vejo diversidade como uma variedade de coisas, qualquer que seja elas.
A6	Variedade de um mesmo ser.
A7	Tudo que abrange mais de uma cultura.
A8	Algo variado, ou como dito diversificado.
A9	Algo que pode ser encontrado em vários lugares, e que seja diferente. Como por exemplo a diversidade cultural.
A10	Não sei.
A11	Diversidade está relacionada as diferenças da forma de viver e pensar.
A12	É a aceitação de várias opiniões e jeito de ser, como por exemplo a homossexualidade.
A13	A pluralidade cultural existente no mundo.
A14	É tudo aquilo que apresenta uma grande variação.
A15	Coisas diversas, várias coisas diferentes.
A16	Coisas diferentes.
A17	Mistura de diferentes coisas (como costumes, culturas...) atuando juntos.
A18	Conjunto de ideias, posições, raças, cultura e sentidos.
A19	Uma série de diferenças que definem alguém ou algo.
A20	Significa a variação entre os seres.
A21	Reconhecimento do diferente.
A22	Algo com grande quantidade, podendo ser um conceito como cultura, etnias, etc.
A23	Algo variado, diverso.

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Notamos que quase todos/as relacionam diversidade a ideia de diferença, e localizam essas diferenças nas questões de cultura, de sentidos, de opiniões. Também utilizam o termo “coisas”: coisas diferentes, coisas diversas. Algo variado ou diversificado que pode ser encontrado em vários lugares, e até mesmo, dizem ser a aceitação de várias opiniões ou jeito de ser e citam como exemplo, a homossexualidade.

Nenhum/a aluno/a fez uma abordagem mais direta para a diversidade corporal, que é nosso foco aqui. Revelando essa ideia de corpos diferentes que ocupam os mesmos espaços e que podem fazer as mesmas coisas, cada um à sua maneira. Porém, todas as ideias sobre diversidade lançada por eles são válidas, podem e devem ser aproveitadas para alimentar e aprofundar as discussões.

Quando questionados sobre a participação de atividades voltadas para dança na escola ou em outro espaço, obtivemos as respostas colocadas no quadro abaixo.

Quadro 11 - Já desenvolveu atividades de dança na escola ou em outro espaço?

A1	Não.
A2	Não.
A3	Não.
A4	Não, nunca desenvolvi algo do tipo.
A5	Não, nunca desenvolvi nenhuma atividade relacionada a dança em lugar algum, pois não tenho muita afinidade com a prática, mas eu tenho vontade de aprender, pelo fato de ser um conhecimento a mais para a vida.
A6	Não.
A7	Não, nunca tive interesse.
A8	Já teve, mas não participei por não me interessar em dança.
A9	Sim.
A10	Não.
A11	Não.
A12	Sim.
A13	Sim.
A14	Sim.
A15	Em outro espaço.
A16	Não.
A17	Sim, na escola da qual eu era.
A18	Não.
A19	Não.
A20	Já.
A21	Não.
A22	Sim.
A23	Não.

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Oito alunos/as disseram já ter participado de algo, destes/as, dois/as foram em outro espaço. Todos/as os/as outros/as disseram que não, nunca se envolveram em atividades com dança na escola ou fora dela.

Este quantitativo nos projeta para nossas experiências enquanto alunos/as na educação básica. No passado, este quadro não seria tão diferente, talvez com um quantitativo ainda mais reduzido de alunos com participação em atividades voltadas para a dança.

Na sequência do questionário, observamos as considerações dos alunos sobre vivenciar ou presenciar alguma situação de preconceito em relação ao corpo na escola.

As respostas seguem no quadro abaixo:

Quadro 12 - Já vivenciou ou presenciou alguma situação negativa em relação ao (s) corpo (s) na escola? Comente.

A1	Sim, acho que todo mundo já vivenciou algo como bullying sobre o visual do amiguinho.
A2	Sem resposta.
A3	Não, nunca tive esses problemas.
A4	Sim, com pessoas tendo problemas intestinais, ou tendo algo externo do corpo seriamente danificado.
A5	Não, nunca vivenciei nenhuma situação desagradável acerca do assunto, pois eu vim ter contato com a educação física há 1 ano atrás.
A6	Não.
A7	Não.
A8	Não, nunca me importei com isso. Talvez já, mas nunca prestei atenção.
A9	Não me lembro.
A10	Sim. Já presenciei várias práticas de bullying nas minhas antigas escolas. Alguns alunos davam apelidos ofensivos aos outros em relação ao corpo.
A11	Sim, já presenciei e passei por bullying devido a maneira negativa que as pessoas enxergam corpos fora do padrão.
A12	Sim, foi que um colega fez uma brincadeira de mal gosto com uma outra amiga chamando ela de cabelo de bombрил.
A13	Não.
A14	Sim. Aceitarem ou julgarem meu corpo.
A15	Não.
A16	Não.
A17	Não.
A18	Sim, uma vez dei um chute tão forte na bola com minha chuteira velha e todo mundo da interclasse riu kkk
A19	Já. Nas rodas de conversa entre os alunos onde alguns dizem que não gostam de como seu corpo é.
A20	Não, porque gosto do meu corpo.
A21	Sim, bullying.
A22	Sim, o preconceito com pessoas, além da hipersexualização das pessoas como a sexualização do corpo de pessoas negros.
A23	Sim, bullying no cotidiano.

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Aqui, tivemos onze respostas sim e onze não. Um/a aluno/ não respondeu.

Percebemos que em relação aos que disseram já ter vivenciado ou presenciado situações negativas em relação ao corpo, todas as respostas estão relacionadas, principalmente, a atitudes que caracterizam o bullying. Alunos são identificados de acordo com características físicas como cabelo ou o formato do corpo, e isso acaba sendo usado para rebaixar ou diminuir o outro. Um/a cita, inclusive, roda de conversa entre os alunos, onde alguns/as dizem não gostar de como seus corpos são.

Dentre os que disseram não, dois citam não lembrar ou não perceber, caso já tenha acontecido. E um/a diz que não, porque gosta do seu corpo.

Essas situações, que diminuem e até mesmo adoecem pessoas, são mais comuns do que imaginamos, na escola e fora dela. Esse fenômeno não é atual e, certamente, tão logo não deixará de existir. Porém, podemos combater, propor discussões e (re) construir as concepções de corpo e diversidade na escola. Incentivando o respeito ao outro e as diferenças.

No quadro seguinte, elencamos o posicionamento dos/as alunos/as sobre a importância na abordagem de temáticas como corpo e diversidade e as atividades com dança na escola.

Quadro 13 - Você considera importante abordar conhecimentos sobre corpo, diversidade e dança na escola? Porquê?

	Você considera importante abordar conhecimentos sobre corpo, diversidade e dança na escola? Porquê?
A1	Sim. Para ter conhecimento sobre o assunto.
A2	Sim.
A3	Sim, porque seria uma prática física que deve ter seus benefícios.
A4	Sim, para cuidar melhor do nosso corpo.
A5	Sim.
A6	Sim, é uma forma de entender a si e desenvolver-se.
A7	Sim, porque é extremamente importante conhecer a nós mesmos e vivermos saudáveis.
A8	Sim, aprendemos a sua utilidade.
A9	Sim, pois faz parte da nossa cultura.
A10	Sim, através desse conhecimento haverá mais respeito, aceitação entre os alunos.
A11	Não. Entendo a importância de entender assuntos relacionados a corpo e diversidade. Mas não entendo a importância da dança na escola.
A12	Sim. Pelo fato de aprender coisas que não sabíamos sobre o corpo.
A13	Sim. Porque é importante conhecer essa temática e saber a diversidade cultural do país em que vivemos.

A14	Sim, pois é desconhecido para muitos.
A15	Sim. Porque incentiva a cultura e atividades físicas.
A16	Sim. Incentiva uma atividade física e a cultura.
A17	Sim. Para conhecer e saber sobre esses assuntos muitas vezes esquecidos.
A18	Sim. As pessoas precisam perder a vergonha.
A19	Não. Vai ser necessário para a formação e aceitação de si mesmo como indivíduo.
A20	Sim. Todo mundo tem um corpo.
A21	Sim. Todo conhecimento e prática esportiva é válida.
A22	Sim, porque é algo presente em nossa vida, e devemos ter consciência que esse tópico é importante pois tem tudo a ver com tolerância e saúde.
A23	Sim. É algo a ser estudado e abordado.

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Apenas dois/as respondem não, um/a afirma entender a importância em compreender assuntos relacionados a corpo e diversidade, mas que não entende a importância da dança dentro da escola. O que nos leva a pensar que é preciso ressignificar a dança nas escolas, especialmente nas aulas de Educação Física, havendo a necessidade de fazer com que a mesma seja tratada como conteúdo formal.

Os demais responderam sim e elencaram vários motivos que justificam a necessidade de falar sobre corpo, diversidade e dança na escola.

Dando sequência, no quadro abaixo, organizamos as opções marcadas pelos alunos em relação ao que consideram ser importante aprender sobre corpo, diversidade e dança na escola.

Quadro 14 - O que considera importante aprender sobre corpo, diversidade e dança na escola?

	O que considera importante aprender sobre corpo, diversidade e dança na escola?
A1	Marcou 1, 2, 4, 4 e 7.
A2	Marcou todas as opções.
A3	Marcou 3,4, 6 e 7.
A4	Marcou 1 e 2.
A5	Marcou 1, 2, 3, 4, 5, e 6.
A6	Marcou 1, 3, e 5.
A7	Marcou apenas a opção 7.
A8	Marcou apenas a opção 1.
A9	Marcou 1, 2 e 7.
A10	Marcou 2, 4, 6 e 7
A11	Marcou 1, 2, 3, 6 e 7.
A12	Marcou 1, 2 e 5.
A13	Marcou 1, 2, 3 e 6.
A14	Marcou 1, 2, 4, 5, e 6.

A15	Marcou apenas a opção 1.
A16	Marcou 1 e 3.
A17	Marcou 2, 3, 6 e 7.
A18	Marcou todos e incluiu: Aprender a se expressar através da dança.
A19	Marcou apenas a opção 2.
A20	Marcou 1, 2 e 7.
A21	Marcou todos.
A22	Marcou todos.
A23	Marcou 1, 2 e 3.
(1) Contribuições sobre o que é corpo. (2) Contribuições sobre o que é diversidade. (3) Conhecer os elementos da dança. (4) Conhecer mais seus corpos através da dança. (5) Compreender mais o corpo do outro através da dança. (6) Conhecer diversos tipos de dança. (7) Conhecer possibilidades de inclusão através da dança.	

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Percebemos que, praticamente, todos/as consideraram ser importante fazer contribuições sobre o que é corpo. O que nos leva a identificar que eles/as querem compreender o corpo para além da estrutura biológica. Também percebemos o interesse pelas contribuições sobre o que é diversidade. Conhecer os elementos da dança, conhecer os diversos tipos de dança e as possibilidades de inclusão através da dança atingiram um pouco mais que a metade do público, nos fazendo constatar que o interesse pela dança ainda perpassa por algumas dificuldades. Os motivos? Descobriríamos no decorrer dos momentos com eles/as.

Em seguida, solicitamos que comentassem sobre ter dificuldades ou preconceitos em relação a temática corpo e diversidade.

No quadro abaixo, elencamos as respostas.

Quadro 15 - Você tem alguma dificuldade ou até mesmo algum preconceito em lidar com o tema corpo e diversidade? Comente.

	Você tem alguma dificuldade ou até mesmo algum preconceito em lidar com o tema corpo e diversidade? Comente.
A1	Não, acho até importante lidar com esses temas.
A2	Não, talvez, não sei, mas acho legal ter atividades relacionadas a esse tema.
A3	Não, eu não tenho problemas com diversidade e respeito o meu e todos os outros corpos.
A4	Não, não tenho nenhum problema em relação a isso.
A5	Não, eu não tenho, pois vejo esse tema como uma forma a mais de conhecer a si mesmo e do desenvolvimento coletivo, devemos adotar algumas práticas da educação física ou até mesmo alguns esportes, para desenvolver mais o seu corpo, seja o corpo que for, praticar alguma coisa, sempre trará benefícios para o nosso corpo.
A6	Não, o corpo (humano), digo, as questões relacionadas à ele não me exigem ou causam desconforto.
A7	Não, não tenho.

A8	Não, só não me interessa, mas também não discrimino.
A9	Não, pois é algo que é comum, ou deveria ser.
A10	Em relação a diversidade não, pois sei que ninguém é igual, há diferentes opiniões e culturas, mas em relação ao corpo, especificamente o meu eu tenho um pouco de dificuldade em lidar.
A11	Não. Não acho que isso seja um assunto desconfortável para uma conversa.
A12	Não.
A13	Não, cada um tem o seu corpo e cada corpo é diferente do outro e devemos respeitar isso.
A14	Não, super compreendo e apoio este tema nas escolas.
A15	Não.
A16	Não.
A17	Não, sou mente aberta pra isso.
A18	Sim, as pessoas acham a dança uma coisa muito feminina.
A19	Não. Acho bem tranquilo.
A20	Não, acho tranquilo.
A21	Não, acho um tema comum, mas não muito discutido.
A22	Não.
A23	Não.

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Percebemos que a maior parte do grupo afirmou não ter dificuldades em lidar com a temática corpo e diversidade. Um/a afirmou ter dificuldade e disse que “as pessoas acham a dança uma coisa muito feminina”, o que já nos dá algumas possibilidades para articular as discussões. Além disso, outro/a aluno/a, disse não ter problemas em relação a diversidade, mas que tinha uma certa dificuldade em lidar com o próprio corpo.

Sant’Anna (2000, p. 50), em “descobrir o corpo: uma história sem fim”, diz que “conhecer o corpo é, também, uma tarefa incerta e, as certezas acumuladas a seu respeito são provisórias”. Isso porque somos, também, corpos históricos, influenciados por nossas vivências, pelos ambientes que frequentamos e pelas pessoas que nos relacionamos.

Finalizando este momento, questionamos a relação dos/as alunos/as com a dança na escola.

Logo abaixo, verificamos as seguintes respostas:

Quadro 16 - Você tem alguma dificuldade ou até mesmo algum preconceito em relação a atividade com dança na escola? Comente.

	Você tem alguma dificuldade ou até mesmo algum preconceito em relação a atividade com dança na escola? Comente.
A1	Não, nunca participei para criticar.
A2	Não, acho legal.
A3	Não, eu considero a dança só como mais uma atividade.
A4	Sim, tenho dificuldade em relação a dança e acho que não é uma coisa prioritária quando o assunto é corpo, e sim a prática de esportes ou exercícios físicos normalmente.
A5	Preconceito eu não tenho, porém acho que deveria ser acrescido na grade escolar, pois é uma chance de se desenvolver mais, se conhecer mais através da dança, pois no meu ponto de vista deveria existir mais matérias relacionadas a arte, pois só assim o aluno pode ver as coisas de outra maneira.
A6	Não, já dancei uma vez em uma apresentação de escola.
A7	Não.
A8	Como dito acima, não gosto e também não discrimino.
A9	Não, pois a escola é um local onde devemos aprender diversas coisas, e a dança tem que ser uma delas porquê faz parte da nossa cultura, a cultura brasileira.
A10	Eu não tenho preconceito, mas sim um pouco de dificuldade.
A11	Sim, não fico confortável em dançar próximo a pessoas.
A12	Não. Eu considero a dança muito importante para que ocorra a inclusão de pessoas.
A13	Sim, não sei dançar e tenho vergonha de dançar em público.
A14	Não, pois é mais conhecimento para as pessoas que não sabem.
A15	Sim, porque queria jogar e bola.
A16	Não.
A17	Não, inclusive gosto.
A18	Não, é importante, pois, é arte.
A19	Não. Acho bem tranquilo.
A20	Sim, tenho preguiça.
A21	Não, é uma bela e interessante forma artística.
A22	Sim, tenho um pouco de vergonha.
A23	Não.

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Aqui, notamos uma divisão acerca da relação com a dança. Alguns dizem ter uma certa dificuldade, por ter vergonha, por não se sentirem confortáveis, por não saber dançar, por querer participar de uma atividade com bola, por achar que a dança “é uma coisa prioritária quando o assunto é corpo”.

Porém, a maioria afirma não apresentar dificuldades ou algum tipo de preconceito quando o assunto é dança. Citam ainda a inclusão da dança na grade curricular das escolas, como uma possibilidade de fazer com que o aluno possa ver coisas de outra maneira.

Consideramos, então, que existe uma visão positiva acerca da dança na escola, mas, também, ainda encontramos falas que reforçam o desafio que é trabalhar com a dança nas escolas.

Diante de todos esses pensamentos, pudemos fazer um Raio-X, que nos ajudaria a reorganizar nossas ideias e repensar em algumas propostas que havíamos planejado para a sala de aula.

4.2 Relatório das oficinas

Logo após entregarem os questionários, conversamos para aproveitar o tempo que ainda restava em nosso primeiro encontro (oficial). Antes disso tivemos contato para que pudéssemos nos apresentar e explicar nossa proposta.

Debatemos sobre as perguntas do questionário e fizemos algumas reflexões. Alguns questionaram nossos conceitos e discorremos sobre os mesmos, falando de corpo, diversidade e a importância da dança na escola. Começamos falando de nossa construção de corpo na escola, que também foi direcionada para questões biológicas, mas com que o passar do tempo e com diversas leituras, principalmente no ensino superior e no grupo de estudos, tivemos a oportunidade de ampliar esses conceitos.

Falamos do corpo como nosso meio de comunicação, com o outro e com o mundo. Sobre expressão de sentimentos (bons e ruins), sem precisar usar a fala. Abordamos a diversidade corporal e sua importância para a construção de uma sociedade que se complementa, com corpos, pessoas, talentos e direcionamentos diferentes. Percebíamos olhares desconfiados, movimentos de cabeça concordando com nossa fala, sorrisos (seria estranhamento?).

Alguns falaram que foi muito difícil pensar e escrever um conceito para corpo (muitos balançaram a cabeça concordando). E de fato, não é fácil definir o que é corpo, até porque as definições podem ser construídas a partir de diferentes aspectos corporais.

Através de uma conversa leve e aparentemente esclarecedora. Percebemos que este momento foi fundamental para que eles comesçassem a compreender a nossa proposta.

Em seguida falamos sobre dança, sobre alguns se sentirem envergonhados e demonstrarem uma certa resistência para a participação nas

aulas, por vários motivos. O que já era de se esperar. Abordamos a importância da dança e como esta prática pode contribuir para que a gente possa compreender e conhecer mais nossos corpos. Além de trazer a ideia de que podemos usar conteúdos formais, para abordar temáticas relevantes para serem discutidas também na escola.

A partir daí, notamos uma certa curiosidade, em como faríamos todo esse trabalho. “A gente vai dançar o que professora?”. “Não vai ter funk não né?”. “Vai valer ponto?” Em meio a sorrisos e olhares “preocupados”, dissemos apenas que: na próxima aula descobriremos. Com o fim do horário, nos despedimos e nos encontraríamos após dois dias, para iniciar, de fato, as oficinas.

Assim, após dois dias, nos encontramos novamente e tivemos dois horários para o desenvolvimento de nossas atividades.

Todas as nossas atividades foram práticas, comparadas para reflexões. Como não havia um outro espaço, afastamos as cadeiras e fizemos as atividades na mesma sala em que eles/as assistiam aula todos os dias. Utilizamos uma pequena caixa de som, músicas armazenadas na pasta do celular, um pandeiro e um tamborim infantis. Estes foram os únicos objetos utilizados, o foco era o corpo e a diversidade corporal existente entre eles/as.

Em nosso primeiro momento, começamos falando sobre a dança e seus elementos, era importante iniciar assim, pois estes são parte essencial para que possamos trabalhar com a dança. É preciso que os alunos compreendam cada um deles, para que assim, possam utiliza-los quando for solicitado. Então, com base no trabalho de Rudolf Laban (1990), fizemos algumas anotações no quadro, e explicamos cada um deles:

- a) Exploraríamos o ESPAÇO, em diferentes alturas/níveis, direções, trajetórias e amplitudes;
- b) TEMPO, buscaríamos nos movimentar em diferentes velocidades e batidas (regulares e irregulares);
- c) FLUÊNCIA, explorando movimentos livres (relaxado, descontrolado, contínuo...) e amarrados (tensos, controlados...)
- d) AÇÕES E MOVIMENTOS CORPORAIS, motores (caminhar, correr, saltar, engatinhar, rodar...) e não motores (torcer, agitar, balançar, inclinar, cair, fazer gestos com as mãos ou com os pés...).

Após a parte teórica, partimos para nosso primeiro momento prático. Onde solicitamos que todos os alunos se organizassem em formato de círculo, colocamos uma música suave e pedimos que fechassem os olhos. A partir daí, solicitaríamos algumas ações e gostaríamos que eles/as colocassem em prática. Assim, solicitamos os seguintes passos (nos referimos a eles/as sempre em primeira pessoa, para que sentissem que estávamos falando com cada um/a, de forma individual, para que se movimentassem a sua maneira, mesmo sendo solicitada uma mesma ação):

1. Respire lentamente, posicione as mãos na barriga, quando inspirar encha a barriga como se fosse um balão, depois expire, soltando o ar lentamente, sem pressa. (Acreditamos que como estavam de olhos fechados, foi mais “fácil” para que todos/as participassem).
2. Continue respirando lentamente. Inspire elevando os braços, expire voltando os braços para a lateral do seu corpo.
3. Abra e feche as mãos lentamente, tente seguir o ritmo da música. Massageie um dos seus braços, depois o outro. Agora os ombros, o rosto, as coxas, as pernas, os pés. Sinta cada segmento do seu corpo, ele é seu, esse corpo é você. Sinta seus cabelos, seus batimentos cardíacos, sua respiração. Seu corpo tem ritmo, pra tudo.

Paramos a música e fomos para o segundo momento, onde utilizamos um pequeno tamborim e um pandeiro (de brinquedo). Explicamos que eles se movimentariam pelo espaço, seguindo a batida dos instrumentos. Andaram rápido, devagar, para frente, para trás e para os lados. Caminharam em várias direções e em diferentes velocidades, trombando uns nos outros, procurando espaço entre os/as colegas, perto das cadeiras afastadas.

Após esta atividade, começamos a diminuir a velocidade, pedindo que fosse cada vez mais lento, até que parassem e se organizassem em círculo. Nesta disposição, todos sentamos. Perguntei o que haviam achado e se haviam identificado alguns dos elementos citados anteriormente. SILÊNCIO ensurdecedor. Então comecei a fazer alguns questionamentos. Perceberam que exploramos a sala? Que nos movimentamos em várias direções, trajetórias e velocidades? Respostas: siiimmm! Alguém disse que esses eram alguns dos elementos que foram apresentados no começo da aula e que as pessoas fazem isso quando dançam. Quase todos participaram, uma garota que chegou atrasada apenas acompanhou

com olhos curiosos e outra acompanhou e me ajudou com as músicas com olhos tímidos.

Percebemos que eles/as não se colocavam muito a disposição para falar e consideramos isso normal, até porque não tínhamos muito tempo de convívio. Alguns tentavam se comunicar, mas sem falar muito. Percebíamos olhares, risos de canto de boca, movimentos de dedos, unhas sendo roídas. Vamos pensar em outra estratégia. As rodas de conversa não vão funcionar. Com mais nossas do que dos alunos, encerramos nossa primeira oficina, nos despedimos e ficamos no aguardo de nosso próximo encontro. O que era um problema a ser resolvido.

Chegamos na escola já uma semana antes das provas finais e encerramento das aulas. Eles não teriam mais aulas de educação física na semana seguinte e estariam na escola para organizar uma atividade de artes, onde teriam que ensaiar uma apresentação teatral. Para que nosso trabalho não ficasse perdido, fomos até a escola e “negociamos” um horário com os alunos.

A professora de educação física da turma não estaria mais na escola, assim, fui acompanhada por uma outra professora, também de educação física, porém de um outro segmento. Chegamos a um denominador comum, eu iria à tarde para escola, ficaria com eles das 13:30 até as 16h, este seria meu tempo para finalizar nossas atividades. Assim, nos programamos e na segunda estávamos lá para dar continuidade.

Chegamos na escola, a professora nos acompanhou, organizamos a sala novamente. Conversamos um pouco, numa tentativa de nos aproximar um pouco e deixar o ambiente leve.

Começamos solicitando que formassem um círculo. Utilizamos músicas instrumentais e que exploram os sons produzidos pelo corpo. A partir daí, pedimos que se movimentassem como quisessem, em seguida cada um/a faria um movimento específico e os demais copiariam o movimento. Tivemos movimentos mais soltos, outros mais contidos, pequenos, grandes, mais controlados, divertidos.

Uma variedade imensa, pois nem mesmo tentando copiar os movimentos dos outros, saía igual. Bingo! Todos fizeram os movimentos, cada um do seu jeito. Ainda em círculo pedi que seguissem agora meus movimentos. Seguimos movimentando nossos corpos por partes, primeiro as mãos, depois braços inteiros, cabeças, quadril, joelhos, pés e o corpo todo.

Em seguida, nos espalhamos por toda a sala, usamos várias músicas com ritmos diferentes, com batidas mais fortes, outras mais suaves. Pedíamos que novamente se movimentassem pela sala, em várias direções, utilizando diversas trajetórias (linha reta, zigue-zague, em círculo...). Quando parássemos as músicas, eles/as teriam que escolher um nível (alto, médio ou baixo) e “congelar”.

Com paradas bruscas e depois suaves. Assim o fizemos. Com o passar do tempo, eles teriam que para de frente para algum/a colega, escolhendo um nível e expressar algum sentimento (felicidade, raiva, medo...) em seus rostos. Tivemos um bom aproveitamento também neste momento. Depois de algum tempo, sentimos que se divertiam, mesmo um aluno que resistia, ali sentado, observando, sorrindo.

Paramos para identificar se compreendiam o que estava acontecendo.

Questionamos: percebem que estão dançando? Que utilizam movimentos simples, naturais? E que cada um faz isso do seu jeito?

Ouvimos risos. Pensamos ser uma boa resposta.

Parada rápida para beber água. Respirar um pouco. Voltamos. Agora vamos começar a trabalhar com imitação. Dissemos a eles/as que seus corpos se transformariam de acordo com o que fosse solicitado. Poderia ser um objeto, um sentimento, um animal, uma outra pessoa. Eles deveriam continuar espalhados pela sala, andando em várias direções e utilizando diferentes trajetórias. Ao ouvirem a palavra de ordem, que seria o nome de qualquer coisa (como já foi dito), eles imediatamente se transformariam.

Assim o fizemos. Eles/as foram balões bem cheios flutuando lentamente pelo espaço, foram gigantes, foram balões esvaziando e balões estourando. Foram raios de sol no amanhecer, foram pessoas feitas de borracha, foram dinossauros. Tivemos outro momento bem divertido, cheio de risadas, mas acima de tudo, um momento que revelou potenciais de transformação. Corpos soltos e outros tímidos. Alguns corpos mergulhando fundo, outros fazendo mergulhos rasos. Corpos tentando se equilibrar, inflando, esvaziando, sorrindo, pisando forte e depois suave.

Pausa para reflexão. É possível nos transformar. Ser quem queremos ser. Não é fácil. Mas é melhor ser eu ou alguém que eu não reconheço ao me olhar no espelho?

Após este momento, pedimos que formassem duplas, e trabalharíamos o jogo do espelho e logo em seguida o “espelho do contra”. Primeiramente, um/a tentaria copiar os movimentos do/a outro/a, depois um/a faria um movimento e o/a

outro/a deveria fazer o contrário. Exemplo: se eu estiver no nível baixo, você ficará no nível alto, se eu girar para esquerda, você gira para a direita, se eu chorar, você vai sorrir. Se eu passar as mãos na barriga, você passará nas costas. A atividade aconteceu de forma descontraída e após este momento, paramos mais uma vez.

Questionamos: é melhor ser igual ao outro ou ser eu mesma? Percebem que, mesmo quando tentamos fazer algo igual ao outro, fica diferente? Cada corpo é único. E essas diferenças deve ser complemento umas das outras. Sorrisos, movimentos de cabeças concordando.

Mais uma pausa rápida. Não temos muito tempo. Vamos beber água rapidamente e na volta, formaremos dois únicos grupos. A tarefa é: ouvir a música que o colega que estava participando com a observação escolher. Organizar movimentos (uma pequena coreografia) e apresentar para os colegas. Deveriam utilizar os recursos (elementos) já explorados nas atividades. Demos um tempo para que se organizassem.

Depois do período de organização (e de tirar par ou ímpar para saber quem seriam os/as primeiros/as) os dois grupos se apresentaram rapidamente. Tentaram seguir os mesmos movimentos uns dos outros, alguns/as tímidos/as, outros/as mais soltos/as. Não eram bailarinos profissionais e perfeitos, esse não era o foco. E Bingo! Tivemos níveis alto, médio e baixo, ocupação do espaço, diferentes direções, giros, pequenos saltos. Percebemos que o conteúdo estava fluindo.

Para finalizar, lançamos um desafio. É possível dançar sem movimentar alguma parte do nosso corpo? Ouvimos um “sim” como resposta. É possível porque, como já havíamos afirmado, a dança é para todos os corpos. Demos mais um tempo para que se organizassem. E minutos depois, tínhamos um casal, que se colocou a bailar sem utilizar um dos braços. Não é algo de outro mundo, não era real, porque não havia alunos/as deficientes na turma. Mas mesmo assim, eles compreenderam que era possível para todos. É preciso que nós, professores/as, também tenhamos essa compreensão.

Finalizamos nossa oficina com mais uma tentativa de roda de conversa. No sentamos no chão, respiramos lentamente, esticamos as pernas. Questionamos: o que mudou até aqui? Quem gostaria de falar primeiro. SILÊNCIO ensurdecedor. O tempo acabando e mais uma vez, corpos que silenciam quando pedimos que falem.

Então mudamos a tática e pedimos que produzissem um texto. Falando sobre os conceitos de corpo e diversidade, sobre a importância da escola. Que

pudessem falar do que pensavam antes e o que foi construído durante a oficina. Todos/as concordaram e o texto seria entregue, no dia seguinte, para a professora que havia me acompanhado no último dia com eles. Posteriormente, ela me repassaria os textos.

Encerramos com falas de agradecimento e mais uma vez a importância de se reconhecer enquanto corpo para além da sua estrutura física, de reconhecer o/a outro/a e respeitá-lo/a em suas diferenças. Além de falar mais uma vez que a dança liberta corpos. Alimenta e transforma pessoas, conceitos e até mesmo lugares.

Fizemos um lanche juntos, tiramos algumas fotos, recebemos abraços afetuosos e partimos. Com lembranças, (re) construções e com o sentimento de que aprendemos tanto quanto eles/as.

4.2.1 A escrita dos corpos que não falam

No dia seguinte, eles/as entregaram o texto para a professora e ela nos repassou o quanto antes. Era o dia da atividade de encerramento das aulas e vinte e dois alunos/as levaram os textos. Nesta sessão, utilizaremos alguns para contextualizar nossas percepções.

Apesar de não se colocarem a disposição para falar, escreveram textos onde identificamos a mudança em alguns conceitos. Mas não era uma mudança radical, era complementar. A maioria manteve os conceitos que apresentaram anteriormente, porém, complementaram suas ideias com o que absorveram durante as atividades e os momentos de fala.

É complexo sim falar sobre corpo, sempre foi. Especialmente na escola. Temos conteúdos que são definidos previamente para serem abordados. No caso da Educação Física, o público (nossos alunos) já aguardam as aulas voltadas para práticas esportivas. Recordamo-nos, que em nossas experiências enquanto professores, logo no início do ano letivo apresentávamos todo o planejamento anual. É claro que poderiam haver modificações, porém notávamos por parte de alguns/as, um certo alvoroço ao apresentar os esportes e um certo descontentamento quando falávamos de outras temáticas como, por exemplo, envelhecimento, saúde e primeiros socorros.

A partir disso, imaginávamos que não teríamos reações tão acolhedoras ao apresentar nossa proposta para falar de corpo e diversidade através do conteúdo dança. Milsten e Mendes (2010) em *Escola, Corpo e Cotidiano Escolar*, afirmam que, existe uma complexa história de concepções sobre o corpo, desde a antiguidade até os dias atuais.

Na atualidade, e como parte de uma teoria crítica da realidade social, a centralidade da categoria corpo sustenta-se na necessidade de entender regularidades nas formas de dominação nas sociedades contemporâneas, nas quais se desdobram em múltiplas e diversas práticas sociais que reproduzem formas específicas de desigualdade, poder e controle (MILSTEN; MENDES, 2010, p. 26).

Assim, através dos questionários aplicados anteriormente, identificamos que as ideias de corpo perpassavam pelas lentes biológicas. O que não se diferenciava muito de nossas construções acerca do corpo enquanto alunos/as na educação básica. Sabemos que construir ou reconstruir conceitos sobre o corpo não é uma tarefa fácil e nem rápida. Porém ao ler os textos, notamos reconstruções bastante significativas e que foram alcançadas num curto espaço de tempo, a passos curtos é possível reconstruir.

Identificamos transformação de pensamentos e ideias ao ler que:

APÊNDICE D: Texto 01, produzido por um/a dos vinte e três alunos/as após as oficinas.

“A diversidade abrange vários grupos, várias etnias e várias culturas. Isso é um processo de conhecer o outro, aceitar suas opiniões, seu modo de viver. A temática da diversidade é uma coisa boa de se trabalhar, as pessoas socializam e aprendem a conviver com o diferente.

O corpo para mim, a partir da última atividade realizada em sala é um pertence meu, um lugar onde eu me refúgio, meu corpo é o que me define, se eu tento ser outra coisa dificilmente eu vou conseguir porque ele já foi adaptado ao que eu sou. Corpos são diferentes não existe ninguém igual a ninguém e isso causa a diversidade. Gente baixo, gente alto, olhos claros, olhos escuros. A diversidade e o corpo andam juntos e elas são coisas muito importantes de se trabalhar na educação física.”

A partir desta fala, notamos a compreensão de que o corpo pode ser discutido para além da anatomia e fisiologia humanas, muito presentes na Educação Física. Além da percepção da diversidade sendo colocada de forma mais ampla.

Uma outra escrita nos diz que:

APÊNDICE E: Texto 02, produzido por um/a dos vinte e três alunos/as após as oficinas.

“O corpo é a maior máquina que o homem tem contato, capaz de realizar as mais complexas ações, além de ser uma ferramenta incrível para diversas coisas. Sendo o seu conceito algo muito variado, dependendo da área onde ele foi estudado.

Porém em meios a tantas definições a que eu mais admiro seria a do corpo ser um meio de se expressar, como podemos ver na dança e em diversas outras práticas, é incrível podermos dizer tanta coisa apenas através dele. Sem contar suas diversas fases, todas as mudanças que são feitas nele durante a vida que podem representar várias coisas.

Por mais que sua definição seja tão abrangente nenhuma delas está errada, todos temos um corpo e podendo dizer o que o nosso é pra gente. Apenas devemos aceitar a infinidade de corpos no mundo, sempre diferentes um do outro, e assim aceitar a diversidade corporal. Diversidade seria a reunião daquilo que possui múltiplos aspectos. A diversidade pode ser bem maior do que parece, tendo diversos tipos, como: Diversidade cultural, Étnica e Social.

Por mais que o diverso seja algo normal hoje em dia são muitos aqueles que preferem classificar o diferente como certo e errado, sendo que hoje na sociedade podemos ver a infinidade de diferenças que cada um tem, especialmente a grande diversidade corporal. Não é porque o outro tem algo diferente que ele é o “estranho” ou “errado”, essa grande diversidade é a marca da nossa sociedade, mostrando que todos não são iguais, mas ainda assim merecem respeito.”

A partir disso, podemos dizer que o sentimento é de dever cumprido. Ao perceber que a temática corpo e diversidade foi ampliada e que a dança faz parte desta contextualização. Falar de corpo sempre será um desafio, na escola ou até mesmo fora dela.

Compreendemos, também, que nem todos irão acompanhar nossas ideias e por mais esforços que façamos, alguns conceitos não irão ser reconstruídos. Mesmo depois das atividades, identificamos a permanência de conceitos anteriores, sem muitas alterações. O que julgamos ser normal, porque nossas (re) construções também são diferentes.

APÊNDICE F: Texto 03, produzido por um/a dos vinte e três alunos/as após as oficinas.

“1 O que é corpo e diversidade?

É algo composto por músculos, ossos, sangue, tecido, órgãos, que são usados para diversas atividades. Cada um tem seu modo de metabolismo, sua cor, seu modo de se comportar, seu modo de pensar. E todos esses corpos juntos formam a diversidade, por serem tão diferentes e iguais ao mesmo tempo.

2 O que é dança?

Pra mim é todo movimento do corpo acompanhado com ritmo, podendo estar expressando algo, ou apresentando coreografia, como uma forma de passatempo”.

Educar com e para as diferenças é uma tarefa que exige paciência e determinação. Se não for assim, desistimos no primeiro obstáculo. Precisamos saber lidar com as conquistas e com os objetivos que ainda não foram alcançados na primeira tentativa. É preciso, também, termos maturidade para compreender que nem todos serão atingidos, transformados, tocados. Isso também é aceitar que trabalhamos com corpos diferentes, que são tocados por nosso trabalho das mais diversas formas. E embora alguns não apresentem o resultado esperado, isso não quer dizer que o trabalho não foi significativo ou que não teve bons resultados.

Para além do que imaginamos, apresentamos mais uma escrita, que fortalece a ideia de que falar de corpo a partir de outras óticas, é uma ação necessária também na escola.

APÊNDICE G: Texto 04, produzido por um/a dos vinte e três alunos/as após as oficinas.

“Meu corpo é meu templo particular, é mais singular. Onde me conecto e como eu me expesso. Antes era “a parte do vestuário que cobre o tronco”, apenas. Agora o vejo de outra forma, ou seja, com o poder de se expressar. Muitas vezes não nos libertamos por medo ou vergonha, mas é questão de tempo e aceitação.

A diversidade é complexa e cabe a nós entender que a dança e o movimento e outros, nos liberta, nos faz sentir, ouvir e fluir. Na dança podemos virar e criar o imaginário. É constrangedor para quem ao menos tentou, mas quando entendemos o corpo como uma diversidade de expressões podemos vê-lo de uma maneira ampla e mais leve. ”

Esse sentimento de leveza não será plantado em todos/as, acreditamos que mais precisamente, naqueles que se permitirem. É essa ideia de corpo que queremos alimentar.

Considerar o corpo em movimento como um sistema auto poético é reconhecê-lo como fenômeno que não se reduz à causalidade linear, é considerar ainda que o ser humano não seja um ser determinado, mas uma criação contínua. É, por fim, uma tentativa de abordar a corporeidade não como algo abstrato, é recusar as dicotomias, é ensaiar atitudes complexas para compreender o humano e sua condição de ser corpóreo em incessante movimento, admitindo diferentes interpretações, pautadas na circularidade ou recursividade dos fenômenos (NÓBREGA, 2008, p. 145).

No fim das contas, os corpos dançaram. Alguns no sorriso de se sentirem dançantes, outros no movimento preso e mesmo assim, dançantes. Cada um/a do seu jeito, com suas particularidades. Em meio a olhos tímidos, sem vergonha, brilhantes, desafiadores. Olhos abertos para inquietar-se.

O corpo não precisa ser um peso, a diversidade corporal não precisa ser um carimbo que diz: esse pode, esse não pode. E se podemos trabalhar para transformar, para libertar. Porque não o fazer?



Foto 6 - Ensaio: Sobre corpos que dançam. Fonte: Arquivo Pessoal

**CORPO?
SEM MAIS?
ACABOU?**

***“Quanto menos eu me reconheço em meu corpo, mais me sinto obrigada a me ocupar com ele.”
Simone de Beauvoir***

5 CONSIDERAÇÕES SEM FINAL

Nos permitimos ser aqui (in) conclusivos. Por acreditar que nossos corpos não podem ser concluídos. Por acreditarmos que falar de corpo é não concluí-lo.

Todas essas experiências, que nos acompanham desde os nossos ensaios na cozinha ou na sala enquanto limpávamos a casa nos permite dizer que nosso corpo não permite uma conclusão. E que é através dele e com ele que podemos ser possíveis. De perceber, aprender, ensinar, (re) significar, (re) criar, transformar.

A percepção está relacionada à atitude corpórea. Essa nova compreensão de sensação modifica a noção de percepção proposta pelo pensamento objetivo, fundado no empirismo e no intelectualismo, cuja descrição da percepção ocorre através da causalidade linear estímulo-resposta. Na concepção fenomenológica da percepção a apreensão do sentido ou dos sentidos se faz pelo corpo, tratando-se de uma expressão criadora, a partir dos diferentes olhares sobre o mundo (NÓBREGA, 2008, p. 142).

Diante de tudo que observamos, podemos dizer que existe dança na escola, porém, distante do que idealizamos, que é a dança que educa e transforma. Além disso, percebemos que a dança, quando abordada na escola, não contempla todos os corpos. Assim, muitos não se permitem tentar uma participação.

Percebemos ao longo das oficinas, uma mudança em relação ao comportamento corporal dos alunos, com pequenos sinais de estarem se sentindo mais à vontade para participar das atividades e de não direcionar ao outro, olhares furtivos (consideramos olhar que nos rouba, nos faz ter vontade de ser invisíveis). É perceptível, também, mudanças em relação a fala dos alunos sobre corpo e diversidade. Identificamos que alguns puderam reconstruir seus conceitos e que outros incluíram novos pensamentos a conceitos que eles já tinham. O que antes era um corpo instrumentalizado, passa a ser lugar de expressão, de aprendizado, de emoções que se mostram. O que nos permite destacar a experiência do corpo como meio criador dos sentidos. Como afirma Nóbrega (2008), a percepção não é uma representação mentalista, mas sim, um acontecimento da corporeidade, da existência.

Os corpos estão por toda parte, um diferente do outro. A escola é um universo e o contexto da diversidade corporal neste espaço é cheio de desafios.

É preciso compreender esse corpo, na escola, como sujeito, não apenas objeto para o ensino-aprendizagem. Os objetos são imóveis, apenas aceitam as

ações direcionadas a eles. Corpos são ação, possuem experiências, vontades, sentimentos. Nossos alunos não são tábuas rasas. As escolas não são um mundo perfeito, sem problemas e livres situações ruins.

Diariamente observamos nos mais diversos meios de comunicação situações que propagam cada vez mais o preconceito, que diminuem o outro como se suas características servissem exatamente para diminuí-lo. Essa intolerância ao que é diferente de mim está também no interior das escolas e é refletida em situações e relações dentro e fora da sala de aula.

Você observa seus alunos e alunas para além dos conteúdos que tenta passar? Percebe se estão assustados? Tristes? Se escondem, se mantem invisíveis ou são sempre participativos e se colocam à mostra?

Rangel (2013), afirma que rejeições externas, que podem ser manifestadas em diferentes graus, de forma explícita ou não, influenciam o sujeito a “sentir-se desigual”, submetendo-se a tratamentos excludentes em vários aspectos. Que podem ser de gênero, étnico-raciais, socioeconômicos, religiosos, culturais, além de aspectos físicos e cognitivos que o caracterizam.

Nenhum corpo, nenhum sujeito deveria ser diminuído por suas características, quaisquer que sejam elas. Acontece que esta regra não é válida para muitas pessoas, como bem observamos em noticiários na TV, nas redes sociais e nos mais diversos ambientes (escola, lojas, mercados). Corpos são mutilados de diversas formas e nós precisamos combater isso, também e, talvez, principalmente no interior das escolas.

[...] as ressignificações são necessárias a novos parâmetros, novos conceitos, novas formas de buscar um conhecimento com maior aproximação do real e, nessa aproximação, encontrar também maior disposição para aprender, reaprender e, se preciso, *desaprender*. (RANGEL, 2013, p. 29).

Trabalhamos com o conteúdo dança, que nos permite fazer uma abordagem de corpo e diversidade clara (assim acreditamos). Porém, hoje, pensamos ser possível abordar outras temáticas relacionadas ao corpo na Educação Física, ancorando nossas ideias em outros conteúdos. A atualidade exige que nos reinventemos.

Desta forma, propomos que a educação com e através da dança não seja excludente, mas que assuma um contexto em que possamos enxergar a nós mesmos e o outro de forma mais respeitosa. Para que sejamos capazes de construir

relacionamentos onde o eu e o outro, importam. Nós, professores e alunos, para que possamos desenvolver o sentimento de pertencimento, de fazermos parte de algo maior e melhor para todos e todas.

Se durante nossas práticas de ensino pudermos possibilitar que nossos alunos (mesmo em pequena escala) se tornem conscientes do que podem alcançar e do que podem ser, teremos feito um excelente trabalho. A dança liberta corpos, transforma pessoas e lugares.

“Dançar na escola não é somente preciso, é também possível” (MARQUES, 2011, p. 20).

No decorrer de todas essas experiências, elaboramos um material que poderá servir de apoio ao trabalho de outros/as colegas. Contribuindo para os trabalhos com dança na escola e para a ampliação das discussões sobre corpo, levando em consideração a diversidade corporal. Esse caderno foi construído com a ideia de contribuir, facilitar e incentivar a dança como um meio eficaz e de grande relevância, para se discutir diversas e relevantes temáticas, também, nas escolas.

Levando em consideração de que cada turma é um universo diverso, esperamos que este material colabore de alguma forma, para suas construções e abordagens sobre a dança e o corpo, especialmente nas aulas de Educação Física.

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. Estratégias de ensinagem. **Processos de ensinagem na universidade**: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula, v. 3, p. 67-100, 2004.

AUTORES. Bell Hooks. **Boletim Boitempo**. Disponível em: <https://www.boitempoeditorial.com.br/autor/bell-hooks-1372>. Acesso em: 10 set. 2020.

BARBOSA, M. R.; MATOS, P. M.; COSTA, M. E. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicologia & Sociedade**. v. 23, n. 1, p. 24-34, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições70, 2010.

BARRETO, Débora. **Dança ... ensino, sentidos e possibilidades na escola**. Campinas, SP: [s.n.], 1998. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/274878/1/Barreto_Debora_M.pdf. Acesso em: 10 set. 2020.

BRASILEIRO, L. T.; O conteúdo Dança em aulas de educação física: temos o que ensinar. **Revista Pensar a Prática**. n. 6, p.45-58, jul./jun. 2002-2003.

BRAUNSTEIN, F.; PÉPIN, J. F. **O lugar do corpo na cultura ocidental**. Lisboa: Piaget Editora, 1999.

DAÓLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

DAÓLIO, Jocimar. **Educação física e o conceito de cultura**: polêmicas do nosso tempo. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

DINIZ, I.K.S; DARIDO, Suraya C. Livro didático: uma ferramenta possível de trabalho com a dança na Educação Física Escolar. **Motriz**, Rio Claro, v.18 n.1, p.176-185, jan./mar. 2012.

FARAH, M. H. S. **Espaços e significados do corpo no “Experimental da Lapa (1967-1972)”**. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009a.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009b.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FERREIRA, Saralivia Salum. **Dança na escola**: um processo de criação. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP: [s.n.], 2009.

GAIO, Roberta. GÓIS, Ana Angélica F. Dança, Diversidade e inclusão social: sem limites para dançar! In: TOLOCKA, Rute Estanislava. VERLENGIA, Rozangela (orgs.). **Dança e diversidade humana**. Campinas, SP. Papirus, 2006.

GALEANO, Eduardo; **O livro dos abraços**. 9 ed., Porto Alegre, 2002.

GASPARI, T. C. Atividades Rítmicas e expressivas nas aulas de Educação Física. In: DARIDO, S. C.; MAITINO, E. (Org.). Pedagogia Cidadã. **Cadernos de formação em Educação Física**. São Paulo: Unesp, Pró-reitoria de Graduação, 2004, p. 139-158.

GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T. (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

HOOKS, Bell. "Eros, erotismo e o processo pedagógico". In: Guacira Lopes Louro (Org.) **O corpo educado. Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999: 113-123.

LABAN, Rudolf **Dança Educativa Moderna**. Tradução: Maria da Conceição Parayba Campos. São Paulo: Ícone, 1990.

MARQUES, Isabel. Eu vejo um caleidoscópio dançando: entendendo, criticando e recriando o mundo ao nosso redor . In: ROUHIAINEN, L.. **Maneiras de conhecer em dança e arte**. Helsinki: Theatre Academy, 2007. p.144-158.

MARQUES, Isabel A. **Dançando na escola**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

MARQUES, Isabel A. **Ensino de dança hoje**: textos e contextos. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MARQUES, Isabel. **Ensino de dança hoje**. São Paulo: Cortez, 1999.

MARQUES, Isabel. Notas sobre o corpo e o ensino de dança. **Caderno pedagógico**, Lajeado, v. 8, n. 1, p. 31-36, 2011.

Merleau-Ponty, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. Trad. Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. SP: Cosac & Naify, 2004.

MILSTEIN, Diana; MENDES, Héctor. **Escola, corpo e cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2010.

MINAYO, Maria C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

NEVES, Thiago T. **Batidas intensas: corpo e sociabilidade nas festas de música eletrônica em Natal**. 2010. 121f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Natal, 2010.

NÓBREGA, T.P. **Para uma teoria da corporeidade: um diálogo com Merleau-Ponty e o pensamento complexo**. 1999. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), Piracicaba.

NÓBREGA, Terezinha P. Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. **Estudos de Psicologia**. v.13, n. 2, p. 141-148. 2008. Disponível em: scielo.br/pdf/epsic/v13n2/06.pdf. Acesso em: 12 jul. 2020.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Qual o lugar do corpo na educação? notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 599-615, maio/ago. 2005. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 14 set. 2020.

PORPINO, Karenine de O. **Dança é educação: interfaces entre corporeidade e estética**. Natal: EDUFRN, 2006.

PORPINO, Karenine de Oliveira. **Dança é educação** [recurso eletrônico] interfaces entre corporeidade e estética. 2. ed. Natal, RN: EDUFRN, 2018.

Portal do COLUN. Disponível em: https://portais.ufma.br/PortalUnidade/colun/paginas/pagina_estatica.jsf?id=972. Acesso em: 09 set. 2020.

PORTO, Eline T. R.; MOREIRA, Wagner Wey. Diversidade humana: a corporeidade em movimento na dança. In: TOLOCKA, Rute Estanislava; VERLENGIA, Rozangela (Orgs.). **Dança e diversidade humana**. Campinas, SP: Papirus, 2006.

RANGEL, Mary. Desigualdades e seus efeitos na autorrepresentação. In: RANGEL, Mary (Org.). **A escola diante da diversidade**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013. p. 15-34.

RENGEL, Lenira. **Os temas de movimento de Rudolf Laban (I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII): modos de aplicação e referências**. São Paulo: Annablume, 2008. 92p.

SALLES, Leila M. F; SILVA, Joyce M.A.P. Diferenças, preconceitos e violência no âmbito escolar: algumas reflexões. **Cadernos de Educação**. FaE/PPGE/UFPel/ Pelotas, n. 30, p. 149-166, jan./jun. 2008.

SANT'ANNA, Denise B. Descobrir o corpo: uma história sem fim. **Educação e Realidade**. v. 25, n. 2, jul/dez 2000. Produção do corpo. Porto Alegre. UFRS.

SANTOS, B. de S. **A construção multicultural da igualdade e da diferença.** Coimbra: Centro de Estudos Sociais, 1999, Oficina do CES Nº 135.

SARAIVA KUNZ, Maria do Carmo et al. **Improvisação e dança.** Florianópolis: Ed. UFSC, 1998.

SILVA, Marise Borba de; GRIGOLO, Tânia Maris. Metodologia para iniciação científica à prática da pesquisa e da extensão II. **Caderno Pedagógico.** Florianópolis: UDESC, 2002.

TRESCA, Rosemary P. DE ROSE JR, Dante. Estudo comparativo da motivação intrínseca em escolares praticantes e não praticantes de dança. **Revista Brasileira Ciências e Movimento.** Brasília, V. 8, n. 1, p. 9-13, janeiro, 2000.

APÊNDICES

**APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO UTILIZADO PARA O PRIMEIRO
CONTATO COM OS/AS ALUNOS/AS DO COLUN.**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO GESTÃO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO
BÁSICA (PPGEEB)

QUESTIONÁRIO

CORPO E DIVERSIDADE: elementos teórico-metodológicos da Dança nas aulas de Educação Física Escolar.

Este questionário deverá ser preenchido de acordo com sua vivência. Você não deverá se identificar, desta forma, destacamos que sua identidade será preservada. Tudo o que for respondido, será utilizado apenas para fins científicos.

1º ANO ()

2º ANO ()

3º ANO ()

1- Você já dançou na escola?

()SIM ()NÃO

2- Se a resposta da questão anterior foi SIM, conte resumidamente a importância desta vivência para você.

3- Se a resposta da questão 1 foi NÃO, fale resumidamente porque você nunca dançou na escola.

4- Existem dificuldades para não dançar na escola? Quais?

5- Você acha que existe um corpo perfeito para a prática da dança? Como é este corpo para você?

APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO (DRP) APLICADO AOS /AS PROFESSORES/AS.

Diagnóstico Rápido Participativo para a pesquisa Corpo, diversidade e dança na escola.

Este questionário destina-se a pesquisar compreensão e opinião de educadores (as) sobre os desafios em discutir a temática corpo e diversidade na escola através da dança.

Iniciais do Nome:	Gênero: M () F()	Pesquisa: Corpo, diversidade e dança.
Tempo de trabalho na educação:		
Nome da unidade onde atua e bairro:		
Como você classifica seu conhecimento sobre corpo, diversidade e dança?		
() Não conheço nada		() Conheço muito pouco
() Conheço muito		
Exemplifique:		
Você considera importante trabalhar o conhecimento sobre corpo, diversidade e dança na escola?		
() Sim – Por quê?		() Não – Por quê?
O que considera importante que os alunos aprendam sobre corpo, diversidade e dança na escola?		
() Contribuições sobre o que é corpo.		
() Contribuições sobre o que é diversidade.		
() Conhecer os elementos da dança.		
() Conhecer mais seus corpos através da dança.		
() Compreender mais o corpo do outro através da dança.		
() Conhecer diversos tipos de dança.		
() Conhecer possibilidades de inclusão através da dança.		
() Outro. Qual?		
Quais experiências teve com dança na escola?		
() Nenhuma. Por quê?		() Na formação inicial. Quais?
() Na formação continuada. Quais?		() Na escola e/ou sala de aula. Quais?
Escreva como vê a facilidade ou dificuldade do trabalho com dança na escola em relação à: Formação, Material didático, Metodologia, Relevância da temática, ou outras questões que julga pertinente considerar.		
Você já observou ou vivenciou alguma situação de dificuldade ou mesmo preconceito na escola, que envolvesse a temática corpo e diversidade? Relate.		

APÊNDICE C: QUESTIONÁRIO (DRP) APLICADO AOS/ AS ALUNOS/AS.

Diagnóstico Rápido Participativo para a pesquisa Corpo, diversidade e dança na escola.
Este questionário destina-se a pesquisar compreensão e opinião de alunos(as) sobre os desafios em discutir a temática corpo e diversidade na escola através da dança.

Iniciais do Nome:	Gênero: M () F()	Pesquisa: Corpo, diversidade e dança.
Qual o conceito de corpo para você?		
Qual o conceito de diversidade para você?		
Já desenvolveu atividade de dança na escola ou em outro espaço?		
Já vivenciou ou presenciou alguma situação negativa em relação ao (s) corpo (s) na escola? Comente.		
Você considera importante abordar conhecimentos sobre corpo, diversidade e dança na escola?		
() Sim – Por quê?		() Não – Por quê?
O que considera importante aprender sobre corpo, diversidade e dança na escola?		
() Contribuições sobre o que é corpo.		
() Contribuições sobre o que é diversidade.		
() Conhecer os elementos da dança.		
() Conhecer mais seus corpos através da dança.		
() Compreender mais o corpo do outro através da dança.		
() Conhecer diversos tipos de dança.		
() Conhecer possibilidades de inclusão através da dança.		
() Outro. Qual?		
Você tem alguma dificuldade ou até mesmo algum preconceito em lidar com o tema corpo e diversidade? Comente.		
Você tem alguma dificuldade ou até mesmo algum preconceito em relação a atividade com dança na escola? Comente.		

APÊNDICE D: Texto 01, produzido por um/a dos vinte e três alunos/as após as oficinas.

0

Ed. Física

Diversidade e corpo

A diversidade abrange vários grupos, raças, etnias e várias culturas. Isso é um processo de conhecer o outro, aceitar suas opiniões, seu modo de viver. A temática da diversidade é uma coisa dos seus trabalhos, as pessoas socializam e aprendem a conviver com o diferente.

O corpo por mim o poder do ultimo atividade realizado em sala é um portador, um lugar onde eu me refugio, meu corpo é o que me define e eu tento ver outras coisas difíceis e não conseguir porque ele se adaptado ao que eu sou. Corpos são diferentes mas todos vinguem igual a mim mesmo e isso me dá diversidade. gente baixo, gente alto, olhos claros, olhos escuros. A diversidade e o corpo andam juntos e eles são coisas muito importantes dos trabalhos na Educação Física.

APÊNDICE E: Texto 02, produzido por um/a dos vinte e três alunos/as após as oficinas.

Corpo e a Diversidade

O corpo é a maior máquina que o homem tem contato, capaz de realizar as mais complexas ações, além de ser uma ferramenta incrível pra diversas coisas. Sendo o seu conceito algo muito variado, dependendo da área onde ele foi estudado.

Porém em meios a tantas definições a que eu mais admiro seria a do corpo ser um meio de se expressar, como podemos ver na dança e em diversas outras práticas, é incrível podermos dizer tanta coisa apenas através dele. Sem contar suas diversas fases, todas as mudanças que são feitas nele durante a vida que podem representar varias coisas.

Por mais que sua definição seja tão abrangente nenhuma delas está errada, todos temos um corpo e podendo dizer o que o nosso é pra gente. Apenas devemos aceitar a infinidade de corpos no mundo, sempre diferentes um do outro, e assim aceitar a diversidade corporal.

Diversidade seria a reunião daquilo de possui múltiplos aspectos. A diversidade pode ser bem maior do que parece, tendo diversos tipos, como: Diversidade Cultural, Étnica e Social.

Por mais que o diverso seja algo normal hoje em dia são muitos aqueles que preferem classificar o diferente como certo e errado, sendo que hoje na sociedade podemos ver a infinidade de diferenças que cada um tem, especialmente a grande diversidade corporal. Não é porque o outro tem algo de diferente que ele é o “estranho” ou “errado”, essa grande diversidade é a marca da nossa sociedade, mostrando que todos não são iguais, mas ainda assim merecem respeito.

APÊNDICE F: Texto 03, produzido por um/a dos vinte e três alunos/as após as oficinas.

① O que é corpo e diversidade?

É algo composto por músculos, ossos, sangue, tecido, órgãos, que são usados para diversas atividades. Cada um tem seu modo de metabolismo, sua cor, seu modo de se comportar, seu modo de pensar. E todos esses corpos juntos formam a diversidade, por serem tão diferentes e iguais ao mesmo tempo.

② O que é dança?

Para mim é todo movimento do corpo acompanhado com ritmo, podendo estar expressando algo, ou apresentando coreografia, como uma forma de passatempo.

APÊNDICE G: Texto 04, produzido por um/a dos vinte e três alunos/as após as oficinas.

O corpo e a diversidade.

Meu corpo é meu templo particular,
é mais singular. Onde me conecto e
como eu me expreso. Antes era "a
parte do vestuário que cobre o torso",
apenas. Agora o vejo de outra forma, ou
seja, com o poder de se expressar. Muitas
vezes não nos libertamos por medo ou
vergonha, mas é questão de tempo e
agitação.

A diversidade é complexa e cabe a
nós entender que a dança e o movimento
e outros, nos liberta, nos faz sentir,
ouvir e fluir. Na dança podemos
reinar e criar o imaginário. É constrangedor
para quem não tentou, mas quando
entendemos o corpo como uma diversidade
de expressões podemos vê-lo de uma
maneira ampla e mais leve.

APÊNDICE H: Caderno de Orientações Pedagógicas

**CORPO E DIVERSIDADE:
POSSIBILIDADES ATRAVÉS DA DANÇA NA
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

ÉRICA DA SILVA PINTO



SÃO LUÍS
2020



CADERNO DE ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

ÉRICA DA SILVA PINTO

CORPO E DIVERSIDADE: possibilidades através da dança na Educação Física Escolar

São Luís

2020





**REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO
MARANHÃO – UFMA**

Prof. Dr. Natalino Salgado

**PRÓ REITOR DA AGÊNCIA DE INOVAÇÃO,
EMPREENDEDORISMO, PESQUISA, PÓS-
GRADUAÇÃO E INTERNACIONALIZAÇÃO
(AGEUFMA)**

Prof. Dr. Fernando Carvalho Silva

**COORDENADOR DO PROGRAMA DE PÓS-GRA-
DUAÇÃO GESTÃO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO BÁ-
SICA – PPGEEB**

Prof. Dr. Antônio de Assis Cruz Nunes

ORIENTADOR DA PESQUISA

Prof. Dr. Raimundo Nonato Assunção Viana

ILUSTRAÇÃO

Débora R. Campos

DIAGRAMAÇÃO

Débora R. Campos

ORGANIZAÇÃO

Érica da Silva Pinto

GRAVURAS

Freepik





CORPOS NA ESCOLA

DANÇAR, PODE?
 E VOCÊ DANÇA? COM ESTE CORPO?
 O QUE É CORPO?
 E DIVERSIDADE?
 PARA DANÇAR TEM QUE TER O CORPO
 PERFEITO?
 MENINOS NÃO DANÇAM.
 DANÇA É COISA DE MENINA!
 MEU PAI NÃO ME DEIXA DANÇAR.
 VOCÊ NÃO SABE DANÇAR. VAI FICAR LA ATRÁS.
 OS/AS BONITOS/AS NA FRENTE.

Você já se pegou fazendo esses questionamentos ou essas afirmações em suas práticas? E seus/suas alunos/as?

Precisamos ir em busca de respostas. Ninguém vai conseguir solucionar essas problemáticas sozinho/a. Podemos refletir e agir juntos/as.





O CORPO

Paulinho Moska

Meu corpo tem cinquenta braços
E ninguém vê porque só usa dois olhos
Meu corpo é um grande grito
E ninguém ouve porque não dá ouvidos

Meu corpo sabe que não é dele
Tudo aquilo que não pode tocar
Mas meu corpo quer ser igual àquele
Que por sua vez também já está cansado de não
mudar

Meu corpo vai quebrar as formas
Se libertar dos muros da prisão
Meu corpo vai queimar as normas
E flutuar no espaço sem razão

Meu corpo vive, e depois morre
E tudo isso é culpa de um coração
Mas meu corpo não pode mais ser assim
Do jeito que ficou após sua educação





SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
1 INTRODUÇÃO.....	9
2 PORQUE DANÇAR NA ESCOLA?.....	13
3 CORPO E DIVERSIDADE NA ESCOLA.....	20
3.1 Reflexões sobre corpo.....	22
3.2 Sugestões de atividades para desenvolver as questões de corpo.....	27
3.3 Vamos falar sobre diversidade?.....	36
3.4 Sugestões de atividades para desenvolver questões sobre diversidade corporal.....	40
4 OUTRAS SUGESTÕES.....	44
4.1 Atividades baseadas em outros autores.....	44
4.2 Filmes para conversar sobre dança e outras temáticas.....	46
3.3 Sugestões de textos.....	49
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS.....	58





APRESENTAÇÃO

Esta escrita é para você, professor/a de Educação Física. Que, talvez, assim como nós, enxerga a ESCOLA como um ambiente de TRANSFORMAÇÃO. Onde, além de conteúdos formais, é possível ensinar a viver, a conviver e respeitar todos/as que são diferentes de nós.

A escola é um ambiente onde lidamos diariamente com uma grande variedade de corpos. Apesar de todos os aspectos da humanidade, ainda nos deparamos com situações de desrespeito e intolerância às diferenças. Assim, acreditamos que, enquanto educadores, precisamos agir para transformar nosso ambiente, pessoas e até nós mesmos. O bom disso tudo, é que podemos usar nossos conteúdos como meio para essas ações. Isso mesmo, transformar, que é uma ação cada vez mais urgente e necessária. Não existe uma fórmula mágica, mas podemos fazer várias tentativas.

Pensando no respeito às diferenças, que é cada vez mais colocado em pauta, queremos agir e sair da nossa zona de conforto. Desta forma, entendemos que na escola podemos aprender tudo, inclusive dançar. Isso mesmo! Dançar! Mas dançar para que?

Sabemos que desenvolver atividades para abordar esse conteúdo na escola não é uma tarefa fácil. Enfrentamos diversos tabus por parte dos alunos/as. Porém, também compreendemos que a não abordagem desse conteúdo muitas vezes parte dos "medos" embutidos em nós, professores/as.

Em alguns casos, a dança nem está incluída na proposta da Educação Física. Recordando os nossos tempos de escola, do Ensino Fundamental ao Ensino Médio, nunca esteve.

Pensando ainda na fala de colegas professores, percebemos que em muitas escolas, a dança ainda não se





faz presente. Por diversos motivos. Alguns deles são a “falta de afinidade com o conteúdo”, não se sentir preparado/a para a abordagem da dança, a resistência dos alunos. Nas poucas oportunidades da dança na escola, seja em festivais juninos ou datas comemorativas, nem todos os alunos tem acesso, assim, nem todos os corpos são “contemplados” com participação nas apresentações. Porém, pensamos que esse olhar sobre a dança e sobre quem pode dançar deve ser superado. Nas universidades, nas salas de aula da Educação Básica.

Pois bem, este não é um manual elaborado na tentativa de engessar suas aulas. Tão pouco de dizer que este é o jeito certo para abordar o conteúdo dança e todas as suas possibilidades na escola, já que, como já foi dito, a dança também pode ser usada como um meio para abordar outras temáticas relevantes, como o corpo e a diversidade.

No entanto, esperamos que as reflexões e propostas contidas neste Caderno de Orientações te impulse e te incentive a ver que abordar o conteúdo dança nas escolas e explorar suas possibilidades, além de compreender outras capacidades do corpo, não precisa ser um bicho de sete cabeças. E que pode ser mais prazeroso e útil quando passamos a enxergar a mesma com outro olhar. Com um olhar que vai além de reproduzir movimentos, de procurar “os/as melhores” para colocar na frente ou de montar coreografias para as festividades do cotidiano escolar.

Assim, acreditamos que este material pode contribuir para que mais jovens e escolas tenham acesso a dança como conteúdo formal da Educação Física, e quiçá para atividades fora da sala de aula também, indo ao encontro de reflexões para além do corpo que dança. Para que a mesma possa ser incluída como uma maneira de ensinar para além dos movimentos corporais ritmados através de uma música, possibilitando descobertas acerca do próprio corpo, do espaço e do outro.

Vamos lá?





Fonte: freepik.com

1 INTRODUÇÃO

O querer dançar e não se achar um corpo feito para isso durante boa parte da vida nos fez chegar até aqui. Até a pesquisa de mestrado que resultou neste caderno.

Durante muito tempo, ouvimos falar de corpos perfeitos. Corpos próprios para cada coisa. O corpo da dança, alongado, flexível e leve. O corpo do basquete, alto, sempre alto. O corpo da natação, branco, de ombros largos, mãos e pés grandes. O corpo rico. O corpo pobre. O corpo feio. O corpo bonito. O corpo perfeito!

Acreditamos nestas afirmações durante muito tempo. As diferenças nos afastavam. De grupos, de pessoas, de vivências, de movimentos. Ser diferente não era bom. Era assim na escola e, também, fora dela. Olhares anunciavam: "você não serve para isso."

Quantas vezes você já parou para perceber





que uma fala ou um gesto seu pode tornar um corpo um esconderijo e não um instrumento de fala?

Quantos de nossos alunos não se permitiram experimentar algo, por não se acharem aptos ou adequados para isso ou aquilo?

A diversidade de corpos está em todos os lugares. Inclusive na escola. E precisamos saber ou aprender a lidar e trabalhar com as diferenças. Precisamos desconstruir a ideia de que este corpo serve para isso e aquele corpo serve para aquilo. Os corpos podem servir para o que quiserem. Somos todos corpos capazes com capacidades e formas diferentes.

A diversidade corporal deve ser aproveitada de uma maneira mais positiva na escola. Possibilitando aos alunos e alunas se enxergarem como corpos diferentes que se complementam, não como corpos que competem sempre. Quem é o mais forte? O mais rápido? O mais bonito? O mais inteligente? Inteligente pra quê?

Combater as diferenças como algo negativo é uma tentativa de ajudar seus alunos a não verbalizar coisas como: "Professor/a não vou dançar porque eu não consigo. " "Não uso a farda de educação física porque sou muito gorda. Posso ficar aqui sentada? Eu faço uma atividade" "Dançar é coisa de menina professor/a." "Meu corpo não foi feito para isso. " "Eu nem sei para onde vai a dança. " "Não tenho ritmo"





É possível fazê-los compreender que ser diferente das outras pessoas não é um problema. E que cada corpo pode escolher o que pode ou não fazer. Que ser diferente é uma forma de complemento. Não deveria servir para distanciar ou tão pouco qualificar ou desqualificar as pessoas.

Dançar é para todos, independentemente de suas características. Principalmente quando pensamos em dança na escola. Que é (ou deveria ser) um espaço de (des) construção e transformação de pessoas, para além de conteúdos formais, fórmulas e conceitos.

Assim, aqui será possível encontrar trechos para discutir corpo e diversidade na escola, com e através da dança. Permitindo refletir sobre temáticas relevantes e necessárias para serem faladas também no interior das escolas.

Além das reflexões sobre corpo e diversidade, apresentaremos sugestões de atividades para desenvolver a temática, um quadro com indicações de filmes com a classificação e alguns comentários, atividades baseadas em outros autores e alguns livros que poderão contribuir na sua construção sobre essas temáticas. As atividades propostas neste caderno contemplam todos os corpos. São possíveis para todos. As mesmas foram inspiradas em atividades propostas contidas em outras obras, com algumas modificações.

Tudo o que nos permitiu chegar até este caderno





é baseado em nossas vivências enquanto alunos/as e professores/as, mas, principalmente, enquanto corpo. Que sempre quis dançar e só conseguiu fazê-lo sem plateia. Primeiro dançávamos escondidos em casa, depois fomos para a escola e mesmo lá, nossos corpos não dançaram. Fomos para a Universidade, vivenciamos a dança, bailamos nas aulas e nossos corpos sentiram a imensidão do que pode ser o dançar. Fomos para a escola. Descobrimos outra realidade, agora como professores/as. Inquietamo-nos. Voltamos para a Universidade. Investigamos, construímos nossa dissertação e conseguimos chegar a este material.

Pisamos o chão da escola, vimos e ouvimos muito. E todas essas experiências nos inquietaram e nos permitiram dialogar e chegar até aqui, que acreditamos ser nem a metade do caminho.





Fonte: freepik.com

2 PORQUE DANÇAR NA ESCOLA?

A dança é conteúdo formal da educação física e como tal, deveria estar incluída no planejamento de todo/a professor/a. Dançar pode ser frustrante para uns, porém, não podemos passar uma borracha no poder transformador que o movimento possui.

Refletindo sobre várias falas ditas em nosso contexto, nos deparamos com as mais diversas justificativas para o não ensino da dança na escola. "Não ensino dança porque não sou bailarino (a)"; "Não coloco dança no meu planejamento porque meus alunos não gostam de dançar", "Não abordo dança nas minhas aulas porque os esportes com bola são mais atrativos, os alunos sempre querem futebol e as alunas queimado". Marques, (1997, p.21), neste sentido diz que:

Apesar de na era do "politicamente correto" falarmos de pré-conceitos possa parecer





coisa do passado, ou até mesmo assunto repetitivo e maçante, o ensino da dança ainda é recoberto por esta densa camada de pensamentos e ideias em relação à sua "natureza". O forte pré-conceito em relação à dança é um motivo, inclusive, para muitos professores (as) darem outros nomes às suas atividades com dança ("expressão corporal", educação do/pelo movimento, "arte e criação", "movimento e criação", etc) que, em última instância, mascaram suas intenções e, ao mesmo tempo, permitem que um número maior de alunos (as) tenham acesso a ela.

Quantas vezes modificamos nossas falas por medo de que nossa aula não desse certo? Quando a temática em questão é a dança, percebemos ainda ideias preconceituosas e resistência.

Estamos educando para quê? Para robotizar corpos e mantê-los? Para formar pessoas capazes de mudar sua visão de corpo (seu e do outro) e de mundo? Que possam se apropriar da dança para fazer diferente ou para fazer a diferença?

Marques (2011) diz que os corpos que dançam são potenciais fontes vivas de construção, reconstrução e transformação do cotidiano. Que os corpos dos (as) alunos (as) que dançam são mais que uma matéria em movimento, são ideias, percepções, atitudes e comportamentos em constante diálogo com a arte e com o mundo. Assim, acreditamos que





os corpos que dançam possuem um potencial transformador absurdo. E que cabe a nós enquanto educadores (as) estimular esses potenciais, permitir que se descubram, que descubram também o outro, enquanto corpo e mundo.

Quando falamos em dançar na escola, não nos referimos ao ato de ouvir uma música e sair se movimentando pelos corredores. Nos referimos a dançar e ensinar/aprender algo com/através da dança.

A dança na escola não deve priorizar a execução de movimentos corretos e perfeitos dentro de um padrão técnico imposto, gerando a competitividade entre os alunos. Deve partir d pressupostos de que o movimento é uma forma de expressão e comunicação do aluno, objetivando torna-lo um cidadão crítico, participativo e responsável, capaz de expressar-se em variadas linguagens, desenvolvendo a auto-expressão e aprendendo a pensar em termos de movimento. (SCARPATO, 2001, p. 50).

A dança é compreendida como uma das formas mais antigas de manifestação da expressão corporal humana, é um meio de manifestação de um povo, sua emoção e comunicação. A Dança faz parte da construção cultural da humanidade e por assim ser, constitui o acervo das práticas corporais que hoje são entendidas como os conteúdos da Educação Física escolar. Neste sentido, integra os elementos pertencentes à cultura corporal, no entanto, ainda possui





pouco espaço no ambiente escolar (GASPARI, 2004). A dança como uma linguagem expressiva, deveria possibilitar outros conhecimentos sobre o mundo, sobre nós mesmos e sobre os outros.

Logo, como ressalta Almeida (2016), quando pensamos em dança na escola, devemos compreender que neste espaço a dança deve ser inserida com objetivos para além dos espetáculos, uma dança que não aprisione o movimento, mas liberte a imaginação, a expressão e a criatividade. Que utilize ações básicas do cotidiano e suas combinações (girar, saltar, andar, torcer), querendo um conhecimento mais amplo das possibilidades que temos de movimento, do espaço e da consciência corporal. A autora encerra falando que a dança na escola, deve possibilitar o brincar com o corpo, o conhecer-se, conhecer o outro e o meio que o cerca.

Pensando na dança como meio de educação, chegamos a *Rudolf Von Laban*, bailarino e coreógrafo, principal representante do que foi chamado de “dança educativa” ou “dança-educação”.

Marques (2011) afirma que as propostas de *Rudolf Laban* expressavam uma preocupação em fazer do ensino da dança um meio de desenvolvimento das capacidades humanas de criação e expressão, onde objetivava uma educação essencialmente através da dança. Educação esta





que nos levava a entender a dança como algo que pode fazer com que:

Sejamos capazes de experimentar relacionamentos nos quais a consciência do eu e dos outros é realçada. O sentimento de alegria que a dança dá nos ajuda a nos harmonizarmos e a ganharmos um incrível sentimento de pertencer. Se no nosso ensino tivermos ajudado as pessoas a enfrentar o medo e a conquistar confiança para se comunicar livre, sensível e imaginativamente; se sentirmos que possibilitamos que [os alunos] se tornem, mesmo em pequena escala, conscientes de seu potencial e dos outros, então teremos atingido sucesso. Este sucesso a justificativa de uma educação através da dança. (MARQUES, 2011, p. 78).

Rudolf Laban utilizou amplamente essa nomenclatura quando falava de seu trabalho educacional na Inglaterra. Ainda segundo Marques (2011), até hoje, quando se quer dizer que a aula de dança segue a linha de pesquisa de Laban, o termo "dança educativa" é colocado a frente e que, provavelmente, é baseado em seu livro publicado em 1948, "Dança Educativa Moderna". A autora ressalta ainda que o termo foi usado em contraposição a mecanização de que se apropriava o ensino do balé clássico na época.

Merleau-Ponty (1975) fala sobre corpo encarnado. O corpo que observa todas as coisas e se move no mundo,





ancorado na consciência de si mesmo. Com isto, podemos dizer que o corpo que dança na escola não deverá ser tratado como um reprodutor de movimentos mecanizados. Assim, a corporeidade deve ser entendida como um conjunto de significados vividos pelo corpo. Pois ao “ser-corpo” eu não reúno minhas partes uma a uma, elas são o meu corpo, eu estou em meu corpo, sou meu corpo. (MERLEAU-PONTY, 1999).

Estes novos olhares propõem compreender o ser humano na sua totalidade, da individualidade do corpo-sujeito ao corpo coletivo social-cultural, da animalidade à humanidade, do ser micro ao ser macro, vivendo neste planeta e estabelecendo relações com o cosmos. Assim, ao falar-se de corpo (aquele que dança na escola), nos referimos a esta totalidade e não a uma visão fechada e fragmentada do ser humano, pois na visão da Corporeidade, o corpo não é objeto para um “eu penso” apenas, mas para um eu sinto, penso, atuo, vivo e me relaciono. (MILANI, 2015, p. 92).

Assim, ressaltamos a importância de pensar que tipo de dança você quer na escola. Que dança você apresentar a seus/suas alunos/as? A dança que mecaniza ou a dança que liberta? Que amplia os horizontes ou a que limita?

Cabe a nós pensarmos se queremos ver em nossos alunos corpos capazes de se expressar ou corpos





que apenas se escondem. Cabe a nós compreendermos que podemos ajuda-los, também, nesse sentido. De descoberta de si mesmo, do outro e do ambiente em que vivem.

Para saber mais:

ENSINO DA DANÇA HOJE: textos e contextos – Isabel A. Marques

Para saber mais acesse:

www.portlandia.org.br
www.observatorio.org
<http://www.observatorio.org.br/portal/observatorio/observatorio-danca-no-processo-educacional/observatorio.html>





Fonte:freepik.com

3 CORPO E DIVERSIDADE NA ESCOLA

Você já parou para pensar que a diversidade corporal faz parte do nosso cotidiano? Na escola e fora dela. Estamos preparados para (con)viver diariamente com todas as diferenças e diferentes que nos cercam?

Quantas vezes você já se pegou pensando ou verbalizando algo sobre as características de alguém na escola? Seja colegas de trabalho, alunos ou demais atores do cotidiano escolar. Nós costumamos dar atenção a características de outras pessoas e nossas mesmo. Geralmente as nossas, são aquelas que não nos agradam. Porque não nos agradar de algo que é nosso? Que nos diferencia, nos caracteriza. Porque nos incomodar de algo que diferencia e caracteriza o outro?

Afinal, estamos educando nossos alunos para as diferenças ou para que tentem a todo custo se igualar? Leia-se igualar no sentido de se sentir parte de algo. Geralmente

20





de algum grupo. Se encaixar. Se sentir no “mesmo patamar”. E os jovens, acredite, costumam fazer muito para ser parte de algo. Até mesmo transformar-se em quem não são. Quatorze anos em sala de aula como aluno (a) nos mostra isso de várias formas.

As diferenças, na escola ou fora dela, deveriam fazer a diferença. Deveriam ser complemento. O que falta em mim, está em você, então nos ajudamos. Pode parecer até meio utópico, mas acreditamos que educar para as diferenças perpassa por, primeiramente, você, enquanto professor (a) acreditar que o seu trabalho é transformador. Suas aulas podem ensinar para além dos conteúdos formais. Segundo: ver seus/suas alunos/as como seres humanos diferentes e conseguir fazer com que todas essas características se complementem em sala de aula. É fácil? Nunca dissemos isso, porém, acreditamos ser possível.

Ter o corpo diferente ou fora do padrão estipulado socialmente, não deveria ser motivo para excluir ninguém. Seja de uma aula de dança ou da prática de qualquer outra atividade física/esportiva. Isso vale para a escola e para todos os lugares fora dela também. Mas nós sabemos o que de fato acontece. Durante algum tempo, nós professores fomos excluídos, agora nós (intencionalmente ou não) excluimos.

Excluimos os gordinhos nas equipes esportivas. Eles cansam rápido, nós queremos vencer! Na dança?





Queremos corpos alongados e boa postura! Para competir na escola tem que ser bom/boa! Então vamos escolher os melhores. Ensinar do zero não dá. Para as aulas de dança, só as meninas, por favor. Não queremos meninos dançando aqui. Ainda mais se forem "afeminados"!

Essas frases (não se surpreendam), já foram ouvidas em locais onde a educação é o foco. Várias vezes.

E diante de todo esse cenário, enquanto professores/as questionamos: QUAL É O NOSSO PAPEL NA ESCOLA? Educar para as diferenças ou reforça-las como algo que limita e diz quem sim e quem não?

As diferenças realmente fazem a diferença na sua escola?

3.1 Reflexões sobre corpo

O que é o corpo? Quem são os corpos na/da escola? Quais são os corpos que dançam na escola? É possível que tantos corpos diferentes possam estar no mesmo espaço de forma respeitosa e colaborativa? E quais são os corpos que não dançam na escola?

O corpo e o movimento, mesmo sendo valorizados nos processos educativos, ainda são tratados como elementos acessórios na formação humana (NÓBREGA, 2005). Percebemos durante algum tempo que quanto mais nossos alunos avançavam em relação as séries na escola, mas se





distanciavam das práticas esportivas, por exemplo. Porque eles começavam a receber uma cobrança, principalmente em relação ao vestibular. Com isso, acabavam optando por apenas se dedicar aos estudos e muitos acabavam abandonando as práticas esportivas. No Ensino Médio então, essa evasão das atividades era bem mais frequente.

Se pensarmos em nossas experiências enquanto alunos/as, diríamos que: passar no vestibular é mais importante que se movimentar, não dá para fazer os dois; nem todos os corpos são percebidos na escola; não é possível que tantos corpos diferentes estejam no mesmo lugar e somente coisas boas aconteçam. Se nos colocarmos como professores/as, o que muda é o fato de compreendermos que podemos agir para que essa realidade seja melhorada.

Para alguns o corpo é local de fala, para outros, esconderijo.

Nóbrega (2005) afirma que de modo geral, a compreensão do corpo como elemento acessório no processo educativo ainda é predominante. Porém, suas reflexões buscam apontar outros caminhos de compreensão do corpo na educação, tentando superar o instrumentalismo e ampliar as referências educativas. Assim, destacamos a necessidade de compreender o corpo para além da anatomia e fisiologia humana, na escola e fora dela, um como sujeito e não objeto, que traz e absorve conhecimento.





Podemos formar pessoas que sejam capazes de compreender que "no movimento dos corpos, podemos fazer a leitura, com lentes sensíveis, dos aspectos visíveis e invisíveis do Ser, do conhecimento e da cultura" (NOBREGA, 2005, p.609).

Esse corpo que se comunica de variadas formas é mais que um amontoado de matéria, que nasce, cresce, reproduz e morre. O corpo é lugar. De fala, de cultura, de experiências, de sentimentos, de vida. Movimentar-se é também falar sobre tudo isso.

"No corpo estão inscritas todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contacto primário do indivíduo com o ambiente que o cerca". (DAOLIO, 1995, p. 105). Assim, firmamos o pensamento de que o corpo é o nosso "*outdoor*" no mundo. Que vez ou outra, através de gestos e expressões diz muito ou tudo sobre a gente.

Pensar o lugar do corpo na educação em geral e na escola em particular é inicialmente compreender que o corpo não é um instrumento das práticas educativas, portanto as produções humanas são possíveis pelo fato de sermos corpo. Ler, escrever, contar, narrar, dançar, jogar são produções do sujeito humano que é corpo. Desse modo, precisamos avançar para além do aspecto da instrumentalidade. (NÓBREGA, 2005, p. 610).





O corpo é também lugar de dúvidas e inseguranças. Podemos dizer que essa construção negativa é resultado do que absorvemos dos ambientes que frequentamos. Assim, nossa imagem corporal é desenvolvida e reavaliada continuamente durante toda a vida. Por nós mesmos e pelos outros.

Quem nunca acordou e se sentiu a pessoa mais linda do universo? Ou ao se olhar no espelho acabou se avaliando e achando que deveria mudar muitas coisas em seu próprio corpo? Porém, sabemos que nem sempre essas inquietações surgem aleatoriamente. A opinião dos outros conta muito para algumas pessoas. Assim, acabamos sendo afetados com frases como: "Nossa, você engordou?" "Tá magra/o demais. Está doente?" "Você ficaria mais linda/o de cabelo liso." "Ai, essa cor não combina com você." "Você ficaria linda/o se seu nariz não fosse desse jeito."

E assim, a sociedade constrói corpos inseguros e infelizes com a própria imagem.

E isso também é corpo. Somos afetados pelo meio em que vivemos e pelas pessoas que dividem os espaços conosco. Essa influência é uma via de mão dupla, porque nós também a exercemos sob as outras pessoas e ambientes dos quais fazemos parte.

[...] hoje vive-se a revolução do corpo, valores relativos à beleza, saúde, higiene, lazer, alimentação, exercício





físico, têm reorientado um conjunto de comportamentos na sociedade, imprimindo um novo estilo de vida, mais aberto à diversidade por um lado, mas mais narcísico e hedonista no que diz respeito à experiência do corpo. (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 32).

Pensamos nesse contexto de mudança de comportamento e revolução de corpos de uma forma até contraditória.

Muitos discursos de aceitação do outro e de suas diferenças, porém, os comportamentos da vida real não demonstram o mesmo, ainda vivenciamos e testemunhamos cenas de desrespeito e diminuição do outro, pelo simples fato de ser diferente do que é colocado/imposto como padrão.

*Para leitura e reflexão:– Diana Milstein, Héctor Mendes.
CORPO E EDUCAÇÃO: desafios e possibilidades
– Filomena de Carlo S. Fabrin et al.*

O que estamos fazendo com/aos nossos/as alunos/as e com nós mesmos? Estamos educando corpos para a vida, ou apenas mentes que passam em vestibulares e concursos?

Para Merleau-Ponty, nosso corpo é pleno de subjetividade, podemos chegar ao conhecimento e tomar





decisões na vida. "... não estou no espaço e no tempo, não penso o espaço e o tempo; eu sou no espaço e no tempo, meu corpo aplica-se a eles e os abarca" (Merleau-Ponty, 1999, p. 95).

Assim, nos perguntamos que visão nossos alunos têm de corpo. Se seus corpos são encarados como uma totalidade, como afirma Merleau-Ponty, ou se percebem e enxergam apenas fragmentos de si. Partes que atuam de forma independente.

A seguir, iniciaremos um bloco de sugestões de atividades, onde poderemos inserir a temática corpo. Onde para além do movimentar-se, discutiremos com nossos alunos o corpo que se movimenta, a compreensão que eles têm de corpo (do seu e do outro).

As atividades propostas, contemplam todos os corpos presentes na escola. Lembre-se: todo corpo é capaz de produzir movimento. Cada um a sua maneira, com suas digitais corporais.

3.2 Sugestões de atividades para desenvolver as questões de corpo

Esta atividade foi inspirada nos escritos de MILANI (2014) O CORPO QUE DANÇA NA ESCOLA.

VIVÊNCIA 01 – EU E MEU CORPO – Aqui trabalharemos a percepção de corpo. O primeiro momento é decisivo, segundo





Milani (2015), é preciso contextualizar a aula, encantar e gerar significado. Portanto, prepare-se para provocar seus alunos, quanto a percepção que eles têm de seus próprios corpos.

Material: Usar música ou não é uma opção sua (porém, indicaria músicas instrumentais que inspirem calma), colchonetes (caso não tenha colchonetes, solicite que seus alunos levem uma toalha, para que possam deitar ou sentar no chão do espaço disponível).

Consideramos importante essa tentativa de aproximar os alunos de seus próprios corpos. Para que se percebam para além do que veem no espelho. É importante que você avise com antecedência, se precisar que os alunos levem algum material, como toalhas para substituir colchonetes. Avise também que no encontro desta aula, eles irão ficar descalços, para que não haja algum tipo de constrangimento.

Você pode iniciar esta atividade lançando perguntas simples como: vocês conhecem todas as características de seus corpos? Conseguem perceber seus tamanhos, pesos, temperaturas, batimentos cardíacos? Peça para que reflitam sobre suas respostas, enquanto pensam, podem tirar os sapatos e deitar nos colchonetes ou toalhas.

Neste momento, você irá solicitar que fechem os olhos, colocará (ou não) uma música suave e solicitará os seguintes passos:

- 1- Com os olhos fechados, se concentrem em suas respirações. Respirem fundo e lentamente, encham os pulmões de ar e soltem devagar.
- 2- Repitam, porém, desta vez, utilizem a barriga.





- Coloquem as duas mãos sobre a barriga e como se ela fosse um balão, encham de ar e depois esvaziam.
- 3- Continuem respirando lentamente e se concentrem em seus batimentos cardíacos, percebam se está lento ou mais acelerado.
 - 4- Ainda deitados, massageiem seus rostos, utilizando as pontas dos dedos.
 - 5- Sentem e massageiem suas pernas, seus ombros e seus braços (um de cada vez).
 - 6- Girem lentamente suas mãos, depois os pés, em sentido horário e depois anti-horário.
 - 7- Girem lentamente suas cabeças, em seguida virem os rostos lentamente para esquerda e depois para a direita, para baixo e para cima.
 - 8- Ainda sentados, deslizem as mãos sobre as pernas até tocar seus pés (quem não conseguir, vai somente até o seu limite).
 - 9- Ainda sentados, tentem alinhar a coluna e levantem os dois braços, como se alguém estivesse puxando-os para cima.
 - 10- Deitem novamente, criem diferentes expressões e posições do corpo, como se fossem estátuas esquisitas.

Essas instruções podem variar de acordo com o seu público, é importante manter a ideia do/a aluno/a com seu próprio corpo. Sem contato com os demais inicialmente.





Fonte: freepik.com

Explore mais:

Ao final desta atividade, você pode trocar a música e pedir que os alunos desenvolvam movimentos baseando-se na atividade anterior. Simulando uma dança suave. Todos ao mesmo tempo. Sem comandos. Cada um à sua maneira. Aqui você já inicia a percepção do EU, MEU CORPO E O ESPAÇO.

Para encerrar, você pode solicitar que formem um círculo. Retorne aos questionamentos iniciais para provocar as discussões.

Atividade inspirada nos escritos de ALMEIDA (2016) no livro QUE DANÇA É ESSA?

VIVÊNCIA 02 – EU, MEU CORPO E O CORPO DO OUTRO – Ainda na perspectiva de percepção corporal, aqui colocaremos em foco a percepção do outro e esta relação com outros corpos.

Material: Giz de cera; papel 40kg.

Cole folhas do papel para que fique do tamanho que caiba os alunos. Divida seus alunos/as em trios e distribua o giz de cera.





Peça que um dos alunos do trio deite sobre o papel em uma posição que identifique algum estilo de dança a sua escolha, os outros dois terão que fazer o contorno com o giz. Eles poderão preencher os desenhos com detalhes que percebem no corpo que foi contornado.

Quando finalizarem, prenam os desenhos nas paredes e proponha que cada trio exponha reflexões sobre o corpo contornado no papel. Podendo iniciar com alguns questionamentos como: Vocês se imaginavam desse tamanho? Da para saber de quem é o corpo apenas olhando o contorno? E se olharem os detalhes colocados no desenho, dá pra saber de quem são? Que estilo de dança essa figura representa?

A partir disso, podemos iniciar uma roda de conversa sobre como a imagem corporal muda quando parte de nós ou dos outros. Sobre o que nos diferencia e o que nos aproxima enquanto corpo. Sobre como somos particulares, diferentes uns dos outros, como somos especiais em nossas diferenças. Como somos únicos.

Sugestão: Seria interessante aplicar um questionário antes de iniciar os estudos sobre corpo, para compreender como os alunos entendem essas questões e a partir das respostas, elaborar seu plano de ação.





Atividade inspirada em um momento da oficina de fotografia, intitulada "ARTE DO CORPO INSPIRADOR", que aconteceu na cidade de São Luís, no ano de 2018, ministrada pela performer Lucilene Moreira.

VIVÊNCIA 03 – EU, MEU CORPO, O CORPO DO OUTRO E O ESPAÇO – Aqui, além da percepção corporal e espacial, introduziremos a abordagem dos elementos da dança segundo Laban, que são importantes para a construção do dançar. Aqui trabalharemos a perspectiva de espaço e tempo. Enfatizando as direções (para frente, para trás, para os lados), trajetórias (reta, curva, zigue zague, circular), cadência (rápido, lento) e percepção do ritmo.

Material: Caixa de som, músicas variadas ou algum instrumento musical (pandeiro, tamborim, reco-reco...)

Tentaremos fazer nossos alunos compreenderem que o dançar está relacionado a transformação que propomos aos nossos corpos. Quando dançamos nos transformamos em algo. Pode ser uma mensagem, um sentimento, um animal, um outro alguém... vai depender do que queremos que nosso corpo fale.

Você colocará músicas (de ritmos variados) e pedirá aos alunos que circulem pelo espaço (sala, quadra, pátio...) tentando se movimentar de acordo com o ritmo que estiver tocando. Você pode variar os comandos e pedir que se movimentem em diferentes direções (para frente, para trás, lateral e diagonalmente), na ponta dos pés, utilizando os calcanhares, lateral interna ou externa dos pés e em diferentes trajetórias.





Inicie individualmente, depois solicite que formem duplas e ao longo da atividade, introduza um comando para que troquem os pares. Pode ser um sinal ou algum tipo de som, fica a seu critério.

Você mudará a música com uma determinada frequência, para que eles tentem seguir o ritmo, caso esteja utilizando um instrumento musical, varie o ritmo, batucando mais forte, mais fraco, mais lento ou mais rápido.

Poderá utilizar outros comandos e pedir que os corpos se transformem em determinadas "coisas", assim, quando você der o comando, eles terão que modificar seus corpos e assumir uma postura de acordo com o que foi solicitado. Exemplo: um balão bem cheio, um bebê aprendendo a andar, uma bailarina triste, um dinossauro, seu super-herói favorito. Esses comandos devem ser pensados previamente, comece por algo mais simples e evolua para uma representação mais complexa.

Ao final, você pode provocar uma discussão sobre como eles/as perceberam a ideia de mudança de intensidade, velocidade e direção. Pontuando e diferenciando neste momento, estes elementos e relacionando-os com movimentos que eles reproduzem no dia a dia.





Atividade inspirada em MILANI (2015) O CORPO QUE DANÇA NA ESCOLA e em um momento da oficina de fotografia, intitulada "AARTE DO CORPO INSPIRADOR", que aconteceu na cidade de São Luís, no ano de 2018, ministrada pela performer Lucilene Moreira.

VIVÊNCIA04– MEU CORPO FALA—Aqui, vamos desenvolver elementos como alturas ou níveis (alto, médio ou baixo), peso (quantidade de energia consumida no movimento, que segundo Cone (2015), pode ser forte como aquela que empregamos em um suco ou leve como um movimento de flutuação. Lembre-se: antes de tudo contextualize a aula. Os elementos deverão ser explicados anteriormente para que sejam percebidos.

Material: caixa de som e músicas variadas.

Aqui, você desafiará seus alunos a contarem uma história sem usar a linguagem verbal.

Você pode trabalhar com temas ou deixar livre, para que os alunos escolham.

Vamos aquecer? Inicie solicitando que se movimentem pela sala, andando, ocupando todo o espaço, mudando de direção e em diferentes trajetórias. Você colocará músicas de diversos gêneros e pedirá que eles se movimentem e façam com que seus corpos transmitam o que sentem através da música (alegria, tristeza, medo, raiva). Cada vez que você parar a música eles terão que parar como estatuas, transmitindo algum tipo de sentimento, escolherão





um nível (alto, médio ou baixo) e se essa parada será forte, brusca ou leve, suave.

Em seguida, você dividirá seus alunos em pequenos grupos. E de acordo com o tema, cada grupo vai elaborar uma apresentação, onde deverão contar uma história utilizando apenas a linguagem corporal. Eles poderão usar música ou não para apresentar sua história. Você pode definir o tempo de apresentação, para que não fique tão cansativo. Sugiro de um minuto e meio a dois minutos.

Sugestão de temas:

- 1- Cinema
- 2- Violência contra a mulher
- 3- Amor
- 4- Amizade
- 5- Família
- 6- Preconceito
- 7- Drogas
- 8- Tecnologia
- 9- Infância
- 10- Circo

Após a apreciação das criações dos alunos, você poderá provoca-los quanto ao que pode ser discutido a partir da dança. Relacionando os temas abordados com a expressão corporal, criação de gestos e a própria construção da dança.



3.3 Vamos falar sobre diversidade?

Quem é bonito? Quem é feio? O que é ser normal? Esse cabelo é mais bonito? Quem dita essas regras? Porque acreditamos/seguimos essas imposições?

Nas escolas, os adolescentes e jovens interagem com outros, adolescentes e jovens, que são diferentes deles ou de seu grupo de referência em função, entre outros aspectos, da cor, da sexualidade, da nacionalidade, do corpo, da classe socioeconômica. No espaço escolar essa interação com o diferente, quando não é problematizada, se dá por meio de relações interpessoais pautadas por conflitos, confrontos e violência. (SALLES; SILVA, 2008, p.150).

Rangel (2013) diz que sentir-se desigual pode ser um modo de se enxergar menor, fazendo uma comparação com os demais e aceitando a ideia de superioridade e normalidade. O que acaba justificando um autoconceito inferior, afeta a autoconfiança e a autoestima, o resultado disso é uma contaminação da saúde física, psicológica e emocional.

Somos tão diferentes, penso utopicamente que isso deveria ser muito normal. Mas só penso. Bem cedo descobri que não era bem assim. Muitos descobrem isso das piores formas. Sentir-se desigual é desconfortável e pode gerar efeitos negativos para uma vida inteira. Efeitos





que debilitam a saúde, o equilíbrio de nossas emoções em dimensões significativamente trágicas, nos levando a avaliações negativas sobre nós mesmos.

Rangel (2013, p. 20), diz que:

Até mesmo o silêncio, o medo, a invisibilidade podem tornar-se opção de quem se sente desigual e não quer ser notado, porque, ao ser notado, sua forma de ser também será evidenciada e, com ela, o seu valor social menor e a sua exclusão, em seus vários tipos e processos violentos.

A escola é um ambiente onde as diferenças se encontram em suas mais variadas formas. Assim, os julgamentos que incluem conceitos e preconceitos estão sempre presentes. Como aluna foi assim, como professora continua sendo. É importante dizer que as atitudes de julgamento não partem apenas dos/as alunos/as.

Muitas vezes os jovens nas instituições escolares são reduzidos a estereótipos que são construídos em relação a ele e que podem promover conflitos entre estes e o mundo adulto, no caso direção, professores e funcionários da escola, bem como entre os próprios jovens. Quando os indivíduos são reduzidos aos estereótipos a sociedade constrói teorias ou ideologias para explicar essa diferença e justificar a discriminação. (SALLES; SILVA, 2008, p.158).





Para leitura e reflexão:

A ESCOLA DIANTE DA DIVERSIDADE – Mary Rangel (Org.), Marcio Caetano e Jonas A. da S. Júnior.

DANÇA E DIVERSIDADE HUMANA – Rute E. Tolocka, Rosângela Verlengia e colaboradores.

DIFERENÇAS, PRECONCEITOS E VIOLÊNCIA NO ÂMBITO ESCOLAR: ALGUMAS REFLEXÕES – SALLES E SILVA, 2018.

Então o que faremos ou poderemos fazer a respeito? Julgar? Ficar apenas observando porque não temos nada a ver com isso?

Enquanto educadores/as, também temos responsabilidades para além dos conteúdos. Isso inclui enxergar nossos/as alunos/as de forma mais humana. E se der, porque não intervir? Ajudar a amenizar dores, resolver conflitos, tomar a convivência mais saudável para todos/as.

Somos plurais, diversos. É isso que nos caracteriza, nossas diferenças. Somos únicos/as. Isso não deveria ser encarado como algo ruim. Ainda Rangel (2013), afirma que “no real, o que se encontra é, sobretudo, o valor da pluralidade que caracteriza os ambientes e as relações sociais”.

O que destoa, o que agride essas relações são atitudes que humilham, que desmerecem o outro e prejudicam sua autoestima. É esse movimento externo





de exclusão e rejeição que desencadeia o movimento interno correspondente, pelo qual o sujeito excluído também se exclui e atribui a si próprio a sua menor valia social. (RANGEL, 2013, p. 26).

Dessa forma, a autora ainda diz que em decorrência de manifestações preconceituosas, explícitas ou não, as pessoas podem se sentir inferiores, desiguais e se colocarem em situações de exclusão em diversos aspectos: étnico-raciais, socioeconômicos, culturais, de gênero, religiosos, de longevidade, além dos aspectos cognitivos e físicos que as caracterizam.

Ser diferente não deveria ser um problema para se colocar à disposição para tentar fazer algo. Nem deveria ser motivo para excluir alguém de qualquer tipo de atividade, seja na escola ou fora dela.

As diferenças de seus/suas alunos/as fazem diferença para você? Ou elas podem ser usadas de forma complementar? Contribuindo uns com os outros e compartilhando suas experiências e seus saberes.

A seguir, disponibilizaremos mais um bloco de atividades, que, desta vez, podem ser desenvolvidas para falar, também, de diversidade corporal. Destacamos, mais uma vez, que, todas as atividades são possíveis para todos os corpos.



3.4 Sugestões de atividades para desenvolver questões sobre diversidade corporal

Atividade inspirada no livro de ALMEIDA (2016), no livro QUE DANÇA É ESSA?

VIVÊNCIA 05 – ESPELHO DO CONTRA – Aqui mais uma vez trabalharemos a ideia de “eu, meu corpo e o corpo do outro”, porém, numa perspectiva que coloque em foco as diferenças.

Material: caixa de som, músicas diversas.

Você já deve ter visto ou vivenciado a atividade do espelho, onde uma cópia o movimento do/a outro/a. Esta é uma variação desta atividade.

Você vai solicitar que seus/suas alunos/as se dividam em duplas. Peça que escolham quem será o número 1 e o número 2 para a dinâmica. Sugira um dos dois números e este iniciará comandando, depois de algum tempo você poderá pedir para inverter.

Quem comandar iniciará fazendo seus movimentos e o/a outro/a deverá se opor, fazendo movimentos contrários.

Exemplo: Se o/a colega estiver dançando de pé, o/a outro/a deverá abaixar-se ou deitar-se. Se estiver para a esquerda, o espelho deverá ir para a direita. Se levantar os braços, o espelho deverá estar com os braços abaixados ou à meia altura e assim, sucessivamente.

Você poderá elaborar um quadro com algumas sugestões ou deixar a cargo da criatividade de seus/suas alunos/as.





Ao final, divida-os em grupos e utilize a ideia de movimentos contrários para criação de uma coreografia. Lance a proposta e permita que eles criem. O tema? "Ser diferente é bom". Eles podem escolher uma música para desenvolver a temática. Lembre-se de pedir que utilizem os elementos da dança que já foram desenvolvidos até o momento.

Ao final, provoque seus alunos quanto a ideia de ser o outro, de tentar reproduzir tudo o que outros corpos fazem. É mais fácil ser o meu corpo ou o corpo de outra pessoa?

Atividade inspirada em um momento da oficina de fotografia, intitulada "AARTE DO CORPO INSPIRADOR", que aconteceu na cidade de São Luís, no ano de 2018, ministrada pela performer Lucilene Moreira.

VIVÊNCIA 06 – MEU CORPO, SEU CORPO, NOSSO ESPAÇO – Aqui, os alunos continuarão mantendo contato e explorando o espaço. Estão inseridos elementos da dança como níveis, amplitude, cadência, direções e trajetórias. Quanto aos elementos, você poderá reorganizar a atividade, para inserir aqueles que julga necessários para o momento.

Material: algum instrumento musical de sua escolha, caso não tenha, podes usar uma lata, uma caixa de papelão e um pedaço de madeira.

Você solicitará que os/as alunos/as que formem duplas e se desloquem pelo espaço aleatoriamente. Quando eles estiverem se deslocando, você poderá tocar o instrumento,





primeiro lentamente, depois aumente a velocidade, toque baixinho e depois mais alto. Faça variações e avise que seus movimentos deverão seguir essas mudanças.

Quando você para de tocar o instrumento eles/as deverão fazer um movimento brusco (forte) e parar em uma pose e "congelar" em um nível da escolha deles (alto, médio ou baixo). Lembre-se, eles terão que reagir rapidamente para essa parada.

Você poderá variar aumentando o número de pessoas juntas. Trios ou grupos de quatro ou cinco. O mais importante aqui, é que eles/as entendam que são diferentes, que pensam diferente, fazem escolhas distintas. E está tudo bem fazer suas escolhas e ser diferente dos outros. E que mesmo com toda essa diversidade, é possível conviver e usar o mesmo espaço de forma harmônica.

Para encerrar, vamos dançar? Você poderá ampliar a atividade e dividir a turma em apenas dois grandes grupos. Anote em um pedaço de papel a palavra forte e em outro a palavra suave. Solicite que cada grupo pegue um papel, eles deverão criar uma apresentação de um minuto a um minuto e meio, baseada em forte ou suave. Isto determinará a escolha da música e de seus movimentos.

Esta atividade foi inspirada no livro de ALMEIDA (2016), "QUE DANÇA É ESSA? "

VIVÊNCIA 07 – OS SOMBRAS – Aqui você deverá solicitar que utilizem todos os elementos que já foram discutidos. Vamos trabalhar o poder da criação.





Material: caixa de som e músicas variadas.

Neste momento, você solicitará que seus alunos formem trios. Cada trio irá elaborar uma apresentação de 1 minuto a 1 minuto e 30 segundos, onde um será o corpo e os demais serão sua sombra. Você pode levar situações ou temas já anotados em diversos pedaços de papel dobrados. Ou pode deixar a cargo dos trios escolher a situação que irão representar.

Exemplo: Uma pessoa correndo da chuva com o guarda-chuva sendo levado pelo vento. Alguém fugindo de um cachorro bravo. Alguém tentando atravessar uma avenida movimentada fora da faixa de pedestre.

Você poderá sugerir três ou quatro músicas e eles escolhem de acordo com sua temática. Varie com músicas instrumentais, temas de filmes famosos e músicas mais populares.

Para finalizar, você poderá sugerir a construção de um festival. cuja temática, poderá ser DIVERSIDADE CORPORAL. Cada uma de suas turmas deverá criar uma apresentação. Limite o tempo de apresentação. Sugerimos de um minuto e meio a dois minutos. Eles deverão escolher a música e elaborar a coreografia. Você professor/a, será um mediador/a. não deverá construir a coreografia, mas acompanhará as construções. E irá interferir caso de hajam conflitos ou surjam dúvidas.



4 OUTRAS SUGESTÕES

4.1 Atividades baseadas em outros autores

Para equilíbrio e postura, direção e trajetória, sugerimos a atividade encontrada em Almeida (2016, p. 89).

❖ NÃO PODE CAIR!

Cada aluno/a deve caminhar pelo espaço com um pedacinho de EVA na cabeça, evitando deixá-lo cair. Caminhar de frente, de lado, de costas, girar, andar em linha reta, zigue-zague.

Proponha diversas posições em equilíbrios estáticos com um ou dois pés apoiados no chão. Peça para que caminhem novamente e quando emitir um "sinal" deverão realizar um equilíbrio.

Variação: ao final, poderá pedir que dancem como se estivessem equilibrando o EVA ou algum outro objeto na cabeça, nos ombros, nas mãos ou em quaisquer outras partes do corpo.

Para níveis, alto, médio e baixo, sugerimos mais uma vez Almeida (2016, p. 65):

❖ VIVO, MORTO OU ENTERRADO.

Prepare cartões coloridos para os comandos: vermelho para vivo, azul para morto e verde para enterrado. Separe músicas variadas, leves e fortes.





Inicie com o tradicional morto vivo, porém, utilizando os cartões. Ao mostrar os cartões os alunos/as realizam a posição. Insira o cartão verde.

Explique os níveis para que eles/as possam associar a atividade: vivo= nível alto, morto = nível médio e enterrado = nível baixo.

Em seguida, você solicitará que se movimentem pelo espaço, a medida que for mostrando os cartões, eles irão dançar no nível correspondente.

Exibir dois ou três cartões ao mesmo tempo para estimular a transição entre os níveis. Vermelho e azul, depois verde e azul.

Para discutir sobre movimentos mecanizados e movimentos livres nos inspiramos nesta atividade, adaptada de um material encontrado em um guia de Educação Física para o ensino médio, da Secretaria de Educação do Paraná, publicado em 2006 na página 197.

- ❖ Escolha uma música que esteja fazendo sucesso na atualidade e deixe seus alunos se movimentarem livremente. Eles/as, certamente, terão uma coreografia pronta e automaticamente repetirão movimentos pré-estabelecidos.

Após este momento, você irá questionar: todos criaram a mesma coreografia? E irá desafiá-los a se movimentarem novamente, porém, agora terão que criar seus próprios movimentos para a mesma





música. Deixando de lado a coreografia que "já faz sucesso".

Ao final, você poderá iniciar um debate sobre os movimentos mecanizados, onde copiamos coreografias "da moda", e assim, acabamos descentralizando quem não faz a mesma coreografia. Poderá propor também uma análise e reflexão das letras das músicas que fazem sucesso no cenário atual.



Fonte: freepik.com

4.2 Filmes para conversar sobre dança e outras temáticas

Ensinar através de filmes pode ser muito divertido, mas, também, desafiador. A escolha dos filmes, as discussões que poderão ou não acontecer posteriormente, tudo isso perpassa por uma linha tênue, que separa o assistir e aprender do apenas assistir, sem reflexões posteriores.





Ensinar através de filmes é ir além da transferência de conhecimento. Usar o filme na sala de aula exige rigor metodológico, pesquisa, respeito pelos contextos e as linguagens que deverão ser trabalhadas para a construção dos saberes dos educandos. Ensinar com o cinema exige criticidade, curiosidade como uma inquietação indagadora, exige coerência entre a história do filme e as suas expectativas, inclusive, a aceitação ou rejeição que acontece pela intermediação (SILVA, 2019, p.11).

Gusmão (2007) afirma que, através da cultura do audiovisual, a escola pode possibilitar a difusão de conhecimentos, a formação de comportamentos, e a constituição de memórias sociais, ao organizar lembranças e vivências. Contribuindo para o surgimento, manutenção ou a transformação dos discursos, condutas, gostos e afetos.

Para tanto, elaboramos um quadro com indicações de filmes que possuem como temática central a dança, mas que, também, circulam por várias outras temáticas. Nos permitindo afirmar que dança, também é conhecimento e que é possível abordar outras temáticas importantes, através do dançar.





FILME		COMENTARIOS
Billy Elliot	Drama Classificação: 12 anos	Billy é um garoto que possui um talento natural para a dança, mas precisa lutar para manter seu sonho de dançar. A trama envolve relacionamento familiar, preconceito.
Dança comigo	Comédia, romance. Classificação: 12 anos	A trama envolve relacionamento familiar, autoconfiança, amizade. Um homem encontra na dança uma forma de ser mais feliz.
O poder do ritmo	Drama musical, romance. Classificação: não encontrada.	Envolve questões raciais, diferenças de classes, busca por sonhos, coragem.
No balanço do amor	Romance, drama. Classificação: 12 anos	Uma bailarina, que perde a mãe e enfrenta diversos problemas. Romance, questões raciais, insegurança.
A bailarina	Animação Para todas as idades.	Uma sonhadora menina ortã toma uma atitude arriscada: fugir para Paris e realizar o sonho de ser uma grande bailarina.
Let's dance	Drama, romance. Classificação: 14 anos.	Um dançarino de hip-hop, talentoso, porém, inseguro. Se torna professor em uma renomada escola de ballet em Paris. A trama envolve amor, relacionamento familiar, amizade.
E então nós dançamos	Romance, drama. Classificação: 16 anos	Uma história sobre maioria, ambientada em limites conservadores.
Vem dançar	Drama/música Classificação: 12 anos	Conflitos de gênero, etnia, status social. Resoluções de dilemas pessoais.
Vamos todos dançar	Documentário Livre.	Passagem da infância para a adolescência, com as dúvidas e problemas da fase. Dança como método de incentivo de bons hábitos e socialização.
Sob a luz da fama: acampamento de dança.	Drama/música/comédia dramática Classificação: não encontrada	Alegrias e tristezas relacionadas ao amor e juventude. Sonhos relacionados a dança de um grupo de jovens.





Fonte: freepik.com

4.3 Sugestões de textos

A utilização de textos para incentivar as discussões em sala de aula pode ser muito significativa. Visto que, muitos dos/as nossos/as alunos/as, necessitam de um pontapé inicial para colocar seus saberes em público.

Utilizar textos, para leituras coletivas e posteriores reflexões, pode contribuir para que senão todos, mas uma parcela da turma se disponibilize a falar e contribuir de forma mais direta no desenvolvimento das aulas. Nossos alunos não são tabuas rasas ou folhas em branco. Eles trazem suas experiências e em alguns casos, só precisam ser desafiados para compartilhá-las.

TEXTO 01: “Para os que dançam pelo prazer e não pela aparência”

Por Tatiane Melo - Equipe Interacto





O que eu preciso para aprender a dançar? Um bom sapato, uma roupa legal, e acima de tudo... Confiança em si mesmo!

Sim, é isso mesmo! Com o pouco tempo que tenho envolvida com o mundo da dança, pude aprender muitas coisas e a mais importante delas sem dúvida é acreditar em você! Aprender a dançar bem, é um processo tão complexo e intrigante quanto viver! Por isso, quando entramos numa sala de aula com o intuito de aprender a dançar, percebemos muitas vezes que possuímos uma noção errada do que é dançar bem, gerada pelo senso comum. É mais difícil do que pensamos e muito mais prazeroso quando aprendemos de verdade.

Por isso, acreditar em si mesmo, ter paciência e se permitir errar são fatores fundamentais no processo de aprendizado e muitos desistem precocemente, pois não é simples treinar tais habilidades. O que é uma pena, pois somente o fato de procurar uma escola e tomar a iniciativa já é de muito valor, sobretudo para aqueles que para isso, tiveram que vencer a timidez, a baixa autoestima, o receio de não corresponder às suas expectativas e também às dos outros.

Mas se você se permite, e com persistência continua, sem se comparar com os alunos que tem mais ou menos facilidade, é como mágica, quando você menos espera vem a compensação, você consegue enfim fazer algum movimento que não conseguia na aula passada e isso é muito bom. Porém, só tem este prazer quem persiste, quem tem coragem de errar e se expor não correspondendo muitas vezes aos padrões estabelecidos, mas ainda assim com uma evolução incrível! Sem contar a atividade física, o bem estar, a música, um sorriso, a interação social, dançar é maravilhoso!

Realmente a dança é como a vida, temos dias bons e dias nem tão bons assim, em que não nos tiram pra dançar, que não nos sentimos interessantes e dias em que aquela dama ou cavalheiro que esperamos o baile todo nos tiram para dançar, e isso nos enche de entusiasmo outra vez. E nem por isso, nos dias ruins desistimos da vida, certo? Lutamos e mesmo que todos nos rejeitem, que a vida nos feche portas, persistimos, e cedo ou tarde encontramos compensações. E a dança com certeza nos fornece elementos





para encontrar satisfação, nela como atividade em si e na vida, nos ensinando sobre como olhar a nós mesmos, como olhar o outro, nos ensinando a ter disciplina, paciência, concentração, disposição, alegria, romantismo, amor próprio, tudo em uma única atividade, temperando nossa vida com muito mais sabor, música e aprendizado constante!"

Encontrado em: <http://grupoinovacao.blogspot.com/p/textos-de-danca.html>

TEXTO 02 – Dançando e Conhecendo.

Conhecendo o Corpo

Como já disse anteriormente em outras postagens, nosso corpo é a ferramenta para o desenvolvimento da dança e dos movimentos que são complementados pela emoção que transmitimos através dele. Então toda atividade de dança que realizamos traz um conhecimento bastante íntimo do nosso corpo. Aprendemos seus limites, amplitudes e capacidade. Buscando a partir disso desenvolver cada vez mais nosso próprio potencial, melhorando nosso conhecimento do corpo e aumentando nossas fronteiras.

Atingimos esse conhecimento através dos estudos do movimento, desde sua elaboração até sua concepção, dando sentido a expressão representada por ele. Porque quando dançamos queremos sempre transmitir algo.

Conhecendo os Sentimentos

Quando elaboramos uma coreografia ou fazemos parte dela, somente como dançarinos, tanto para o coreógrafo quanto para quem irá executar a dança existe uma experiência de conhecimento que precisa ser desenvolvida. Essa experiência é a forma como vamos expressar os movimentos, tentando passar uma mensagem através da coreografia a ser executada. Damos vida ao espetáculo, interpretando a história da composição coreográfica. Essa expressão é um complemento importante e precisa muito da maturidade corporal e sentimental





do dançarino (a). Muitas vezes sabemos executar os movimentos com perfeição, mas eles se tornam vazios se não colocarmos a expressão. Devemos entender qual mensagem se deve passar.

Conhecendo a Cultura

Em todas as modalidades ou estilos de dança, existem uma profunda ligação histórica. De onde surgiu, quais foram as influências que sofreram. Em que época e local da história humana vieram, qual tendência foi seguida. Muitas danças são de fundo folclórico (representam a cultura de um povo), outras foram se aperfeiçoando e absorveram técnicas e influências de vários segmentos e povos. Algumas surgiram por acaso, outras foram criadas por uma necessidade de se expressar. Então devemos conhecer a fundo a história que envolve a modalidade de dança que praticamos, pois com isso fica mais fácil entender todo o conjunto de coisas que envolve essa modalidade.

Encontrado em: <https://www.mundodadanca.art.br/2010/12/dancando-e-conhecendo.html>

TEXTO 03 – A importância de preservar a dança *A importância na Infância*

A dança revela a alegria de se descobrir através da exploração do próprio corpo e das qualidades do movimento. É a arte de mover o corpo como um todo, estabelecida graças a um ritmo e a uma composição coreográfica. Na infância ela é de fundamental importância, pois oferece o desenvolvimento de hábitos saudáveis que podem modificar futuros aparecimentos de doenças crônicas enquanto adulto, além de proporcionar maiores habilidades motoras para diversas atividades; redução de lesões; melhoria da adaptação social; etc.

A dança tem como objetivos:

- Trabalhar as capacidades físicas assim como o movimen-





to, expressão, musicalidade, literalidade, criatividade e socialização.

- Incentivar a prática da atividade física.
- Desenvolver o conhecimento da dança, os limites e a capacidade de aperfeiçoamento do (a) dançarino (a).
- Desenvolver a coordenação motora, equilíbrio e flexibilidade.
- Interação social com o grupo e entre si.

A importância da Dança (Mais considerações)

Ao passar dos dias, é notável a consciência da importância da dança como forma de expressão do ser humano. A dança hoje é percebida por seu valor em si, muito mais do que um passatempo, um divertimento ou um ornamento.

O desenvolvimento do ser humano como um todo se dá de maneira bastante ampla.

- TÁTIL – Sentir os movimentos e seus benefícios para o corpo.
- VISUAL – Ver os movimentos e transformá-los em atos.
- AUDITIVO – Ouvir a música e dominar o seu ritmo.
- AFETIVO – Emoções e sentimentos transpostos na coreografia.
- COGNITIVO – Raciocínio, ritmo, coordenação.
- MOTOR – Esquema corporal

Encontrado em: <https://www.mundodadanca.art.br/2011/01/importancia-de-preservar-danca.html#:~:text=A%20dan%C3%A7a%20e%20sua%20import%C3%A2ncia,e%20das%20qualidades%20do%20movimento>





Fonte: freepik.com

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Humanos. Eu. Você. E todas as outras pessoas.
Sujeitos, não objetos.

Todas as experiências que nos permitiram chegar aqui foram transformadoras. Não somos mais os mesmos corpos de antes de toda essa pesquisa. Pré-conceitos sobre corpo foram colocados em discussão. Corpos foram colocados em movimento. Ideias em suspensão. Temos a clareza de que alguns pensamentos não foram modificados, pois mudar exige tempo e pessoas dispostas a mudar (pensamentos, posturas, atitudes).

Porém, acreditamos que o olhar sobre nós mesmos/as e sob o/a outro/a (nossos e dos alunos), começará a desenvolver-se de outra forma. Diria até de uma forma mais respeitosa. Percebemos mudança nas falas antes e depois da experiência na escola, aumento da participação





nas atividades, de quem, inclusive, se recusou a participar inicialmente. É possível fazer todos os corpos dançarem na escola. Para além do dançar, é possível que nossos alunos transformem seus olhares sobre temáticas importantes e urgentes, como seu próprio reconhecimento enquanto corpo.

Reconhecer o outro como sujeito é o princípio de convivência solidária. E "conviver" significa "viver com" o outro (que também sou eu), ampliando com ele (e comigo) possibilidades de realizações comuns, sem os limites das fronteiras do preconceito. (RANGEL, 2013, p. 30).

Deveríamos nos enxergar por uma ótica mais humana, capaz de compreender que somos todos iguais, mesmo diante de todas as nossas diferenças.

Enquanto educadores, também somos exemplo, somos espelho. Inspiramos vidas. Salvamos vidas. De várias formas. Acredite!

Não é fácil trabalhar com turmas superlotadas, muitas vezes sem materiais. Mas isso não deveria ser impedimento para fazermos nosso trabalho com o mínimo de qualidade possível. Quando pensamos em aula de dança na escola então, parece que surge uma avalanche de pontos negativos e obstáculos.

Formações para os professores, participação dos/as alunos/as, espaço adequado. Se pensarmos





minuciosamente sobre esses fatores, a coisa não acontece. Pois sempre terá algo nos impedindo.

Diariamente vamos lidar com as diferenças de os nossos alunos na escola. O fato de serem tão diversos vai nos possibilitar vivenciar muitas situações, que podem ter características positivas ou não.

Trabalhar em grupo, lidar com as características do outro. Respeitar as individualidades. Não é fácil lidar diariamente com tudo isso, nem desenvolver maneiras para que nossos alunos se compreendam e compreendam os outros, enquanto corpos distintos, capazes dentro de suas possibilidades, cada um a sua maneira. E isto é difícil porque o mundo (a escola) naturalmente nos cobra ser melhores. Melhores para quem?

Falar sobre corpo e sobre estas diferenças através de outra ótica que não a da biologia não é algo rotineiro nas escolas, mas é necessário. Principalmente quando situações disseminadoras de preconceito e falta de respeito passam a acontecer com frequência. E quando muitos enxergam isso como algo "normal". Não é normal diminuir outras pessoas por conta de suas características, físicas, sociais ou de qualquer outro aspecto. Você pode pensar que essa discussão não é responsabilidade sua. Enquanto professor/a você está lá para ensinar os conteúdos, certo? Errado.





Há muito tempo, nossa missão como educadores ultrapassa os muros das escolas. Os acontecimentos e problemas que não estão no currículo também são importantes e merecem atenção. Lidamos diariamente com pessoas. Seres humanos que todos os dias (des) aprendem, se transformam e transformam (lugares e pessoas)

Falar sobre temáticas apara além dos conteúdos formais não é mais trabalho, é uma necessidade. É urgente. E adivinhe só? Os conteúdos de sua disciplina podem ser usados para tal.

No caso deste material, nos referimos a dança. Que é sim, capaz de transformar corpos, conceitos e atitudes. Através da dança é possível libertar corpos, de si mesmos e dos outros. É possível fazer corpos dançarem na escola. E para além do dançar, é possível transformar corpos e vidas.

Não é fácil, mas podemos nos colocar à disposição. "Direção é mais importante que velocidade". Não sabemos quem disse isso, mas transformar pessoas, perpassa pela ideia de saber onde queremos chegar e traçar estratégias para isso. Transformar pessoas não é como um estalar de dedos, exige planejamento, disposição e confiança. Acreditar que pode dar certo.

Então? Vamos juntos/as





REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fernanda de S. **Que dança é essa?: uma proposta para educação infantil.**/ Fernanda de Souza Almeida. – São Paulo: Summus, 2016.

BARBOSA, Maria Raquel; MATOS Paula Mena; COSTA, Maria Emília. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicol. soc.** vol.23 no.1 Florianópolis Jan./Apr. Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2011.

CAETANO, Márcio. **Os gestos do silêncio: para esconder a diferença.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005. Educação Física / vários autores. – Curitiba: SEED-PR, 2006. –248 p. ISBN: 85-85380-32-2.

GASPARI, T. C. Atividades Rítmicas e expressivas nas aulas de Educação Física. In: DARIDO, S. C.; MAITINO, E. (Org.). **Pedagogia Cidadã: Cadernos de Formação em Educação** Livro didático na dança Motriz, Rio Claro, v.18, n.1, p.176-185, jan./mar. 2012 185 Física. São Paulo: Unesp, Pró-reitoria de Graduação, 2004, p. 139-158.

GUSMÃO, Milene de Cássia Silveira. **Dinâmicas do cinema no Brasil e na Bahia: trajetórias e práticas do século XX a XXI.** 2007. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

MARQUES, Isabel A. Dançando na escola. **Motriz.** Vol. 3, nº 1, junho/1997.

MARQUES, Isabel. Notas sobre o corpo e o ensino da dança. **Caderno Pedagógico, Lajeado,** v. 8, n. 1, p. 31-36, 2011.





MARQUES, Isabel A. **Ensino de dança hoje: textos e contextos** / Isabel A. Marques. - 6^{ed.} - São Paulo: Cortez, 2011.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, M. (1975). **A estrutura do comportamento** (J. Corrêa, Trad.). Belo Horizonte: Interlivros. (Texto original publicado em 1942).

MILANI, Amanda Gabriele. **Gênero nas aulas de educação física: diálogos possíveis com os conteúdos do currículo do estado de São Paulo** / Amanda Gabriele Milani. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro Orientador: Suraya Cristina Darido - Rio Claro, 2015, 174p.

MOSKA, Paulinho. **O Corpo. Através do espelho-Ao vivo no rival**. Rio de Janeiro, 1997.

NÓBREGA, Terezinha Petrúcia da. Qual o lugar do corpo na educação? Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 599-615, Maio/Ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a15v2691.pdf> Em: 18/02/2020.

RANGEL, Mary. Desigualdades e seus efeitos na autorrepresentação. In: CAETANO, Márcio. **A escola diante da diversidade** Márcio Caetano, Jonas Alves da Silva Junior; organizadora Mary Rangel. - Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013. 108p.: 21cm. p. 15-30.

SALLES, L. M. F., SILVA, J. M. A. P. E. **Diferenças, preconceitos e violência no âmbito escolar: algumas**





reflexões. **Cadernos de Educação**, 1(30), 149-166. 2008.

SCARPATO, Marta T. Dança educativa: um fato em escolas de São Paulo. **Cadernos Cedes**, ano XXI, nº 53, abril/2001.

SILVA, Deleon Souto Freitas da. **O uso do cinema na escola: a construção de aprendizagens a partir de filmes**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia na Modalidade a Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba. Patos – PB, 2019.





AAUTORA



Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica na Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Especialista em Gerontologia Social e Saúde do Idoso pela Universidade Federal do Maranhão. Possui graduação em Educação Física, licenciatura plena, pela Universidade Federal do Maranhão. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Pedagógicas em Educação Física - GEPPEF - UFMA. Atuou como professora de Educação Física na rede Sesi - Serviço Social da Indústria (Escola Anna Adelaide Bello) e na Faculdade Pitágoras como professora no curso de Educação Física, em São Luís. Tem experiência na área de Educação Física, com ênfase em educação física escolar (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio), projetos sociais e atividades para a terceira idade.

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/7095663733968749>





O ORIENTADOR



Graduação em Educação Física e Técnicas Desportivas pela Universidade Federal do Maranhão. Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2008) e Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2003). Especialista em Ciências e Técnicas da Ginástica Olímpica pela Universidade Gama Filho (1994) Atualmente é professor associado do Departamento de Educação Física na Universidade Federal do Maranhão, docente do mestrado profissional em artes- da Universidade Federal do Maranhão PROFART-UFMA , docente do Programa de Pós- Graduação em Gestão do Ensino da Educação Básica PPGEEB–UFMA, . Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas Pedagógicas em Educação Física. Pesquisador e Coordenador Adjunto do Centro de Desenvolvimento de Pesquisas em Políticas de Esporte e Lazer da Rede CEDES do Estado do Maranhão. Pós Doutorando em Educação, junto ao Grupo de Pesquisa: Corpo, Educação e Cultura- CÔEDUC/PPGE/UFMT. Tem experiência na área de Educação Física, com ênfase nos seguintes temas: Corpo, Educação, Dança na escola, Danças tradicionais, Diversidade étnico racial, Estética. Autor do livro " O Bumba meu Boi como Fenômeno Estético: Corpo, Estética e Educação/ EDUFMA.

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/2070308377562824>

